

ALESSANDRO THOMÉ



A CASA ILUMINADA

Benvirá



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ALESSANDRO THOMÉ

A CASA ILUMINADA

Benvirá

Para

Liza Junqueira Thomé e Johann Romanini Thomé

Prólogo

— Sinto muito, senhor Melquíades. Sua esposa foi estuprada e morta.

O fato é esse. Beatriz estava morta. Melquíades a havia visto na vala, no meio do mato. Parecia inteira, se entendemos como inteira a ausência de falta de partes. Parecia confortável, não fossem os olhos opacos e fixos a delatar a morte, que, afinal, ninguém sabe se é confortável ou não. No entanto, o fato de parecer inteira e de aparentar conforto não alterava o que mesmo olhos pouco treinados poderiam ver. Beatriz estava morta.

O policial precisaria dizer isso tão displicentemente?

Melquíades era um homem sensato, de maneira que não cuspiu na cara do policial. Já bastavam a farda e o salário como coisas repugnantes na vida do homem da lei. Mas aquela informação, agora mais completa... Estuprada e morta. Estuprada e morta. Estuprada. Estuprada.

Mais tarde o legista disse a Melquíades esses detalhes que não mudam nada a não ser a quantidade de assombrações que vão nos acompanhar pelos dias e noites. O buraco na nuca fora causado por algum objeto perfurante, algo como um furador de gelo, coisa que por estas bandas de cá é como uma palavra complexa para um iletrado. Haviam encontrado esperma dentro de Beatriz, esperma recente, mas não precisariam fazer exames para saber que não eram de Melquíades, pois ele informou que havia dias seu amor pela esposa estava sendo expresso apenas por palavras. Canseira da vida, canseira do trabalho, e o Sol lá longe, naquela promessa de dias tranquilos em uma cidadezinha litorânea. Ela não teve tempo, nem ele, porque alguém estuprou e matou Beatriz e deixou dentro dela um monte de espermatozoides que não eram dele. Mesmo não querendo, teve de fazer exames para constatar o que ele sabia com um punhado de dor: aqueles bichinhos não eram mesmo seus.

Pelo exame do corpo veio a suspeita de que a ordem da frase mecânica deveria ser outra: morta e estuprada. Porque não havia no corpo da mulher nenhum sinal de luta, nem pele debaixo das unhas, nem um arranhãozinho sequer causado por uma haste de mato ou por um galho seco da vala onde foi encontrada. Ao que parecia, ela fora morta repentinamente, com o golpe perfurante na nuca, depois seu corpo foi violentado em um lugar qualquer e só então levado à vala no matagal e ali colocado gentilmente.

Detalhes. Meros detalhes que ao viúvo não causaram aparente reação. O silêncio dele bem poderia ser entendido como uma cumplicidade com a esposa, uma dor que não emite som, um pensamento que vaga. Não era nada disso, era apenas algo grande demais crescendo dentro dele. Uma dor que nascia das palavras que só existiam pelo ato. Alguém, algum desgraçado havia acabado com sua vida, porque alguém, esse alguém maldito, havia matado e estuprado sua esposa.

Por um bom tempo Melquíades não dormiu. Fechava os olhos, mas não dormia.

Os dias seguintes foram dolorosos, coisa idiota para dizer, mas necessária. Mais necessário ainda informar que para Melquíades havia pouca coisa à frente a não ser mais dias dolorosos. E é assim que é o amor, e é assim que é o ódio. Do amor por Beatriz nascia o ódio por outro alguém, e naqueles tempos cinzentos o viúvo meteu uma coisa no coração, o ódio, e outra na cabeça, a vingança.

Foram muitos os dias cinzentos depois da morte de Beatriz. Muitos mesmo.

Tinham uma casa confortável em um bairro disfarçado de jardim no nome, coisa que muita gente tem. Tinham amor um pelo outro, amor puro e verdadeiro, coisa que, espantosamente, muita gente tem. Tinham emprego fixo e alguma segurança, coisa que, apesar de tudo, muita gente tem. O que importa nisso é absolutamente nada, porque a vida do casal não merecia atenção alguma, assim como não merece atenção nenhuma coisa que

funcione na ordem esperada. Viviam felizes, e esta, sim, de maneira geral, é uma informação importante. Essa felicidade, esperada por todos, é sempre a causadora dos problemas. Ela é frágil, efêmera, e quando vem em torrentes, como veio para o casal, deixa marcas profundas quando se vai, como um rio repentino numa tempestade de verão.

Na casa confortável, Melquíades revivia Beatriz pelos cantos. A família veio, deu abraços e se foi. A cidade é sempre muito grande, com muitas curvas. O horizonte não existe para dar a noção de proximidade. Estão todos sempre perdidos em emaranhados e em horas. A felicidade tem de se dividir e se apertar em muros de divisas curtas, e é bom evitar sair de casa, para que a felicidade não pule o muro e vá visitar o vizinho. Os amigos também vieram, e alguns até ficaram. Tudo ali pertinho mesmo. Amigos de proximidade forçada por aquela sugestão de há pouco: evite sair dos arredores de sua casa. Depois a morte se abrandou por ali, e Beatriz apodrecendo em sua tumba era apenas um fato lamentável, mas irremediável.

As bolas rolavam pela rua, os carros eram lavados aos domingos. Dentro da casa de Melquíades, apenas ele e seu pesar e tormento. Nada de pernas esguias andando pela casa esparramando água pelos corredores. O cantarolar na frente dos vasos de flores eram lembranças amargas. Queria se livrar das roupas da esposa falecida, mas abria o guarda-roupa e o ar parado no quarto fechado se enchia do cheiro daquele sexo impregnado nas calcinhas. Batia a porta com força e chorava. Às vezes sentia-se igual ao assassino estuprador, porque aquele cheiro... Nada o fazia chorar a não ser aquele cheiro do sexo de Beatriz que teimava em ficar por ali. Era como se seu mundo ruísse pela ausência do corpo de Beatriz e apenas por isso. O que a havia matado era a existência daquele sexo, e o que matava Melquíades era a falta daquele mesmo sexo.

Beatriz, sem seu corpo, de certa forma estava sempre pela casa. Tudo continuava arranjado como ela deixara. E o que somos nós senão um monte

de coisas arranjadas? No entanto, essa presença era silenciosa e sutil demais. Tinha mais do peso da esperança humana na vida eterna do que qualquer desagrado por uma discussão besta, e Melquíades daria tudo para mais uma discussão dessas. Ele passou a dormir no sofá, ou na mesa da cozinha,

ou sentado no vaso sanitário. Mesmo aí ela estava. Maldita mania de querer trepar em tudo que é lugar. Mas não na cidadezinha litorânea, porque não chegaram a conhecê-la além das revistas e dos comentários. Talvez fosse uma saída.

Não havia mais trabalho. Melquíades gozou sua licença-luto e decidiu esticá-la para sempre enquanto o sempre de sua dor e ódio persistisse. Dentro da casa silenciosa o telefone tocou por vários dias e semanas, depois diminuiu, depois parou.

Um mês e meio havia se passado. A casa já cheirava a todo tipo de cheiro que a solidão causa, um sábio estratagema dessa senhora para continuar existindo. Os cheiros ruins afastam as pessoas. Melquíades havia dormido sobre a pia da cozinha. A certeza de que não teria mais sua esposa o levava a se lembrar dos tempos anteriores ao assassinato, tempos em que o trabalho o afastou dela, o afastou demais. Então ele se lembrava da última noite de putaria amorosa. Putaria das boas. E ela, a esposa amada e quente, se revirava no tapete macio da sala. Ele se recusava a tirar-lhe a calcinha. Gostava de ver o tecido escurecer conforme se umedecia. Depois, quando finalmente singrou as pernas rumo ao tapete, a calcinha se banhou em ar quente, que deixou impregnadas na trama do tecido todas as moléculas de odor. O cheiro da excitação de Beatriz era parte do tecido. E isso muitas e muitas e muitas vezes. A última vez, essa noite aparafusada na memória, veio e ficou. Melquíades se amaldiçoava, sentindo-se sujo, um estuprador, por ter uma ereção. Colocou um travesseiro dentro da cuba da pia, tirou a roupa e deitou-se ali, acomodando o traseiro sobre o travesseiro. Abriu um pouco a torneira de maneira que uma goteira simples, mas contínua,

esfriasse os ânimos do pau viúvo. Ali ele dormiu. Conforto não era necessário. Não fazia diferença dormir ou não. Nada fazia diferença. Tudo ia mesmo doer, afinal. Uma dor que não se apagaria, mas que poderia ser paga. Sim, sim. Vingança.

Ele acordou do sono não dormido. As costas doíam, o pau estava gelado e murcho. Que bom! O coração também deveria estar murcho, mas ainda bombeava uma remessa de vida a cada segundo, uma vida estéril que servia apenas para manter os sentidos e sempre mais e mais dor. O desejo de vingança, sentido no coração, dependia de saber a quem ser dirigido, mas até então não havia nenhuma pista sobre o assassino, aquele ser imundo a quem Melquíades teimava em se igualar. Para evitar a comparação que o matava, Melquíades decidiu que era hora de vencer o ódio e tentar levar a vida adiante. Não tinha maiores planos a não ser manter o plano que teve com Beatriz de se mudarem para qualquer recanto litorâneo, mas para isso precisava desesperadamente se livrar daquele coração vazio e daquele nariz sensível.

Minutos depois, o guarda-roupa ardia. O fogo queimou as calcinhas e transformou a lembrança olfativa de Beatriz, a mais dolorosa, aquela que era uma lembrança física e atuante, em nada além de uma fumaça negra que subia com a labareda que lambeu as outras roupas, depois abocanhou o guarda-roupa, saltou voraz sobre o quarto e, finalmente, devorou a casa toda.

Melquíades nada fez a não ser ir dando passos lentos conforme o fogo esquentava seu corpo gelado. Nem sequer se preocupou com o fato de estar vestindo apenas short, e foi assim que foi visto na frente de sua casa, que rugia o rugido de ódio que ele queria liberar na cara de alguém que não conhecia. Quem matou sua esposa matou a casa, e depois dos bombeiros o que sobrou foi apenas um esqueleto torrado para lembrar a Melquíades que o ódio e o desejo de vingança não são feitos de matéria consumível. O

cheiro que o atormentava não existia mais, nada de Beatriz existia mais. A casa que era o espaço onde ela se libertava, as horas que se espichavam e traziam a pressa de ir embora, os aniversários futuros, nada disso existia mais. No entanto, quem pode dizer onde se esconde a vida, mesmo as alheias, senão no coração de cada homem?

Ressequido e resumido a uma massa negra como a casa que via, era assim que estava o coração de Melquíades. E agora sem resquício algum da matéria que um dia foi de Beatriz, o viúvo sabia que perdia uma de suas utilidades também outra pequena parte sua, a parte equivalente ao estuprador, aquele que merecia perder tudo que fosse referente a uma possível paz.

Naquela noite as emissoras de tv noticiaram o caso daquele homem atormentado. A morte por si só é banal e corriqueira, mas o apodrecimento em vida é notícia. O homem que queimou a casa e saiu de short era agora o cachorrinho fofo e de olhos caídos de quem todos têm dó.

PARTE I

Fogo aos céus

No fim das contas, foi pior para a polícia não ter me deixado enjaulado. Eu bem que havia pedido encaree detivessem, que me prendessem sob a acusação de danos ao bem público ou por ter colocado em risco a propriedade e a vida de meus vizinhos. O que fosse, mas que me prendessem. Minha casa em chamas ruiu e jogou labaredas pelos fios dos postes e pelas roseiras da casa ao lado. O bairro todo ficou sem energia, e a esposa de meu vizinho chorou por suas rosas como não chorou por minha esposa. Tempos estranhos estes.

Mas não fui preso, acho que porque todos temos direito a um pouco de loucura, ou para ser diferente ou apenas para que se ouçam nossos gritos. E o grito de um viúvo pela violência parece ser sempre mais alto do que o lamento de toda uma nação atarefada em se esconder. Como não fui preso, tiveram de me procurar, porque eles tinham uma novidade para mim. Disseram-me que era uma boa novidade, e até hoje tento entender o que seria para eles uma má notícia.

Foi bom ter a imagem e a história nos noticiários. Uma casa em chamas é sempre uma forma eficiente de chamar a atenção. Quando me entrevistaram eu disse que ateei fogo em minha casa apenas porque não suportava mais as lembranças trazidas pelo cheiro de certa parte do corpo da minha esposa. Eu disse que aquilo estava me deixando louco e que não suportaria viver sabendo que aquele cheiro ainda existia, mas não de maneira a poder ser alcançado por minhas mãos, por minha boca ou por meu pau viúvo. Eu disse, juro. Mas os garotos da emissora editaram a entrevista, e o país viu apenas um homem atormentado pela ausência de sua esposa vitimada pela violência. Os jornais venderam muito por aqueles dias. As emissoras de tv cobraram alto pelo espaço para propaganda no horário dos noticiários. Todo

mundo queria saber, durante o intervalo comercial, que desfecho teria a história do homem que incendiou a casa para incinerar a dor, e todos teriam o direito de saber que estava à venda um fantástico método revolucionário de emagrecimento, ou um aparelho que extraía as vitaminas dos alimentos e as transformava em cápsulas, ou um sistema de implante dentário que faria os dentes caídos voltarem a crescer naturalmente. Todos me amavam, tanto por eu ser o exemplo do que lhes podia acontecer de pior quanto por haver a possibilidade de tantas maravilhas tecnológicas que transformariam a vida no oposto, a beleza indizível.

Pobre Beatriz. Por esse tempo ela devia estar enfeitada por um punhado de vermes. Os globos oculares, antes dois lindos olhos verdes, agora eram nada além de algo em que eu evitava pensar. Por mais que o fogo consuma, nem mesmo um cego pode deixar de se lembrar das belezas que existem e se vão. E quanta beleza há em saber que um par de olhos verdes é lindo, mesmo que jamais se tenha visto um.

Verdes, azuis, castanhos, caramelados ou negros, todos os olhos estavam voltados para mim, e isso me garantiu sobreviver com um mínimo de dignidade pelos dias que se seguiram ao incêndio. Saí de minha casa em uma manhã ensolarada vestindo apenas um short e tendo às minhas costas uma nuvem negra que levava ao céu minha história com minha esposa. Olhei para cima e imaginei aquela fumaça negra chegando ao paraíso celeste e se condensando em nossa casa novamente. Beatriz estaria lá em cima, ao lado de Deus, esperando para entrar em casa. Ela pediria licença ao Senhor, entraria em casa, fecharia as portas e janelas e tiraria a roupa. Andaria nua pela casa, se deitaria no tapete felpudo, abriria uma lata de cerveja e jogaria o líquido gelado em seu umbigo.

Esperaria que eu sugasse a cerveja, e ela teria toda a eternidade para isso. Quando os bombeiros chegaram e jogaram água no fogo, a casa pareceu se apressar em subir. A fumaça se amontoou mais e encobriu o Sol, o que obrigou o primeiro cameraman a acender a luz de sua câmara para poder

obter uma boa imagem minha olhando para cima e com um quase sorriso no rosto.

Disseram que foi uma cena bonita, e deve ter sido mesmo. No fim do dia eu havia ganhado roupas novas de uma marca famosa que tinha uma loja na cidade, e também uma estada gratuita, pelo tempo que fosse necessário, em uma casa de repouso. Vida louca esta. Alguns parentes e amigos vieram, claro, e tentaram se mostrar solícitos. Não tenho como julgar a nobreza ou a veracidade de suas intenções, mas preferi a casa de repouso, para pensar. Eu ainda mantinha a sanidade. Nenhum louco verdadeiro pensaria tão maquinalmente em algo, e eu, como não sou louco, tinha um objetivo. Eu queria

o assassino, e só o teria se meu caso deixasse de ser apenas um caso e passasse a ser o caso. Agradeço à mídia por isso.

Na casa de repouso conheci muita gente normal. Os estranhos estavam pela rua, sempre acreditando que há soluções por aí. Os normais, esses estavam lá naquela casa, no meio do mato, buscando um pouco de paz, um pouco de ar, um pouco de certeza de que o mundo está mesmo para acabar. Aproveite a vida, mas só se você tiver dinheiro ou se atear fogo à própria casa.

Eu não conversei com ninguém por lá. Ainda bem. Não conseguiria mesmo dar atenção a nenhum deles. De qualquer forma, não fiquei muito tempo, porque meu caso rendia dinheiro e revolta, e a polícia trabalhou bastante. Os policiais tiveram de fazer valer seu salário que não vale nada para fazerem valer o de todo mundo. Se tivessem me deixado ficar na cadeia, não precisariam ter ido à casa de repouso me buscar. Mas, oras, os rapazes também têm direito a um momento de tranquilidade, e juro que jamais vi um homem olhar para uma lagoa com tamanha paixão como um dos dois policiais que foram me procurar lá na casa de repouso. De dentro do carro, quando já estávamos indo embora, ele ainda torceu o pescoço para trás, para a lagoa.

— Queria que alguém matasse minha esposa, mas não sei se eu choraria por isso. — Esticou os olhos para mim. — Pescou aí?

— Não — respondi. — Vocês têm certeza que pegaram o homem que deu asas à minha esposa?

O investigador, que estava ao volante, sorriu. Mania besta de sorrir quando não se está feliz!

— Você ainda chama aquilo de homem? O cara entrou na delegacia e começou a se masturbar. Jogamos o doido numa cela, e minutos depois ele começou a fazer o maior escarcéu. Quando fomos ver o que era, o cara estava lá, com aquele monte de porra na mão e falando que ele tinha matado e fodido sua esposa.

— Você está falando de minha esposa — lembrei.

— Me desculpe, senhor. É que essas coisas deixam a gente até meio...

— Tudo bem. Mas... O que esse maluco tem a ver com o caso da minha esposa?

— Ora! O cara pediu que a gente fizesse o teste de dna com o esperma dele para comprovar que ele era o assassino e estuprador. O teste foi feito, e pode ter certeza que, se aquele doido não é o assassino, então ele é um doente mental que sai por aí procurando defuntos para foder.

— Eu estou bastante ciente de que minha esposa agora é uma defunta. Você não precisa ficar me lembrando disso.

Dessa vez não houve pedido de desculpas, talvez por ele julgar que a quase resolução do caso devesse receber agradecimentos em vez de obrigarse a um pedido de desculpas.

— Então essa é a boa novidade que tinham para mim? — perguntei.

— Não era o que o senhor queria?

— Sim.

E o silêncio que nos acompanhou pelo resto do trajeto era apenas aparente, porque havia dentro de mim um animal rosnando, uivando, berrando por vingança.

Um sorriso

A sala era poeirenta e repleta de cheiros estranhos. Eu jamais havia sentido qualquer um deles, não podia identificá-los, mas algo me dizia que eram o cheiro do próprio mal, como se o Diabo jantasse pelo mundo e viesse arrotar bem ali. Pensei comigo que um palito de fósforo resolveria todo o problema. Aliás, eu tinha certeza de que o mundo seria bem melhor depois de um palito de fósforo bem direcionado.

Havia uma mesa e duas cadeiras capengas. Cada cadeira era de um modelo diferente, e a mesa era nada além de uma tábua envernizada sobre quatro caibros também envernizados. Nada mais racional. Afinal, para que serviria uma beleza qualquer em um ambiente que tem como função dar boas-vindas aos pecadores?

A porta se abriu atrás de mim e moveu o ar, que fez um rebuliço pelos cantos e trouxe de lá mais cheiros escondidos, e creio que as mijadas por aqueles cantos não foram poucas. Dois policiais entraram, e com eles estava quem eu esperava que fosse. Naquele emaranhado de cheiros e sensações, consegui me fixar apenas no teto. Enquanto os três homens caminhavam os poucos passos que os separavam de mim, pensei no meu teto queimado que não mais cobriria minha Beatriz. Pensei também que não queria mais voltar à casa de repouso. De qualquer forma, talvez não me quisessem mais por lá. A propaganda já havia sido feita.

Em um tempo qualquer, entre o que quer que eu estivesse fazendo de supostamente importante para minha vida e a de Beatriz e o que eu fazia de nada por agora, eu a deixei ser apenas uma esposa prometendo-lhe algo grande. As pessoas falavam em trocar de carro, em trocar de casa, em viagens. Eu? Eu falava em dar-lhe o mar. Imaginava essa promessa como uma poesia, uma flor, talvez um diamante, sei lá, essas coisas de que as

mulheres tanto gostam e com as quais a gente compra anos e mais anos da vida delas. Ela dizia gostar do mar mesmo tendo-o visto tão poucas vezes. Sempre me esperando, e eu sempre a empurrar a onda de volta ao oceano, que estava sempre longe, sempre no fim de semana seguinte. Mas eu dizia, quando Beatriz reclamava da vida vazia, que o mar estava lá e que iríamos embora para uma cidadezinha torrada pelo sol, de faces enganadas pela brisa e de pés sempre refrescados pelas águas. Desenhava isso para minha morta com essas mesmas palavras, e ela não percebia o quanto eu mentia. Mentia como a brisa que refresca para enganar e como a água que está cheia de sal, sempre mentindo, sempre trabalhando para permitir que o sol aniquile tudo. E então, sob aquele teto onde tantos crimes eram contados, eu pensei em Beatriz e em como ela estava distante do Sol agora, e só então me lembrei de que queria desesperadamente olhar para os olhos daquele homem que estava sendo colocado sentado bem à minha frente.

Ele já estava com os olhos sobre mim quando eu baixei os meus. O teto era sujo, as paredes também, mas aquele homem... Por Deus! O homem era da cor de todas as cores. Um branco queimado e encardido, mas que parecia fazer o mínimo esforço para evitar a sujeira. Não me lembro de ter voltado a notar os policiais. Não sei se estavam fardados ou à paisana ou se eram dois padres que estavam ali. Se fossem dois anões verdes com cabeça de jumento e tromba de elefante, ainda assim eu não os teria notado, porque à minha frente estava o homem que havia dito ser aquele que matara e estuprara minha esposa.

Puxei minha cadeira mais para a frente. Tinha a ideia de segurar dois dos pés da mesa e levá-la de encontro ao nariz do desgraçado. Queria ver que cor o sangue teria escorrendo por aquelas rugas profundas que lhe cortavam o rosto. Não o fiz porque esse tipo de vingança irada é uma coisa muito chifrim, coisa de mente pequena. Aquele homem era uma linha torta na qual Deus havia escrito suas ideias certas. Eu me julgava uma linha torta, e peguei do Diabo o gosto pela vingança para retificar aquela linha e escrever

nela as ideias para as quais Deus, Nosso Senhor, não dá muita importância. A maldade estava em mim quando eu mentia um mar para Beatriz, uma ferramenta que faz cortes profundos e com a qual eu pretendia rasgar e dilacerar a existência daquela criação divina tão trabalhosa, tão única, tão grandiosa que era aquele homem, um ser humano como eu, com os mesmos direitos e os mesmos deveres. Estava no poder dele agir por seu livre-arbítrio e matar minha esposa e depois invadir a carne cheirosa dela com o que quer que fosse que ele guardava dentro das calças, e era um dever meu, um dever muito bem devido e escrito, era um dever meu torturar o assassino.

— Como é o seu nome? — perguntei com calma.

— Eu sou o grande Ismael — ele respondeu com uma voz meio assobiada, provavelmente devido ao ar que escapava pelo dente que lhe faltava.

— Você é um bosta — retruquei com a boca cheia.

Ismael sorriu.

— Você está sendo precipitado. Está acreditando no que esses caras te disseram. — E com o nariz ele apontou para os policiais.

Achei aquilo estranho e olhei para os policiais, que se olharam entre si, mas nada disseram.

— Não foi você que matou a minha esposa? — perguntei com um tanto de cautela.

— Claro que fui eu, mas você só pode acreditar em mim, e não neles. É bem típico as pessoas acreditarem na primeira coisa que ouvem por aí. Peixes, peixes. São verdadeiramente enormes. Nem a mentira contada pode ser maior do que eles.

Abriu o sorriso falho como se estivesse tão certo do que dizia quanto estava certo de que não seria compreendido.

Senti minhas mãos formigarem e uma vontade tremenda de vomitar. Cheguei a me envergar para o lado, mas me esforcei para não demonstrar

fraqueza e me levantei. Com um dente a mais do que Ismael, forcei um sorriso para mostrar-lhe em que condições estávamos eu e ele, mas Ismael deve ter entendido aquilo como um primeiro contato mais amigável, e me devolveu o sorriso, agora mais aberto.

Beatriz tinha um lindo corpo, e em seus trinta e dois anos de idade ainda podia usar camisetas sem sutiã. Os seios eram do tamanho das mãos que os segurassem, com mamilos que se projetavam para se encaixar em bocas sedentas ou em dentes faltantes. Foi por me lembrar desses seios que eu soube que eu era um homem que podia matar sem sujar as mãos, porque, ao ver aquele sorriso de Ismael, imaginei os mamilos de minha Beatriz escorregando pelo vão entre os dentes dele. Os mamilos que eu adorava sugar enquanto ela lia uma revista sobre comportamento feminino. Ela lia algo para mim, algo sobre as mulheres serem mais sensíveis do que os homens, e eu respondia com um “hum-hum” mudo e mudava de lado, indo sugar o outro seio. E depois, certo dia, ambos os mamilos, e sabe-se lá mais o quê, escorregaram por um pedaço de gengiva desdentada.

— Você está rindo de quê? — Desta vez cheguei meu rosto ameaçadoramente perto do de Ismael.

— Estou apenas sendo educado.

E que mau hálito tinha Ismael.

Voltei para trás e fixei meus olhos nos dele. Eram brilhantes, mais do que qualquer um que eu já houvesse visto. Talvez por não possuírem as mesmas marcas profundas do rosto, ou por não serem desgrenhados como os cabelos ralos, ou por não denunciarem ossos sob a pele flácida. Os olhos são coisas maldosas, mas não se pode acusá-los de ser mentirosos. Os de Ismael me irritavam porque denunciavam uma calma que era contrária ao que eu desejava para ele.

Um silêncio incômodo entrou na conversa, e se estendeu por tanto tempo que um dos policiais pigarreou. Olhei para ele e voltei a olhar para Ismael, que mantinha os olhos pousados sobre mim. Sua expressão dizia que ele

estava ali para me ouvir. Era como um psicólogo esperando que seu paciente se decida por onde quer começar.

— Por quê? — foi o que perguntei, sem ira ou ameaça, apenas uma dúvida dolorosa que provavelmente não receberia a luz que desejava.

— Por que o quê?

— Por que você... Por que você... você...

— Pense bem no que vai perguntar — ele me interrompeu. — São dois atos praticados, e a ordem do que você perguntar pode entregar sua verdadeira índole.

— Por que você matou minha esposa?

— Porque eu queria fazer amor com a sua senhora.

Esmurrei a mesa, e mereço louvores por isso. O ímpeto era a cara de Ismael, mas isso seria pouco, muito pouco.

— Seu demente desgraçado! Você não vale o papel higiênico que limpa sua bunda! Como assim...? Você é um monte de merda ao sol, merece apodrecer em vida, seu filho de uma vaca velha leprosa. E o que é, hein? Não consegue lidar com uma mulher? É isso? Hein? Nem estuprar uma mulher viva você consegue? O quê? É fracote? Não aguentaria com ela? É por isso que você matou a Beatriz. Seu merda. Aposto que...

Ismael se levantou, e aquela testa franzida e os lábios repuxados me diziam que ele, por algum motivo, estava profundamente ofendido. Os policiais deram um passo à frente, mas ficaram apenas observando.

— Qual o seu nome? — Ismael me perguntou.

— Meu nome é inferno, e você vai se lembrar disso pelo resto dos seus dias — respondi com firmeza, mas confesso que eu estava um pouco chocado pela reação de Ismael.

— Um homem sem nome, sim, é isso mesmo o que você é. — Ismael chegou-se um pouco mais, a ponto de empurrar a mesa com as coxas. Minha barriga encostava na madeira que encostava na coxa de Ismael. — Apenas um homem sem nome seria capaz de imaginar que eu, o grande

Ismael, seria capaz de uma maldade dessas. Você sim, homem sem nome, seria capaz de tomar a pureza de uma mulher em vida. Acha que eu sou baixo como você, homem sem nome?

— Melquíades. Meu nome é Melquíades. — Mas me arrependi de ter dito, pois soube imediatamente que Ismael estava me provocando.

Ismael se sentou com calma.

— Melquíades. Um nome grande para um homem pequeno. Pois eu te digo, pequeno Melquíades, que sou um homem maior e melhor do que você. Entendo o mal que posso causar e aceito essa condição. Matei sua esposa porque eu sabia o que eu queria fazer com ela. O fato é, pequeno Melquíades, que queria sua esposa, queria possuir sua esposa, e isso estava tão certo dentro de mim que não havia como ser diferente. Não entende? Não vê minha benevolência? Eu meteria em sua esposa de qualquer jeito, apenas evitei que ela estivesse presente quando isso acontecesse, por isso eu a matei. E você? Quanto mal você fez a ela? Quanto mal os homens fazem a todo o mundo?

— Mas que... que é isso? É isso que você vai alegar? Por que não diz de vez que é louco? Vai querer se sair com essa?

Ismael sorriu um sorriso exasperante.

— Esqueceu que estou aqui porque eu quero?

Novamente minhas mãos foram aos pés da mesa. Novamente me segurei.

— Eu quero estar aqui, pequeno Melquíades. O grande Ismael quer estar aqui — ele afirmou, vitorioso.

— Pois vai se arrepender de querer isso. E vai se arrepender de ter matado minha esposa.

— Não tenho remorsos. Nunca tive porque eu sempre fiz o que era necessário fazer.

— Ah! Então você acha que é um grande homem que fez grandes coisas? “Sempre fiz o que era necessário fazer.” E o que você fez, seu monte de merda mole? O que você fez na vida? Assentou tijolos, catou papelão na

rua, cuidou de carros estacionados? Me diga: o que o grande Ismael fez na vida? — perguntei tentando ser debochado.

— Eu pesquei e pintei.

E quanto orgulho Ismael ostentava quando respondeu isso!

— Pescou e pintou. Entendo. Era pintor de parede e gostava de pescar nos fins de semana. Nossa! Estou impressionado.

Ismael se ajeitou na cadeira. Aparentava a simplicidade inerente aos que vivem para sofrer e sofrem para viver. Aquele homem parecia não se encaixar no mundo ao qual pertencia. Mais do que isso, parecia não se encaixar em si mesmo.

— Sou um homem do mar, pequeno Melquíades, e só isso já me faz ser maior do que qualquer coisa que você possa imaginar. Amo os peixes, mas tenho que matá-los todos os dias para sobreviver. Para você é fácil. Para homens como você a vida é sempre fácil. Vocês se odeiam e passam a vida matando uns aos outros. Se matam devagar, todos os dias. Vida fácil essa. Mas eu... Eu tenho de ser forte sempre e sempre e sempre, porque para viver eu tenho de fazer o mal sabendo que estou fazendo o mal. Mas descobri que sei pintar. Sei sim, e muito bem. Mas me falta tempo, o que é uma pena. E, bem, acho que está na hora de parar com tudo, não é? Pelo menos por uns tempos. Vou ficar um tempo por aqui, depois volto para o mar.

Um homem do mar. Ismael se dizia um homem do mar. Eu gostei de saber disso.

— Você não vai mais voltar para o mar — afirmei como quem afirma que a morte é certa.

— Vou sim, pequeno Melquíades. Vou sim. Sou um homem bom. Não tenho remorso porque tive de perdê-lo quando matei meu primeiro peixe, mas não gosto de ter sangue nas minhas mãos. Queria, queria mesmo ter uma mulher como a sua. Puxa, como eu queria isso! Não podem me culpar pelos erros da natureza. E me arrependo dessa minha fraqueza, por isso me

entreguei. Também para ter um tempo para mim mesmo. — Ismael falava como se estivesse falando consigo mesmo, com o olhar pairando por um nada assustador. — Sua esposa não merecia o que eu fiz. Não sei, eu não a conhecia. Nunca a tinha visto. Vim para a cidade para andar um pouco mais, e vi uma mulher bonita e gostosa. Fiquei com vontade de comer essa mulher, e é isso. Mas ela não sofreu. — E ele lançou um olhar cúmplice para mim. — Acertei a nuca dela com um suporte para varas de pescar. Foi rápido. Um único golpe, e ela caiu. Como era mesmo o nome dela?

E agora sim a madeira rústica e suja encontrou a textura rugosa do nariz de Ismael. Ele caiu para trás, e eu ainda tive tempo de erguer a mesa e jogá-la mais uma vez sobre ele, agora sobre seu peito, antes de ser agarrado pelos policiais. Fui sendo arrastado para fora, e só depois fui pensar na estranheza do fato de eu, apesar de estar berrando e praguejando, ainda conseguir ouvir o que Ismael falava com a voz atrapalhada pelo sangue que escorria lindo de seu nariz.

— Eu me arrependi, pequeno Melquíades. Eu me arrependi e me entreguei, e Deus sabe o que fazer com quem se arrepende. O mar me espera.

E que bom que eu ouvi essa última afirmação de Ismael, porque foi ela que me permitiu parar de me debater e sair da sala sem que os policiais precisassem se esforçar mais. Que Beatriz estivesse no céu, ao lado do Senhor, e que por lá encontrasse algum anjo sedutor para satisfazê-la na eternidade, porque aqui embaixo eu estava vestido de vermelho e sorrindo. Tinha um porquê de estar vivo. Tinha um projeto para todos os dias que viessem, e eu sabia que, se alguém estava feliz com o que havia acabado de passar na minha mente, esse alguém era o Diabo. Perdão era algo que eu não queria dar, pois, se eu o desse, minha vida voltaria a ser chata como era quando eu era apenas o marido de Beatriz, a esposa ferosa e de seios apetitosos que eu não tinha mais.

Muito obrigado, meu Deus, por isso.

PARTE II

Novos ares

De fato, não voltei à casa de repouso. Agradei por me receberem lá e jurei que os indicaria a quem precisasse. Imaginei que eles sabiam que isso era mentira, afinal não sou um homem que costuma andar com pessoas que frequentam casas de repouso. Um dia, num passado recente, eu fui. Trabalhava no escritório de uma empresa de importação de peças automobilísticas. Tinha meu número, meu crachá, meu apelido e minha resolução de suportar tudo e todos para o bem de minha família, minha Beatriz. Larguei essa vida doida. Queimei meu passado, minhas roupas, meus documentos. Queimei o cheiro de Beatriz, mas as cinzas adubaram o solo por onde eu ainda deveria caminhar, e foi assim que nasceu em mim um novo desejo de estar vivo. Eu relutava em admitir, mas a morte de minha esposa foi um bom negócio para o meu desejo de viver. Saí dos dias impressos em calendários e me acomodei com satisfação em todos os simples nasceres do sol. Ismael estaria em cada um deles, sempre me empurrando para o próximo.

Não foi tão difícil refazer o que era necessário refazer do meu eu formal. Fiz meus poucos documentos indispensáveis e fui ao dinheiro que estava no banco. Cheguei a esticar o nariz na agência bancária para saber se havia algum resquício do perfume de Beatriz por lá. Reconheço que foi uma coisa meio besta de fazer, mas eu queria ter certeza de que não havia sido um erro não incendiar também aquele prédio. Que bom, porque precisaria daquele dinheiro para minha nova vida.

Às vezes penso se o tal do Destino existe mesmo ou não, e muitas vezes conluo que talvez ele exista mesmo apenas para nos fazer ter uma boa desculpa para sermos maus. Eu prometi o mar para Beatriz, e agora quem me levava ao mar era exatamente o homem que a havia matado. Fui ao

oceano e ao seu litoral com todos os pretextos ligados a Beatriz, e isso me pintava como um bom homem, como alguém que honra a memória da mulher amada. Há no mundo muitas histórias a serem contadas e, se elas todas são eternas, apenas o são devido à nossa mania de juntar tralhas em nossa casa e nossa mente.

Se me perguntassem, seria isso o que eu diria: “Prometi à minha esposa que viríamos ao litoral para viver uma vida simples, e é isso o que estou fazendo”. Eu e essa mania de mentir. Foi por Ismael que fui ao mar. Em uma análise mais aprofundada poderia dizer que foi por Beatriz, pois era ela que eu queria vingar. Mas não quero fazer análises aprofundadas, senão vou concluir que o que me levou ao mar foram apenas minhas pernas, que ainda queriam ter motivos para vagar por aí. Ismael me tomou a vida ao matar Beatriz, me tomou uma vida retilínea, mas me deu outra, uma vida com um objetivo: Ismael deve sofrer, e esse era o lugar ao qual qualquer caminho por que eu andasse deveria levar.

O bairro onde eu morava na cidade era tão jardim quanto o lugar que escolhi para morar era uma ilha. Vá lá que havia realmente água por todos os lados, mas uma ponte de não mais de duzentos metros de comprimento separava essa ilha do continente, o que para mim representava algo como um filho rebelde que sai de casa para ser vizinho da mãe. Mas não escolhi o lugar por ser uma ilha. Eu o escolhi por ser bastante bonito e por ter muito, mas muito mesmo o que pescar. Eu não entendia nada de pesca, nem precisaria, porque tinha o dinheiro para começar, e comprei um bom barco. Também não entendia nada de fotografia, mas comprei a melhor máquina que encontrei. Na ilha do Berço Grande, o que eu mais teria era tempo para aprender o que quisesse, mas me interessavam apenas a pesca e a fotografia.

No dia em que me sentei pela primeira vez à varanda de minha casinha simples de frente para o mar, recebi a visita de um de meus vizinhos no paraíso.

O sujeito tinha a mesma tonalidade de pele de Ismael, e imaginei que em breve talvez eu mesmo estivesse sendo tingido. De início não consegui imaginar a idade do homem, porque parece que o mar, a cada investida na terra, leva um pouco de cada homem consigo. Mas aquele vizinho tinha todos os dentes, o que me fez supor — uma conjectura de quem estava apenas aprendendo sobre aquele mundo — que tivesse alguns anos a menos que Ismael e outros tantos pela frente. Ele usava uma bermuda feita de uma velha calça jeans, uma camiseta regata branca com alguns furos, um par de chinelos de dedo e um boné. Mais tarde acabei descobrindo que essa era a moda verão de todos os anos no local. Os olhos estavam apertados devido ao sol, e continuaram assim mesmo depois de eu convidá-lo à sombra da varanda.

— O senhor é o dono daquele barco novo que está lá no píer?

— Se há um barco novo lá, não é o meu. O meu é usado.

— Mas por aqui ele é novo. Vai pescar ou usar para passeio? É um bom barco para pesca.

— Você pesca? — perguntei ao sujeito, indicando a cadeira para que ele se sentasse. Reuniões de negócios devem ser um momento de descanso.

O homem se sentou e começou a cutucar uma das unhas de seu pé esquerdo.

— É o que eu faço. Eu, meu filho e todo mundo por aqui. Eu e meu filho somos os melhores. Mas temos um barco muito pequeno. Esse do senhor é que é bom.

— E como é que é isso? Esse negócio de pesca? Isso dá algum dinheiro?

— Para o dono do barco ou para o pescador? — E ele olhou enigmaticamente para o mar.

— Meu nome é Melquíades. — Estendi a mão para o homem e, quando ele a apertou, me arrependi. Era a mão com a qual ele dilacerava a úlcera debaixo da unha.

— Toninho — ele respondeu sem me olhar nos olhos. Tinha voz forte.

— Toninho, tenho um barco e esta casa. Tudo devidamente pago. O que vier é lucro. Não sei como funciona o negócio de pesca, mas que tal meio a meio, fora os gastos com a manutenção e o diesel para o barco?

Deve ter sido um bom negócio para ele, pois o homem apertou novamente minha mão, mas dessa vez olhou em meus olhos por um breve segundo. Disse que morava no final da rua, na beira do rio Robalo, e me convidou para ir tomar um café com ele para conhecer sua família e conversar com ele e o filho sobre a coisa toda de pescaria.

Berço Grande tinha sua parcela de urbanidade, mas escolhi um vilarejo para morar. O vilarejo, conhecido como Vila Santa, ficava no lado sul da ilha, voltado para um mar mais manso, mas que tinha um ímpeto estranho devido ao seu encontro com o rio Robalo e o canal interno, aquele que separa a ilha do continente. A mesma corrente corria pelo oceano e pelo canal, vinda do norte. Separava-se pela ilha ao vir lá de cima e se revoltava ao encontrar a si mesma do outro lado. Essa é a melhor explicação que eu sou capaz de formular, mas creio que há algo mais científico acerca disso. O que interessa saber é que esse encontro na face sul da ilha fazia com que o rebuliço mantivesse as águas sempre meio agitadas nessa confluência. Some-se a isso o fato de ser exatamente nesse ponto que o pequeno rio Robalo desaguava e temos aí um ótimo berçário marinho, onde várias espécies iam desovar devido à grande quantidade de matéria orgânica em suspensão na água, o que servia de alimento para as crias. Com um punhado de peixes miúdos nadando por ali o ano todo, é claro que o nome do rio não poderia ser outro, pois não existia melhor lugar no mundo todo para pescar robalos, que iam devorar filhotes de peixe por ali. Isso tudo, é claro, eu só vim a saber depois, na conversa na casa de Toninho. Fiquei satisfeito quando ele contou que havia escolhido morar ali devido a esse fato da vida dos peixes. Indicava que ele conhecia o ofício e também aqueles seres que permitiam a existência de tal ofício.

Vila Santa era um lugar silencioso. Não passava de uma rua de areia que só existia porque existiam algumas poucas casas para delimitá-la. Não fossem essas casas, o que era chamado de rua seria simplesmente uma faixa a mais de praia. Atrás das casas — vinte e sete no total — estava o quintal daquela gente, um terreno alagadiço que garantia caranguejos quando a maré era ruim para a pesca e que de repente se tornava uma terra fértil onde crescia uma parte exuberante de mata atlântica. A mata subia a montanha e descia do outro lado, longe, na costa oeste da ilha, voltada para o braço de mar. Se as crianças quisessem brincar, que se contentassem com a areia e com o mar, que, afinal, se mostrava mais demoníaco do que a mata, devorando uma criança ou um pescador de vez em quando. Havia uma tal de Natalina que todos os dias enchia o mar com uma lágrima, chorando um filho morto mais de dez anos antes. Ela chorava sempre agachada na praia, com as ondas beijando-lhe as canelas, para que suas lágrimas fossem se juntando e se juntando. O mar devorava também suas lágrimas e empurrava a mulher de volta para sua casa de uma eterna janela fechada. Lá ela encontrava seu outro filho, irmão gêmeo do pequeno morto. Esse vivo, se era uma cópia do morto, deveria deixar claro que Natalina deveria chorar pela vida, e não pela morte, porque ele ficava perambulando pela cidade, no lado norte da ilha, à cata de qualquer turista que pudesse roubar para comprar cachaça e maconha.

Já nos primeiros tempos em Vila Santa eu notei que estava no lugar certo. A vida ali se disfarçava de bucolismo para gerar a simplicidade que permite ao homem morrer em silêncio. Eu também me disfarçava de mansidão e morreria em silêncio. E mataria vagarosamente, e em silêncio. De longe, se estendendo pela linha costeira como um risco cadente, vinham os fios que traziam energia elétrica para Vila Santa, uma forma de não me permitir esquecer o que havia me levado até lá. À noite eu sentava na varanda e ficava a olhar para o mar à minha frente. Mesmo em noites escuras, sem lua, era possível ver as ondas branquicentas quebrando. Ao norte de minha

casa havia outras duas casas, ao sul, outras vinte e quatro, todas elas com suas luzes noturnas denunciando o cansaço. Então eu pensava em Beatriz e em como ela gostaria de estar ali. Nada de aulas para adolescentes. E eu odiava todos eles, porque já fui um e sei bem o quanto gostam de mostrar que estão virando homens. Eu também olhava para os seios e as pernas de minhas professoras, e fazia questão que elas notassem isso.

Minha Beatriz, a mulher dos seios maravilhosos do tamanho de todas as mãos do mundo. Ela gostaria deste lugar que eu tanto prometi a ela. E assim, pensando nisso, eu me mantinha firme em meu objetivo. Pensava muito nela para criar mais dor em mim. Sem perceber, eu já tinha essa dor como esposa, porque era para ela que eu vivia, para apagá-la, assim como se apaga o desespero do amor mantendo-se perto dele. Pensava em Beatriz andando pela areia branca, se banhando ao sol. Talvez ela pudesse andar por ali com os seios expostos, porque aquela gente não erguia os olhos a não ser para olhar para o horizonte do mar ou para o céu, para saber se ia chover. Quase sempre não se precisava da visão, porque o vento vinha rebulicando a ilha e gritava a chuva ao longe. Os barcos se espremiavam no pequeno píer de madeira, um sino velho e enferrujado tilintava e a areia ficava batendo às nossas portas com o vento. Depois a chuva ia embora e todas as mulheres varriam a areia e a devolviam à praia, sempre e sempre e sempre, e era apenas para isso e para limpar peixes que elas existiam, o que julguei ser um indício da verdade que existia naquilo que Ismael havia me dito sobre querer demais trepar com minha esposa. O motivo disso me ficou bem nítido já naquela tarde em que fui à casa de Toninho tratar de negócios.

Não sei quantas vezes Isaulina, a esposa de Toninho, fez café em sua vida, mas é certo que ela aprendeu, e bem. E parecia algo tão mecânico que não me convencia de que em algum momento ela tenha se preocupado se o café estaria bom ou não. Talvez nossas sensações sejam fruto de um aprendizado que não aprendemos a reconhecer. Achei bom também aquilo do café da esposa, sinal de que ela cuidava do marido que pescava. Depois

ela veio com uns doces de frutas e sei-lá-o-quê. Comemos, e ela foi a uma grande pia do lado de fora da casa, onde havia um punhado de peixes para serem limpos. Uma menina, Mariana, foi ajudar a mãe, e as mulheres deixaram os homens tratando de negócios.

Menina. Mariana, uma menina ou uma mulherzinha? O sol havia apenas bronzeado a pele dela, mas sem ressecá-la. Olhos meio esticados, escuros. Menina demais para o short que lhe desenhava as pernas baixas. Mulherzinha demais. Isso tudo em suposição, porque eu não sabia a idade dela. Cruzei minhas pernas e me cheguei mais à mesa, escondendo debaixo o que devia ser escondido.

— A gente sai sempre cedo e volta à tarde. Às vezes, quando há um bom cardume mais longe, passamos dois dias no mar, para render mais — disse Toninho, e eu tentei prestar atenção nele.

O filho estava calado, deixando o pai me informar. Tinha uns músculos sobressalentes, como se sobrassem. A aba do boné escondia-lhe os olhos.

— Sempre vão pescar vocês dois? — perguntei.

— Às vezes, se a gente crê que vai estar bom, bom mesmo, chamamos um amigo para somar.

— E mais dinheiro a ser dividido — completei.

— Cinquenta por cento do que vier a mais é melhor do que cem por cento do que ficar no mar.

Quase vi Ismael falando, mas era apenas Toninho. O mar, ao que me parecia, cuspiu o mesmo tipo de gente em tudo que é lugar.

— Quantos anos você tem, rapaz? — perguntei ao filho de Toninho.

— Dezenove — ele respondeu por debaixo da aba do boné.

— E você gosta de pescar?

O rapaz não respondeu. Em vez disso, olhou para o pai.

— Cada homem neste mundo tem um destino, seu Melquíades. Deus deu esse destino para cada um de nós, e o que Deus dá deve ser sempre aceito com alegria.

Fiquei com dó do rapaz. Parecia a mim que ele não havia gostado tanto assim do tal presente, mas respeitava o pai e qualquer sandice que o homem lhe dissesse. Bom para mim, bom para os negócios, ruim para os peixes.

— Muito bem. E com o que mais eu devo entrar além do barco?

— Quando houver necessidade de manutenção, então o senhor compra o material, e a gente faz o trabalho. A gente é muito cuidadoso com os barcos. Minha filha vai lavá-lo todos os dias quando voltarmos da pesca.

Mariana. A boa Mariana, eu supus.

— Olha, não quero ter problemas por questões de trabalho infantil — eu afirmei, mentindo como sempre fui bom em fazer.

— A pequena está para vencer a validade. Já vai para dezoito em meio ano. O meu Marcelino aqui aprendeu a pescar com seis anos de idade — disse, chacoalhando o filho pelo ombro. — A Mariana com oito já fazia comida enquanto a mãe limpava peixes. Esse negócio de infantil é coisa lá dos homens da cidade. Aqui a gente já nasce carregando o próprio caixão.

Olhei para fora. Por ser Mariana o assunto, pude olhar para ela sem que parecesse interesse. Tudo o que eu via de Mariana era o short a balançar apertando aquela parte do corpo dela. A mão veio e coçou a bunda. Afastei o olhar por respeito à memória de Beatriz e por medo de me sentir tentado a atear fogo à roupa de Mariana.

— Muito bem. — Fui me levantando. — O barco está lá. Ganhe dinheiro como quiser com ele. Metade do que você ganhar é meu.

— Sim, senhor.

— Ah, sim. Uma vez por semana vou querer ir pescar com vocês. Ou uma vez a cada dez dias.

— O senhor está dizendo que vai ficar supervisionando a gente? — Toninho parecia ofendido.

— O que mais há para fazer aqui além de pescar? — eu perguntei, e essa era a minha resposta.

— Está certo.

— Quero aprender a pescar, Toninho. E gosto, preciso muito, muito mesmo, fazer fotografias. Muitas fotografias.

— O senhor é quem manda. Agora nós vamos lá cuidar do barco para sair à pesca amanhã.

— Bom. Tomem cuidado. Não vão morrer ou perder meu barco lá fora.

— Fique tranquilo, seu Melquíades.

Fiz um aceno de cabeça. No quintal, passei por Isaulina e Mariana.

— Tchau para vocês. E obrigado pelo café.

— Sempre que quiser, senhor — respondeu Isaulina.

Mariana não disse nada, apenas olhou para mim e me deu um sorriso frágil. As mãos hábeis, mesmo sem o auxílio dos olhos, destripavam um peixe. Algumas moscas vojavam ao redor dos braços dela, onde entranhas de peixe se fixavam e secavam. Notei um brilhozinho no canto da boca da menina. Fiz com meu dedo um sinal, indicando sua boca. Ela retirou a escama e sorriu. Continuei fazendo o mesmo sinal, olhando fixamente para os olhos escuros dela. A menina virou o rosto, inventando uma vergonha, e retomou seu trabalho.

Voltei passando em frente à maioria das casas. As mulheres todas eram como uma mesma, mais velha do que sua idade. Se cantavam, eram músicas tristes. Se falavam, era para reprimir os filhos pequenos. Vi mais duas garotas que aparentavam ter a mesma idade de Mariana. Não eram tão belas, e eu sabia que em breve estariam pioradas.

Beatriz, a minha, e todas as outras mulheres deste mundo injusto. Fiquei a pensar o que seriam elas aos olhos de um pescador rústico. Se eu, ainda sem confessar a mim mesmo, desejava Mariana com escamas na boca e tudo, o que esperar de Ismael diante de Beatriz?

Naquela noite não fiquei olhando para o mar, mas ele ficou gritando em meus ouvidos. E seus gritos repetitivos vindos de cada onda quebradiça me diziam que as coisas eram assim mesmo, sempre as mesmas, rola e quebra e volta, rola e quebra e volta.

Antes de me deitar, peguei a máquina fotográfica, seu manual e um guia para fotografia amadora que eu havia comprado. Eu não era um homem do mar, minha alma não estava presa no mar. Eu não era igual a Ismael porque... E o que me veio à mente me assustou.

Porque eu treparia com Mariana se tivesse chance, mas não a mataria.

Talvez Ismael tivesse alguma razão em relação àquela história toda sobre a maldade dos homens.

E se eu sou mau, então, Ismael, tome cuidado comigo, porque você, seu desgraçado, enfiou esse pau sujo na minha mulher.

Mas depois completei o pensamento.

E a matou.

Dormi muito mal aquela noite.

Sorriso morto, dentes vivos

Esse negócio de fotografia era um pouco mais complicado do que eu imaginava. Para aquelas fotos que eu jamais quis ter, aquelas do tipo que Beatriz tanto gostava — eventos que não eram tão eventos assim, festas para festejar datas passadas, passeios que davam dor de cabeça —, uma máquina amadora era o suficiente. Mas não era esse tipo de fotografia que eu queria. Queria fotos que falassem, que sussurrassem coisas nos ouvidos de Ismael, um tipo de fotografia que eu só conseguiria com uma máquina profissional. Mas o manual falava coisas sobre obturador, diafragma, enquadramento e mais uma porção de coisas das quais eu nada sabia.

Junto com minha antiga casa, tudo se queimou, inclusive as fotografias minhas e de Beatriz. Eu não me lembrava, mas pensei que em algum momento de nossa vida Beatriz tivesse me dado uma fotografia dela para guardar na carteira. Se deu, também virou fumaça. Isso me perturbou um bocado. Apesar de a morte de minha esposa ainda ser algo recente, eu temia que em breve perderia o rosto de Beatriz entre toda a quinquilharia com que vinha entupindo meu cérebro, e isso não podia acontecer. Como eu poderia, no futuro, continuar a vingar alguém de cujo rosto não me lembrasse?

Planejei mal o recomeço de minha vida. Pretendia não precisar nunca mais sair das areias da Vila Santa, mas isso se mostrava impossível por enquanto, pois eu tinha de ir à cidade tentar conseguir alguma explicação sobre fotografias. Além disso, eu precisava providenciar uma foto de Beatriz, e só conhecia um lugar em que poderia conseguir isso.

Um caminhão me trouxe, junto com a pouca mobília que comprei, a Vila Santa, mas eu não pensei em como sair dali, se precisasse sair. Os pescadores iam para lá e para cá em barcos, mas eu não sabia sequer distinguir a proa da popa de uma embarcação. Pensei em perguntar a algum

vizinho próximo qual seria outra forma de sair dali, mas os vizinhos todos, que me olhavam com algum interesse nos primeiros dias, passaram a me ver apenas com desprezo já horas depois de eu ter fechado o negócio de pescaria com Toninho, e não com qualquer um deles. De toda forma, eu preferia mesmo ir saber como o mundo funcionava por ali com quem eu já conhecia. E que bom que eu conhecia Mariana.

De longe, quando me dirigia à casa, vi Isaulina, que estendia roupas no varal. Diminuí o passo para dar tempo a Mariana sem perceber que estava dando tempo a mim mesmo. Mesmo lentos, meus passos me levaram a Isaulina, que parecia se deter nos seus afazeres do lado de fora da casa. Com o tempo eu descobriria que a maioria das mulheres daquele lugar fazia isso. Acho que o interior das casas era inerte demais para esse povo acostumado a vagar. Os homens vagam pelos mares, as mulheres, pelos desejos, ambos círculos infinitos.

— Boa tarde, Isaulina.

— Como vai o senhor?

— A gente não pode deixar de lado esse negócio de senhor? — perguntei tentando parecer amistoso.

— O senhor é o patrão, mas, se o senhor prefere, não chamo mais o senhor de senhor.

Isaulina estava limpando uns esfregões grandes, que depois descobri serem usados para limpar os barcos. Discretamente, mas sabendo que era impossível ser discreto, estiquei os olhos pela porta da cozinha que dava para o quintal. Pretendia ver Mariana, mas o sol refletido na areia clara impedia a visão do interior um pouco mais escuro da casa.

— É... — eu não sabia o que dizer para dar mais tempo a Mariana, a mim.
— E então, os rapazes foram pescar?

— Sim, senhor.

— Que bom. E... — mais uma esticada de olhos. — Bem. Você sabe me dizer se existe algum meio de transporte para eu ir até a cidade?

— Tem, sim, mas o Toninho e o Marcelino foram pescar com ele. — Isaulina trocou o esfregão de mão. Ameaçou voltar a cuidar dele, mas parou e continuou a olhar para mim.

— Ninguém aqui tem um carro? — perguntei. — Não há um ônibus que venha para cá de vez em quando? Um táxi?

— Não, senhor.

Isaulina novamente trocou o esfregão de mão.

Fiquei calado, meio pensativo, e Isaulina, creio que percebendo que eu me demoraria em meus pensamentos, interveio.

— O senhor não tem uma bicicleta?

— Bicicleta?

— É só ir beirando o mar pela areia molhada.

Olhei para o mar, desejando aprender algo sobre pilotar barcos ou comprar um carro.

— Bem, não tenho bicicleta e preciso ir à cidade.

Isaulina virou as costas para mim, mas permaneceu no mesmo lugar.

— Mariana — ela chamou, e a menina apareceu na janela de um dos quartos. — Traga a bicicleta do seu irmão aqui pro senhor Melquíades.

— O pneu tá furado — Mariana respondeu sem sequer olhar para mim.

— Então traga a sua.

A menina veio com a bicicleta, enferrujada, cor-de-rosa e com um cesto na frente. Disse-me um “oi” com um sorriso educado, e eu aproveitei o momento em que fui receber a bicicleta para uma olhadela em seus seios sob uma camiseta amarela meio larga.

— Você não vai precisar dela hoje? — perguntei com um sorriso agradecido.

— Não. O senhor pode ficar com ela o quanto precisar.

Julguei desnecessário e quase ofensivo o “senhor”, mas apenas agradei e disse que traria a bicicleta no dia seguinte. Depois, indo para minha casa, imaginei a foto. Eu, de calças jeans e camiseta, andando em uma bicicleta

cor-de-rosa por uma praia. Ouvi chamarem meu nome e parei. Atrás de mim vinha Mariana, correndo com uma corrente na mão.

— Esqueci de avisar o senhor — ela disse, meio arfante. — Por favor, acorrente a bicicleta a algum poste e tranque o cadeado. — E ela colocou a corrente e o cadeado no cesto da bicicleta.

— Claro, claro. Farei isso.

Mariana ficou ali, ao meu lado, apenas me olhando, como se não quisesse ir embora. Olhei para trás, para a casa dela, para ver se Isaulina estava por lá. Estava, mas novamente atarefada.

Voltei a olhar para Mariana, e desta vez a medi dos pés à cabeça sem esconder meu desejo.

— Sabe, não me sinto muito homem nesta sua bicicleta.

Mariana sorriu e começou a riscar a areia com o dedão do pé, olhando para baixo.

— O senhor é homem, sim.

— E você é muito bonita — eu falei.

— Tenho que ir embora — ela respondeu, com um sorriso ainda maior escondido pelos cabelos negros no rosto abaixado. Imediatamente pôs-se a correr de volta para casa.

— Mariana — chamei, e ela voltou-se para mim. — Já andou de carro?

— Já, mas eu gosto do banquinho da bicicleta. — E puxou a camiseta para baixo, cobrindo a região do púbis. Não esperou nenhuma resposta minha e voltou correndo para casa.

Levei pouco mais de meia hora pedalando da Vila Santa até o centro de Berço Grande, e culpei, por tamanha demora, o vento contrário, ignorando minha falta de preparo físico.

Cidadezinha pacata com gente recostada pelos cantos, esperando por turistas ou pela vida. As portas sempre abertas, as das casas e as dos estabelecimentos comerciais. Então é só entrar e chamar. Parei a bicicleta na frente de uma lojinha de material fotográfico e a acorrentei ao poste, e

toda a informação que consegui foi a de que eu precisaria fazer um curso de fotografia se quisesse usar os recursos da minha máquina.

Enquanto eu tentava levantar informações ainda ali na lojinha, o homenzinho de careca lustrosa me olhava meio desconfiado. Ignorei-o, porque já havia percebido o quanto forasteiros sem cara de turistas podiam ser hostilizados por aquelas terras onde todo mundo sabe o que todo mundo sabe sobre todo mundo. Informei que em breve e com certa frequência eu voltaria para que ele imprimisse cópias profissionais para mim, e isso foi suficiente para que o olhar desconfiado desaparecesse. Ele conhecia alguém lá da Vila Santa, e me disse que já sabia que um morador da cidade grande tinha se mudado para lá.

— É bom saber quem são nossos vizinhos — disse ele.

Pedi a ele que, se possível, desse uma olhada na bicicleta de vez em quando, pois eu iria até a capital e voltaria apenas no dia seguinte.

— Melhor colocá-la no meu quintal, e o senhor pega amanhã.

Quando levei a bicicleta para dentro, o homem a olhou com certo espanto.

— Essa bicicleta não é sua.

— Não, não é. É da Mariana, filha do Toninho. O senhor os conhece?

— Sim, conheço. Mas ela sabe que você está com a bicicleta dela?

— Claro que sim! Ela que me emprestou.

Ficou um momento mais me olhando, mas abriu um sorriso malicioso.

— Banquinho invejado esse, não?

E durante boa parte da viagem de ônibus até a capital fiquei pensando naquele sorriso e naquele comentário. Mariana tinha algo que não existia apenas aos meus olhos. Beatriz também o tinha, e por isso morreu. Eu pensava em Mariana morta e em qualquer dor. Para mim já estava de bom tamanho. Tinha um motivo para viver, e julguei melhor ir a ele, afinal uma morte podia ser uma nova vida. Duas ou mais mortes seriam um carma.

Depois de quatro horas e meia, cheguei à capital. Estando próxima a noite, encarei um hotel barato. Assisti aos noticiários para saber se eu ainda

estava por lá, mas o mundo estava cheio de crimes novos e urgentes.

Na manhã seguinte, paguei o hotel e saí decidido a ter um dia cheio para não precisar voltar tão cedo àquela cidade. De táxi seria tudo coisa rápida, e então eu estaria livre. Ao passar em frente à minha antiga casa, agora um monte de tudo queimado, pedi que o taxista parasse, e desci. O lugar começava a tomar ares de terreno baldio, com mato crescendo aqui e ali e ratos andando à cata de restos.

Um antigo vizinho, não dos mais amistosos, mas um dos mais próximos, da casa em frente, veio até mim. Era um senhor idoso que passava os dias discutindo política e a vida alheia com outros aposentados da rua. Não sei o que ele pensava de mim quando eu ainda morava ali com Beatriz, mas é certo que com tudo o que aconteceu ele passou a me ver como alguém em quem não se podia confiar, fosse pelo que eu havia passado ou pelo que havia feito. Parou ao meu lado com um envelope na mão, e fiquei a imaginar quantas vezes durante os dias ele olhava por cima de seu muro para saber se eu estava por ali. O envelope, já sujo e amassado, me contava as horas nas mãos do meu vizinho.

— É da prefeitura. Me pediram para te entregar. É por causa desse lixo todo aí. Acho que vão te multar se você não limpar o terreno. E é bom, precisa limpar mesmo, porque tem rato entrando na casa da gente, e agora a molecada fica vindo aí se drogar. Outro dia eu achei um preservativo usado aí.

— O senhor anda entrando no meu terreno? — perguntei apenas para não parecer manso demais.

— Por quê? Não posso? Os drogados, os sem-vergonha, os ratos, esses podem. E eu, que só quero ver as coisas andando direito, não posso?

Aquilo tudo não me importava, mas eu temia ser importunado lá na minha nova vida tranquila, por isso mudei meus planos e meu rumo para aquela manhã, e fui até uma imobiliária para colocar o terreno à venda. Pedi

que limpassem o terreno e o vendessem o mais rápido possível, e fiz uma procuração para que eu não precisasse mexer com aquilo.

Estar em frente à parte de minha velha vida não me causou reação. Isso me fez perceber a urgência de ir buscar a fotografia de minha Beatriz, de fazer dela algo que estivesse à minha vista todos os dias, e assim segui para o cemitério.

Na entrada, vi uma aglomeração, e justamente para os lados da casa de minha esposa. Aproximei-me e me deparei com uma possibilidade não imaginada por mim. Havia um enterro acontecendo justamente no jazigo ao lado do de Beatriz. Alguns garotos, meio sem entender ainda o que o tal evento significava, ficavam trepando nos túmulos ao redor para ver a coisa toda com maior clareza. Pisavam o cimento áspero do túmulo de Beatriz sem se importar. Fizemos bem em não ter filhos, eu e Beatriz.

Sentei-me em um banco e aguardei, pensando em correr e afugentar os pequenos. Pouco tempo depois os choros cessaram, os passos silenciaram e tudo o que ficou foi um bando de gente morta e muita arquitetura desperdiçada. Peguei do túmulo de minha esposa o que me interessava, a única fotografia de Beatriz à qual eu tinha acesso. Poderia procurar os familiares dela e lhes pedir, mas para mim toda aquela família estava exatamente abaixo dos meus pés.

Era uma foto triste. Não só por estar onde estava, mas pela expressão no rosto de Beatriz. Seria descabido colocar uma foto de alguém sorridente em um túmulo. Ou não seria, afinal tanto se diz que as pessoas gostam de se lembrar de seus entes queridos, e perdidos, em seus momentos alegres. De qualquer forma, a morte não pode ser triste, porque se está morto. E na morte não se pode ter objetivos. Invejei Beatriz por estar morta, mas não me matei, claro, para o azar de Ismael. E aquela foto era como uma arma, minha invasão viral, um punhado de células a crescer desordenadamente. Um momento da vida de Beatriz do qual eu não me recordava. Não sei a procedência daquela foto, não conheci aquele momento, mas ela estava ali,

com uma luz, um ângulo, tudo dissecado por mim. Percebi que não estava olhando para Beatriz, mas para a fotografia apenas. E maldito seja Ismael por isso, por ter me transformado em alguém que apenas quer vingança sem saber mais qual a dor que causou esse desejo.

Enfiei a foto na carteira e abandonei Beatriz, a Beatriz real. Voltei para Vila Santa com um punhado de livros e revistas sobre fotografia, tudo no banco de trás de um carro comprado à vista. Que o barco desse algum lucro, porque meu dinheiro estava no fim.

A primeira fotografia

Foi a primeira vez que saí ao mar, e Toninho me avisou sobre a enorme possibilidade de eu enjoar. Do alto do píer, olhei para o horizonte sereno e vi um oceano sossegado, algo que poderia me remeter aos meus tempos de colos, seios e canções de ninar.

— Uma barracuda de boca fechada continua a ter dentes — foi o que Toninho me disse sobre a serenidade do mar, e eu achei por bem não contrariar o sábio.

Indagado sobre o que fazer para evitar o enjoo, Toninho me disse que eu deveria tomar um tal remédio para mulheres grávidas, mas que isso só seria conseguido, claro, na cidade.

— Enjoo mata?

— Pelo que eu saiba, não. Mas duvido que o senhor vá conseguir fotografar algo tendo o bucho a revirar.

Eu teria de me acostumar mais cedo ou mais tarde, e decidi me arriscar sem o tal remédio.

Antes de sairmos, depois de tudo pronto no barco, Toninho lançou um assovio forte no ar. Marcelino estava longe, conversando com o filho da mulher que chorava no mar. Ao ouvir o assovio, o rapaz imediatamente encerrou a conversa e correu até nós. Não disse nada ao embarcar, mas recebeu um olhar de reprovação do pai. Gente esperta. Economiza as palavras, que geralmente não são compreendidas, e conversa com olhares. E se entende muito bem.

Os espinhéis foram à água, e eu me assustei com a imensidão. Aquilo era mais do que eu esperava, e só então, percebendo a distância circular do horizonte, é que notei a enormidade do castigo que eu pretendia a Ismael. O silêncio dos homens a trabalhar e depois a esperar, o sentimento de

liberdade, mesmo havendo tão pouco espaço pelo qual andar, o céu a se refletir na água e a criar uma bolha imortal, azul, imensa... Tudo isso me levou a sorrir e a quase chorar. Lamentei por não ter cumprido a promessa feita a Beatriz. Ela morreu sem experimentar aquilo.

Dei sorte, o mar estava calmo. Enjoei pouco e consegui manter meu café da manhã no estômago. Mais do que isso, consegui almoçar. Toninho disse que o mar era manhoso, que estava apenas entocado, para que eu não me assustasse. Que eu tomasse cuidado e não ficasse bajulando demais o Atlântico.

— Você deve respeitar o mar, mas não precisa puxar o saco dele. É como as mulheres.

Foram minhas primeiras fotografias. Temi que o retângulo por onde eu enquadrava a imensidão fosse pequeno demais para abranger o que eu desejava, mas dava para começar. Fiz fotos do mar a se fundir ao céu, de Toninho a descansar com o boné caído sobre os olhos, de Marcelino na proa e dos espinhéis sendo puxados cheios de peixe, já com um horizonte amarelado. Voltamos à terra nesse ponto do dia, e, quando estávamos para atracar, me propus a ajudar Toninho e Marcelino a descarregar os peixes. Mariana era o propósito de tal ajuda, e propositalmente deixei um dos peixes cair ao chão e pisei nele, espremendo-lhe as estranhas, que se esparramaram pelo convés.

Fim de tarde quente, começo de noite perigoso. A menina estava com seu short curto e me mandou um oi morno. Aqueceu-me mais do que eu esperava, e pensei que o que havia me levado a certa vez dormir debaixo de uma torneira aberta poderia muito bem me levar, agora, a saltar no mar. As ondas poderiam me acalmar os ânimos e, quem sabe, lavar minha alma. No entanto, eu não via pecado, apenas uma menina que era bela. Desejo e hombridade, coisas que eu tentava ter com Beatriz, mas me igualei aos demais homens, que, sem amor, vivem à cata de ilusões. E a carne, por si

só, sem que se leve em consideração a alma, é coisa ilusória. Beatriz me ensinou isso ao morrer, mas nunca fui um bom aluno.

Marcelino nos ajudou a acabar de descarregar os peixes e informou ao pai que daria uma volta.

— Não vai falar com aquele tranqueira, né? — Toninho perguntou ao filho.

— Quem mais há para conversar por aqui? — O rapaz parecia irritado.

— As meninas.

E Toninho me lançou um olhar indecifrável. Um homem que tem de esperar os peixes certamente tem tempo de pensar em muita coisa, e eu julguei que ele andava pensando coisas sobre o filho e coisas sobre mim. Deveria é pensar coisas sobre a filha, porque duas noites antes ela havia aceitado dar uma volta em meu carro novo. Não tínhamos ido longe, porque encalháramos na areia fofa, e eu a mandara voltar para casa antes que alguém perguntasse o que estaria fazendo por ali comigo àquela hora da noite. Ela tinha tempo e sabia que eu tinha tempo. Fora embora sem reclamar e ainda elogiara meu carro.

Mariana embarcou, e eu, que havia desembarcado, voltei para bordo. Fiquei meio sem saber o que fazer ali. Mariana se ajoelhou no chão e foi fazer seu serviço. Podia ter se virado para o outro lado, mas optou por me dar as costas. Toninho imediatamente pediu que ela fosse para casa.

— Mas eu ainda não acabei, pai.

— Ora! Mandei voltar pra casa. Larga isso aí e volta pra casa.

Mariana obedeceu, como de praxe. Dezessete anos. Se fosse na cidade, o pai que tomasse cuidado.

Senti-me perdendo o moral. Eu era o chefe, o dono da embarcação. O barco tinha de ser limpo.

— Toninho, você disse que ela limparia o barco. Que ele não ficaria fedendo a peixe — falei tentando um tom autoritário.

— Não me agrada a ideia de minha filha ficar fedendo a homem. Amanhã ela limpa — retrucou o pescador, com olhos poderosos sobre os meus.

Toninho desembarcou e me deixou com o que era meu: um barco e um desejo.

— Peixes não fedem nunca, seu Melquíades — acrescentou ele antes de ir embora. — Veja como fala daquilo que lhe dá sustento.

Fiquei só, no píer. De não muito longe chegava uma batucada que vinha e ia, começava e parava. Naquela noite houve uma festa na vila, e a batucada só parou quando o último caiçara cambaleou e caiu. Pensei em ir até lá, mas voltei para casa. Não conseguia me enturmar com aquele pessoal. Desde que não me incomodassem, pouco me importavam. De qualquer forma, o que estava sendo festejado era algum santo protetor dos marinheiros. Se Toninho estava lá, então eu estava protegido também.

Não dormi durante toda a noite. O ritmo da música e da cantoria me convidava a ver Mariana dançando. Eu a supunha dançando, porque a menina tinha fogo nas entranhas. E na imagem que eu fazia dela às vezes entrava Beatriz. De repente era ela quem estava dançando. E me olhava e me agradecia por tê-la levado àquele lugar. E então eu pensava em Ismael e nas fotografias que eu mandaria no dia seguinte.

O dia seguinte veio emendado no que se foi, e pela manhã eu saí de minha cama árida e deparei com alguns homens dormindo na areia. Havia restos de uma fogueira, um tambor esquecido, copos e garrafas jogados aqui e ali. Os bêbados pareciam mortos. Fui até onde estavam apenas para verificar. Um deles estava sem camiseta, e me arrepiei com o frio matinal que ele parecia não sentir. Dormiam um sono invejável. Talvez eu começasse a beber.

De trás de uma das casas mais à frente surgiram duas pessoas. Percebi apenas o movimento com os cantos dos olhos, mas tão logo olhei para aquele lado, as duas pessoas voltaram rapidamente para trás da casa. Desconfiei que sabia quem era uma delas, mas preferi não acreditar. Voltei

para minha casa e fiquei olhando para fora por uma fresta na janela. Lá longe, no fim da rua, vi alguém entrar na casa de Toninho. De onde eu estava não era possível definir quem era, mas eu fazia uma ideia. Só poderia ser Mariana, porque mais para perto de minha casa um rapaz entrava em sua casa, o filho da mulher que chorava no mar.

Imaginei aquele infeliz montado em Mariana. Pensei em falar com Toninho, avisá-lo de que sua filha andava trepando no mato com o Tranqueira, mas não o fiz. Toninho me perguntaria por que eu andava vigiando a filha dele.

De repente uma ideia maluca me passou pela cabeça. Se o moleque matasse Mariana, então eu poderia também vingá-la. Tal ideia sem nexo deve ter partido de minha excitação por estar chegando a hora de começar a me vingar de Ismael. Eu estava realmente excitado com isso, um tipo de alegria de alguém que finalmente sabe

o que quer da vida e tem a chance de fazer exatamente o que quer. Um pouco mais tarde, enquanto dirigia até a cidade, percebi o perigo do que eu havia pensado. Eu já estava associando todo sexo à morte.

Demorei para chegar à cidade, pois tive de desatolar meu carro duas vezes. Percebi que apenas beirando o mar era possível dirigir, e isso acabaria com o veículo em pouco tempo. Todo o dinheiro que eu tinha era aquele que sobrara de minhas velhas economias somado ao que eu havia recebido pelo terreno vendido e ao que entrava pelo pescado. A soma não era muita, e julguei que desperdiçar um carro não seria coisa muita sábia, por isso, ao chegar à cidade, fui à procura de alguém que pudesse vender o carro para mim, e acabei aceitando fazer negócio com o dono de um restaurantezinho praiano, que me pagou à vista com um bom desconto. Pedi a sua bicicleta como parte — ínfima — do pagamento. E foi de bicicleta que, minutos depois, cheguei à loja de material fotográfico do homenzinho, que me disse se chamar Eurípedes, e lá pedi que ele imprimisse as cópias

das trinta e duas fotografias que eu havia feito, tarefa que levaria uma hora para ser concluída.

Perambulei pela cidade enquanto esperava. Vi turistas olhando os golfinhos que entravam no canal, desempregados que se sentavam no atracadouro para pescar, adolescentes que usavam a moda do ano e Toninho chegando com meu barco para vender o pescado do dia anterior. Fugi dele. Uma hora depois voltei para pegar minhas fotografias.

— Ficaram boas mesmo, não? — falei para Eurípedes, esperando apenas uma concordância.

Tentei recordar as cores que eu havia visto no dia anterior, e tendo as que estavam impressas no papel como única referência, julguei que estava tudo documentado como deveria ser.

— O que elas transmitem a você? — perguntei.

— Um dia no mar — disse Eurípedes. — Um belo dia no mar.

Sorri, satisfeito. Eu não queria arte, queria funcionalidade, e tinha certeza de que a pior fotografia do pior mar no pior dia seria, ainda assim, uma lança no peito de Ismael.

Informei a Eurípedes que na semana seguinte eu voltaria a vê-lo.

— E Mariana?

— Tem a vida dela para cuidar. E eu tenho a minha — respondi.

Saí sem esperar nenhuma consideração, e antes de virar a esquina dei uma olhada para trás. Eurípedes havia tirado os óculos e ajeitava os ralos cabelos que lhe rodeavam as orelhas e a nuca. Odiei Mariana. A menina parecia estar em tudo ao redor do que eu vivia, e isso incluía os poucos homens que eu conhecia por ali até então. Pelo menos o filho da mulher que chorava no mar era garotão, e invejá-lo era menos degradante.

Comprei um caderno e uma caneta e fui direto ao correio. Em minha carteira, uma fotografia de Beatriz e um endereço, coisas que estavam interligadas e que permaneceriam juntas até que eu recebesse notícia de um

suicídio, notícia essa que eu esperava demorar muito, para dar mais tempo à dor em Ismael.

A espera

Entreguei o envelope à atendente do correio ainda com algum receio. Estive me preparando para aquele momento desde que havia visto e falado com Ismael, desde que ele me dissera ser um homem do mar, mas era como uma preparação para a morte, uma coisa que, suponho, seja feita com esperança de que ela jamais chegue. Pensei em pegar o envelope das mãos da mulher, pensei que poderia melhorar o que eu havia escrito. Pensei um monte de coisas, mas não fiz nada.

A atendente conferiu o endereço do remetente e virou o envelope. Imediatamente ergueu os olhos assustados até mim. A palavra “Penitenciária” tinha lhe causado desconforto, e esse desconforto me pareceu crescer quando ela percebeu que tinha deixado seu espanto excessivamente patente.

— Um amigo meu está lá — falei, também bastante desconfortável.

A mulher deu um passo para trás, meio desconfiada.

— O que foi? Você não conhece ninguém que tenha errado na vida? — E agora eu estava um tanto irritado.

Pensei no que eu mesmo havia dito. Quem ouvisse pensaria que eu estava perdoando Ismael. Mas apenas eu conhecia minha história, pelo menos o que eu planejava para ela, e tinha comigo que o que minha mãe me ensinou um dia sobre perdão havia sido uma grande perda de tempo.

— Todo mundo erra na vida, mas ninguém tem o direito de errar com a vida dos outros — disse a mulher atrás do balcão. — Se está preso é porque errou com alguém.

— Você está errando com a minha vida se metendo nela desse jeito.

A mulher abriu a boca para dizer algo, mas desistiu e liberou uma lufada de ar.

— Me desculpe. Por favor, me desculpe — ela disse, pegando um selo e colando-o no envelope. — Você está certo. É que eu trabalho aqui há mais de cinco anos e nunca vi ninguém mandar uma carta para uma penitenciária. Pensei que eles nem aceitassem correspondência.

— Tudo bem. Não esquite a cabeça.

— Me desculpe — ela repetiu.

— Quanto tempo para a carta chegar lá?

— Uns três dias úteis.

Paguei pela postagem, e a mulher mais uma vez se desculpou enquanto me entregava o troco. Gostei daquilo, me passou a sensação de que ainda havia gente no mundo que era capaz de errar com alguma graça. Aquilo parecia diferente por ali. Desde que eu chegara a Berço Grande, tinha a intenção de viver para mim e só, para mim e para meu intento. Mas esbarrava de vez em quando em alguma solidão que eu talvez não desejasse. Era o mar que ameaçava vir e ia, era Mariana que ameaçava vir e ia, eram meus vizinhos em Vila Santa que não ameaçavam vir e por isso nem iam. Aquela mulher que se desculpava pareceu me levar de volta aos dias em que eu falava um bom-dia a colegas ou aos conhecidos de vista e, não posso negar, senti uma ponta de saudade daquilo que estava no nem tão distante passado. Por mais que eu fosse outro depois da morte de Beatriz, ainda carregava parte do que havia sido antes. Isso estava no meu nome, no meu tipo sanguíneo, no meu documento de identidade, em tudo o que eu havia vivido até ali. Mariana era algo que eu queria, mas eu precisava de mais alguma coisa. Talvez um amigo. Por isso, tentei ser simpático.

— Perdão, como é mesmo seu nome? — perguntei.

— Francine Amarante.

Um nome completo. Algo meio aristocrático em uma sociedade essencialmente plebeia. E não estou falando de Berço Grande, estou falando de um país todo onde as pessoas se confundem entre si se não tiverem um título ou cargo para lhes completar o nome. Eu mesmo era apenas um

Melquíades qualquer, e temo que quando falo de Melquíades e Beatriz a fusão que deveria haver não possa ser compreendida. Dei à minha Beatriz um novo nome, Oliveira, mas para mim ela era apenas a minha Beatriz, o que me era suficiente. Mas agora, entre Ismael, Mariana, Toninho e uma mulher que chorava no mar, lembrar que ainda existiam nomes completos me fez recordar a importância da identidade.

Estendi minha mão a Francine Amarante.

— Muito prazer. Meu nome é Melquíades Oliveira.

— Eu sei. Está aqui no envelope — ela disse, sorrindo.

Sorri com dificuldade, fruto do pouco exercício nesse tipo de ação.

— Bom... Acho que a gente vai se ver com uma certa regularidade. Virei aqui a cada nove ou dez dias trazer uma correspondência.

Senti-me meio idiota pensando em quantas vezes mais eu informaria a frequência de minhas ações às pessoas daquela cidade.

— Estarei a seu dispor — respondeu ela.

Na rua, o dia azul me pareceu mais azul, a cidade pareceu mais aconchegante, e tive certeza de que até mesmo minha casa simples estaria com um ar mais leve quando eu voltasse para lá. Eu me sentia leve, como se Francine me desse um balão de ar quente que poderia carregar minhas dores para longe, muito longe, para um universo negro e frio onde o som não se propaga e por isso as dores não podem ser ouvidas.

Eu não fazia nenhuma ideia de como funcionava o sistema de correspondência dentro de um presídio. Não tinha como saber se minha carta chegaria a Ismael. Mesmo assim, à noite me deitei na areia e fiquei a observar o céu estrelado. Via as estrelas sendo engolidas pela linha negra do horizonte. Fiquei a imaginar Ismael em sua cela, provavelmente com outros homens iguais a ele ou piores. No envelope, caso o recebesse, Ismael encontraria uma fotografia no tamanho 14x21. Na imagem podia ser vista uma das laterais do meu barco se estendendo pela linha da água até a proa. Nessa linha da água, as ondas e a espuma geradas pelo movimento do barco

estavam congeladas em sua viagem ao infinito. Ao fundo, à frente da proa, o mar se estendia sereno até se fundir ao céu, onde surgia uma única, grande e aveludada nuvem. De todas as fotografias que fiz naquele primeiro ensaio, aquela me pareceu ser a mais fiel à grandeza, magnitude e liberdade que o oceano poderia expressar. No mesmo envelope, junto com a fotografia, havia um pequeno bilhete.

Ismael,

agora eu tenho o que você ama, e você não tem mais nada.

Melquíades

Nos dias seguintes eu nada fiz a não ser esperar. Não havia um momento certo, pretendido, apenas uma espera. Às vezes, enquanto preparava alguma coisa para comer ou tentava me entreter aprendendo como montar o molinete em uma vara de pesca, eu me pegava imaginando se naquele exato momento minha carta estaria chegando a Ismael. No terceiro dia após o envio, eu, contando com a possibilidade de Francine estar certa, tive um dia tenso. Temia que a carta chegasse e que, em vez de uma resposta ou mesmo do silêncio, eu recebesse a visita de Ismael ali na minha casinha de praia. Imaginava-o chegando e se sentando à minha varanda, me esperando, e quando eu chegasse ali, ele simplesmente me diria um olá e conversaríamos sobre qualquer coisa. Depois ele me mataria ou eu o mataria.

Fui à praia em frente de casa com a desculpa de que deveria testar o arranjo da vara de pesca, mas na verdade o que eu pretendia era ter a visão geral de todos os pontos de onde fosse possível alguém chegar. A menos que Ismael viesse de trás, da mata, eu poderia vê-lo. Mas é claro que ele não chegaria, estava preso.

Passei boa parte do dia caçando corruptos na praia para usá-los de isca e depois outra boa parte do dia me enroscando com a vara e com o molinete. Um dos moradores da vila, que chegou do mar em uma canoa, passou por mim e, meio irônico, me ensinou como arremessar. Disse que a coisa toda não era tão simples e que talvez eu pegasse apenas alguma betara ou peixe-galo não muito grandes. Foi embora e ficou me observando da frente de sua casa enquanto eu ficava à espera. Imaginei o quanto podia ser divertida a observação, a espera pelos peixes, mas minha atenção se perdia na possibilidade de Ismael chegar por ali. A vara ficou em seu ferro de espera — parecido com aquele que matou Beatriz —, e meus olhos perscrutavam o horizonte brilhante da praia. Acabei fisingando um peixe grande, e o meu vizinho riu descaradamente me vendo saltar por sobre o peixe várias vezes enquanto ele se debatia na areia e eu tentava livrá-lo do anzol.

— É um tubarão — me disse o vizinho, aproximando-se.

— Eu pensei que fosse uma arraia.

— É um cação-viola, um tipo de tubarão.

— Mas se parece com uma arraia — eu disse, olhando para a boca do peixe para ver se encontrava dentes como os dos tubarões.

O sujeito, que havia se abaixado para livrar o peixe, ergueu os olhos e me olhou sério.

— Se alguém daqui disser que você pegou um tubarão, então você pegou um tubarão.

Senti o quanto eu era malvisto naquela vila. Mas, se aquele pessoal tinha o direito de se vangloriar do conhecimento que eles possuíam, tinham também o dever de saber que as coisas sempre mudam. Por isso eu disse:

— E se eu disser que quero trocar de pescador para o meu barco, é bom eu ter alguém em quem possa confiar.

O homem finalmente livrou o peixe do anzol e o ergueu à minha frente.

— Dá para comer esta longa cauda e estas asas — ele me disse, apontando para as partes do peixe que o faziam se assemelhar a uma arraia. — E o senhor pode confiar em mim que estou falando a verdade. Mas o senhor pode soltá-lo, porque no mar tem peixe e barco para todo mundo.

Soltamos o peixe, e o homem foi embora. Fiquei só. Olhei para a varanda de minha casa, onde eu havia colocado duas cadeiras, e para o horizonte. Temi estar esperando por uma visita de Ismael por não ter mais ninguém em quem pensar. Eu estava ansioso por ter mais fotos das quais fazer cópias e mais cartas a enviar, não só por Ismael, mas para poder ter alguma conversa com Eurípedes e Francine.

Quando o fim de tarde chegou, fui à casa de Toninho com o pretexto de saber como havia sido a pescaria. Queria um pouco de conversa e queria ver Mariana depois de limpar o barco. Toninho falou sobre os peixes que pegou, mas me manteve de costas para a filha enquanto conversava. Isaulina me ofereceu um café, e eu passei mais de uma hora com o casal, o que fez com que se sentissem mais à vontade comigo. A menina pôde se

juntar a nós na mesa, e teria sido uma boa reunião entre uma família e um amigo se Marcelino não tivesse saído logo após tomar banho.

Toninho me disse que preferia me dar o dinheiro resultante da pesca todos os dias, pois ele vinha me fazendo os pagamentos uma vez por semana, mas não achava seguro ficar com o dinheiro dos outros em casa. Disse também que pela manhã, quando foi levar à cidade o pescado do dia anterior, havia sido consultado por um grupo de turistas sobre a possibilidade de ele os levar para pescar em alto-mar. Informou-me que na alta temporada os barcos bem equipados faziam mais dinheiro com esses passeios do que com o pescado. Eu disse que ele fizesse o que quisesse, desde que me trouxesse algum dinheiro.

Fui para casa mais tranquilo e me deitei pensando em Mariana na janela me dando um discreto aceno de mão enquanto eu saía. As horas carregaram para o sono toda a existência humana da vila. Ou quase toda ela, porque ouvi um barulho. Abri a janela devagar para ver quem poderia ser e vi dois vultos exatamente no momento em que se separavam. Mesmo na escuridão, consegui reconhecer o filho da mulher que chorava no mar. O outro vulto desapareceu nas sombras da rua. Imaginei que poderia ser Marcelino, que andava perambulando com o Tranqueira. Por mim eles podiam fazer o que quisessem. Mas outra possibilidade me veio à mente. Mariana. Eu a havia visto em outra noite com o rapaz. Vestindo apenas uma cueca, pulei a janela e corri tentando alcançar o vulto, mas quando cheguei ao fim da rua, em frente à casa de Toninho, não havia ninguém em lugar nenhum. Dei a volta na casa para ver se haveria luzes acesas no quarto de Mariana, mas é claro que não havia.

Devo ter feito algum barulho, não me lembro, porque de repente a janela se abriu e Mariana apareceu. Meu coração saltou. Eu esperava paixão para movê-lo assim, mas era apenas susto.

— O que o senhor está fazendo aqui? — ela perguntou baixinho.

— Seu pai deve ter acordado com o barulho da janela. Vai, entra. Vai dormir — eu sussurrei, esperando ver mais luzes se acenderem.

— Meu pai não acorda. Ele se cansa muito na pesca.

E Mariana se debruçou na janela. Os seios, ocultos por uma camiseta regata, se avolumaram em minha direção.

— Eu vi alguém vindo para cá. Quis apenas verificar se está tudo bem.

— O senhor não está mais na cidade. Pode ficar mais à vontade aqui. Mas o senhor já está à vontade, não é? — E Mariana escondeu um risinho olhando para minha cueca.

Mantive-me ali por um instante, perdido no olhar de Mariana fixo em minha única vestimenta no momento. Queria esperar para saber a que aquele olhar a levaria. Mas ela era uma menina, e eu tinha que me lembrar disso.

— Se está tudo bem, então vou embora — eu disse, virando-me e tomando o rumo de casa.

— Se quiser eu posso ir com você. — Ela pronunciou “você” com uma entonação que delatava o desejo por maior intimidade.

Olhei-a assustado e quase vacilante.

— Boa noite, Mariana.

Tomei o rumo de minha casa. Eu não tinha como saber se quem havia chegado à casa pouco antes era Mariana ou seu irmão, mas tinha motivo para pensar nisso por saber que havia a possibilidade de ter sido ela. Teria escapado depois de os pais dormirem e se embrenhado pelos cantos com o Tranqueira.

E se ele, que tem vinte anos, pode comê-la, por que eu não posso?

Voltei decidido à casa de Mariana e bati levemente em sua janela.

— Voltou? — ela me perguntou com um ar feliz.

— Pule para cá agora.

— Vamos para sua casa?

— Não. Vamos ali atrás, no mato.

— No mato? O senhor acha que vou ficar por aí, no mato?

— Tem que ser. Se seus pais acordarem você tem que voltar rápido.

— Não. Ou vamos para sua casa ou nada feito.

— Com o Tranqueira ali o mato serve, não é? — Eu estava realmente ofendido.

Mesmo no escuro pude perceber a incredulidade nos olhos da menina.

— Pai, pai! Socorro! Tem alguém aqui fora tentando entrar em casa.

Corri como havia muito eu não corria. Senti-me um adolescente.

Senti-me um velho solitário. Senti-me um idiota.

Primeiras palavras

Os dias seguintes foram incrivelmente quentes. Não sei como aquela gente suportava a vida a derreter. Passei muito tempo em minha varanda, com um ventilador, olhando para os homens que iam ao mar e para as mulheres que se fechavam nas casas, onde o sol não podia entrar, mas às quais ele mandava seus dedos infernais. Com aquela história de Toninho se decidir a me trazer dinheiro todos os dias, tive de inventar um novo horário para meus banhos, e esse horário era exatamente o mesmo de quando eu sabia que o pescador estava vindo, assim não precisava me encontrar com ele. Ele ia à cidade logo pela manhã para vender o pescado do dia anterior antes de sair novamente ao mar, e no começo da noite vinha me trazer o dinheiro. Eu não sabia o que Mariana havia dito a ele, mas não estava animado a qualquer conversa. Então ele vinha, me chamava, eu gritava do banheiro que estava no banho e que a porta estava aberta, e ele deixava o dinheiro sobre a mesa da sala, debaixo de uma estrela-do-mar seca que eu mantinha ali como suposto adorno. Logo no primeiro dia após meu encontro noturno com Mariana, a quantia de dinheiro deixada foi maior. Creio que ele deve ter fechado negócio com os turistas que queriam pescar, e que bom saber que ainda há neste mundo gente honesta. Ou pelo menos foi isso que eu supus devido à quantidade de dinheiro ser maior. Depois o dinheiro voltou a ser mais ou menos o mesmo, e eu não quis pensar mais sobre isso.

Naqueles dias quentes, pensei em ir à cidade buscar cerveja, mas eu acreditava que não suportaria pedalar até lá naquele calor. Eu teria que pedir isso a alguém dali mais acostumado àquela vida árida, coisa que também não me animava. Apesar de não dar muita atenção ao que quer que fosse que pensassem de mim por ali, eu preferia evitar ter de presenciar esses

pensamentos tomarem forma de palavras ou atitudes. Na espera de algo que eu não sabia se viria, e preso em casa devido ao calor, estar um pouco bêbado poderia ser de grande ajuda. Por isso acabei tomando coragem e fui à procura de um dos vizinhos. Fui até a casa de Ana Clara, uma das meninas que tinham mais ou menos a idade de Mariana. Bati palmas, e a menina apareceu. Ainda bem. Eu não saberia o que dizer à mãe. Expliquei à menina a minha situação e pedi-lhe o favor de ir à cidade para mim.

— O que eu ganho? — ela perguntou.

Arregalei os olhos e dei uma rápida olhada para dentro da casa dela, para saber se a mãe estaria ouvindo.

— Vocês todas daqui só pensam nisso.

— Do que o senhor está falando? Acha mesmo que vou até a cidade de graça? Ou me paga ou não vou.

Dinheiro. Ela estava falando de dinheiro. Não me lembro de como eu era antes, mas sei que, depois da morte de Beatriz e de conhecer Mariana, tudo na vida parecia se resumir a sexo, e eu já não sabia distinguir o que exatamente era sexo do que era possibilidade de sexo.

A dúzia de cervejas que a menina trouxe foi suficiente para me derrubar naquele dia. Me mantive embriagado e, assim, indiferente ao calor. Me fez dormir bem, por isso a menina voltou à cidade nos quatro dias seguintes. Era quase um emprego. Depois de alguns dias, Toninho passou a simplesmente deixar o dinheiro debaixo da estrela-do-mar, sem me chamar, e esse era um bom arranjo para mim e para ele.

No quarto dia em que fora buscar cerveja, a menina trouxe algo a mais para mim.

— O correio me pediu para aproveitar e trazer isto para o senhor — me disse a menina, estendendo-me um envelope.

Era o momento. Confirmei o remetente. Sim, era o momento. Ismael havia respondido à minha carta.

Apressei-me em pagar Ana Clara e nem sequer percebi que a empurrava para fora de casa. Só fui me dar conta dessa indelicadeza devido a algo que ela me perguntou.

— O senhor tem dinheiro porque apareceu na televisão?

A carta, que era tudo, sumiu por um momento, e meus olhos procuraram a menina.

— Como é que é?

— Ué! As pessoas, quando aparecem na televisão, ficam famosas e ganham dinheiro, não é assim?

Deixei a carta sobre a mesa e levei Ana Clara para a varanda. Peguei duas latas de cerveja, abri a primeira e a estendi à menina. Ana Clara olhou com olhos felizes para a lata e já ia levando a mão a ela, quando me dei conta do que eu estava fazendo. Coisas proibidas. Sem graça, trouxe a cerveja de volta a mim, me sentei na outra cadeira e dei um bom gole na cerveja quente. Ana Clara riu de minha careta.

— Você me viu na tv?

— Todo mundo viu.

Depois Ana Clara contou que o pessoal me evitava porque temia que eu ateasse fogo à vila. Não sei se isso era a verdade em estado bruto, mas podia ser alguma verdade lapidada. A partir daquele dia, eu não consegui mais olhar para Toninho sem imaginar se ele estaria tentando evitar minha aproximação com Mariana por temer que eu a incendiasse.

Expliquei para Ana Clara que aquele havia sido um momento de dor e tentei convencê-la de que eu era um homem que não oferecia riscos a ninguém.

— De qualquer forma, o pessoal por aqui não vai gostar do senhor nunca. O senhor tem dinheiro. Todo mundo aqui inveja o senhor.

— De onde tiraram a ideia de que eu tenho dinheiro? Só tenho o que me sobrou de algumas economias e o que eu ganho com o barco.

— É mais do que qualquer um daqui tem. Eu não ligo. Acho bom, desde que o senhor continue bebendo cerveja.

E a menina foi embora. Mostrou-me sua posição, que no fim era a posição de todos, e foi embora.

Eu era alguém conhecido por ali e não sabia, e se havia em mim a mínima esperança de que Mariana pudesse nutrir algum sentimento verdadeiro por mim, essa esperança foi levada por Ana Clara. Eu teria ficado a pensar sobre isso durante horas, não fosse o que estava em minha mesa.

Eu havia esperado um possível envelope. Esperava, realmente esperava receber alguma coisa em troca de minhas fotos. Um xingamento qualquer, uma ameaça, qualquer coisa. Muitas vezes imaginei o envelope chegando sujo e amassado, ou talvez com manchas de sangue. No entanto, o envelope que eu havia acabado de receber estava limpo, perfeito. O selo tinha a mesma figura impressa naquele de minha carta, uma onça-pintada. A letra, que eu supunha garrancho, era arredondada e demonstrava calma por parte do remetente.

Lembrei-me de Ismael sem um dente e de falar sibilado. Um homem sujo e despreocupado. Não conseguia conceber um homem como ele, capaz de matar alguém e de depois do assassinato sentir prazer na carne morta, não sendo analfabeto e tendo uma boa caligrafia. Eu imaginava que qualquer pessoa capaz de matar outra pessoa não soubesse escrever. Poderia até ler um pouco, mas não escrever. Mas, é claro, eu estava errado. Assassinos podem escrever, e escrever pode ser uma arma.

A cerveja foi de grande utilidade. Eu estava tenso, e o conteúdo da lata desceu em goles constantes e vorazes. Fiquei meio tonto. Aquilo foi bom e me levou a um incipiente estado de tranquilidade. Os homens da vila costumavam beber cachaça, bebida barata e de efeito rápido, mesmo em pequenas doses. Por um momento, a cachaça me pareceu a melhor invenção humana, a única que poderia desfazer a grande burrada de outra invenção humana, a esperança vã.

O envelope raquítico conspirava contra meu desejo de torrentes de lamentações. Se houvesse algo ali dentro, seria apenas um “ai”, e eu esperava um “ai” que não cabe em envelopes, o “ai” de alguém que sente uma dor tão lancinante a ponto de nem sequer possuir forças para exprimi-la. Dentro do envelope, um pequeno bilhete, com mais poder que o de duas vogais.

Pequeno Melquíades,

eu tive sua esposa, e você não a tem mais. Estamos quites.

Ismael

Até abrir aquele envelope, eu não estava levando em consideração o que havia escrito e enviado a Ismael junto com a foto. Mas, lendo o que ele me escreveu, puxei à memória minhas palavras, que tinham a intenção de machucar, mas que ricochetearam.

Ismael,

agora eu tenho o que você ama, e você não tem mais nada.

Melquíades

E a resposta estava ali: “Pequeno Melquíades, eu tive sua esposa, e você não a tem mais. Estamos quites. Ismael”.

A caixa de latas de cerveja me acompanhou enquanto eu tentava decifrar o que estava por trás daquelas palavras de Ismael: uma provocação? Um pedido desesperado para que eu não o torturasse? Tive tempo de me embriagar até chegar à conclusão de que era mesmo provocação, caso contrário ele não usaria o adjetivo antes de meu nome. Tal conclusão, enfeitada de álcool, me trouxe à mente uma possibilidade, ainda que meio embaçada. E se Ismael não fosse apaixonado pelo mar como eu supunha? E se ele não fosse apegado à liberdade? Afinal, ele mesmo havia se entregado. Talvez não passasse de um louco, talvez não soubesse pescar. Talvez, e essa

era a pior hipótese, o mar devorasse os desejos dos homens, tornando-os inacessíveis, os desejos e, ainda mais, os homens.

Cambaleante, pus os pés na areia. Pretendia ir falar com qualquer um de meus vizinhos, arrancar deles uma declaração de amor ao mar e à liberdade. O sol esturricava cada minúsculo grão como se os quisesse aniquilar, e eles se juntavam para repelir a luz. O calor me veio aos pés, a luz aos olhos, e dei um passo para trás, para o piso de madeira morna da varanda. Olhei à frente e vi a vila

a bruxulear, mas eu não podia saber se era pelo calor ou por minha embriaguez. Algumas roupas coloridas ponteavam os tons de areia e de verde, que eram tudo. Da mesma forma, por ali parecia haver apenas duas possibilidades: a vida e a morte. Entre elas, tudo o que existia era um tempo a ser superado. Naquele momento eu julgava que ter mentido para Beatriz e jamais tê-la levado àquela vida havia sido minha mais benevolente ação, mas aquelas roupas coloridas me convenciam de que podia haver méritos no espaço entre nascer e morrer, e, como se lessem meus pensamentos, dois meninos saíram correndo de dentro de uma casa em direção ao mar. Correram rindo dos próprios pés que queimavam na areia e depois estenderam mais o sorriso enquanto se refrescavam no mar esmeralda. Percebi as ondas brancas a quebrar, o tom marrom da pele dos meninos, um siri azulado que voltou ao mar, um caranguejo vermelho que correu debaixo de uma palmeira em direção ao mangue. E então chorei. Chorei o que eu jamais havia chorado por Beatriz. E, se a gente chora tanto pelos que não podem mais ter a liberdade de estarem vivos, então a vida deve ter algum valor.

À tarde, quando Toninho veio me trazer o dinheiro do dia, perguntei a ele o que seria dele se lhe fosse negado o mar.

— Eu e minha família morreríamos.

— E se te dessem uma cela? — perguntei, me enrolando um pouco nas palavras.

— Eu e minha família morreríamos.

Pensei por um instante.

— E não há a possibilidade de se lamentar e continuar vivo?

— Isso é estar morto.

Toninho era um coveiro sem saber, enterrando-me enquanto eu me lamentava por Beatriz. Mas Toninho tinha lá seus milagres, e o milagre que me ressuscitava se chamava Mariana. Eu ainda teria tempo de inventar um novo funeral, e nesse eu daria risada, porque se Ismael se deu ao trabalho de responder à minha correspondência, então era bastante provável que eu o tivesse atingido de alguma forma. Para saber disso bastava eu olhar para Toninho, que era eu, que era Ismael, que era todos os homens do mundo, e todos os homens se lamentam em algum momento.

O pescador deixou o dinheiro sobre a mesa e ia saindo, mas parou à porta. Eu, que estava sentado, pensei em me levantar também, mas estava no início de uma bela ressaca.

— Por acaso o senhor não esteve lá em casa esses dias atrás, à noite? — ele me perguntou sem me olhar.

— Estive. Até tomei café com vocês.

— Depois disso. Estou falando de depois disso.

— E por que eu iria até lá?

— Não sei. Estou vendo que o senhor anda bebendo. Vai ver estava bêbado e foi dar uma volta... ver a paisagem. — E então ele me lançou um rápido olhar por cima do ombro.

— Ver a paisagem à noite?

— Tem coisa, coisa bonita, que à noite fica mais visível para uns, enquanto a gente dorme — respondeu ele.

Levantei-me, pois julguei que o risco era menor do que aquele que estava rondando a conversa.

— Toninho, Toninho. Você devia ficar é de olho em quem sai de sua casa à noite, e não em quem vai lá.

O homem se voltou tempestuosamente, como se eu o tivesse pego pelo rabo.

— Do que é que o senhor está falando? — perguntou Toninho.

Dei-lhe um tapinha amistoso em um dos ombros.

— De nada, Toninho. Não estou falando de nada. Acho é que eu ainda estou meio bêbado mesmo.

Não sei dizer o que o rosto de Toninho exprimia, mas senti pena dele. Ele tinha a vida calma e sei lá eu se colorida ou em preto e branco, e eu, para me livrar de possíveis acusações, estava levando o homem a um mundo em que talvez os travesseiros arranhem a consciência. Suponho que parte da paz daquele pescador ficaria em terra, abandonando-o quando ele fosse para o mar, pois antes que ele fosse embora eu lhe disse que no dia seguinte iria pescar com ele, e isso fez com que pela manhã e pelo fim de tarde seguintes Mariana não aparecesse no píer, e em nenhum canto escuro da vila. Isso teria me feito sorrir aliviado se eu não tivesse presenciado, ainda quando de nosso desembarque, no retorno, uma breve discussão entre Toninho e Marcelino. O rapaz queria ir a algum lugar com o Tranqueira, mas foi proibido pelo pai. Se o Tranqueira perambulou naquela noite, foi sozinho.

Eu estava decidido a tentar não mais imaginar Mariana como a vinha imaginando. Queria-a apenas como uma vizinha que não pode e não deve ser mais do que isso, principalmente agora que eu sabia que todos ali conheciam minha história. Se o que Ana Clara me dissera sobre dinheiro fosse a impressão de todos, então era bastante provável que Mariana estivesse interessada nesse suposto dinheiro, e não em mim. Pior ainda: ela estar interessada em mim por qualquer motivo não passava de mais uma de minhas suposições.

Durante a noite acordei repentinamente. Parece improvável, mas durante meu sono me lembrei de Mariana me dizendo que preferia o banco de uma bicicleta a um carro.

Imaginei-a ali comigo, na cama da madrugada, escondida do pai, e não consegui mais dormir.

Inserido

O todo de Vila Santa estava ali, praiano, por isso não tive dificuldade nas fotografias seguintes. Ousei tornar-me um artista, me julgando capaz de expressar a grandeza em coisas simples, por isso houve muitas fotos de sombras de coqueiros, pegadas na areia e um menino pescando com um caniço de bambu. Eram imagens singelas, mas que contavam histórias infinitas. Eu havia criado um conceito sobre Ismael e um conceito sobre minha capacidade de fotografar, e entendi que o que eu dizia nas fotos deveria ser entendido de um único jeito, oposto a tudo o que Ismael possuía, por isso me apeguei à necessidade de criar uma fotografia que não desse margem a interpretações.

Foi um dia cansativo para uma única foto, e cheguei a pensar que havia sido uma grande burrada subir a montanha sem a companhia de alguém que conhecesse a região. Durante a subida tive a impressão de que o tempo estava fechando e de que poderia chover, o que seria desgraçante. Comida molhada e nada de uma boa foto. Depois percebi que o que me fazia pensar que o tempo estava se tornando ruim era somente o excesso de umidade do ar e as sombras entre a mata. Eu olhava para trás, para o caminho percorrido, e tinha dúvidas se conseguiria voltar. Às vezes passava por uma breve clareira e ganhava uma amostra da vista que eu teria ao chegar ao topo. Via um trecho de mar longínquo e me animava pensando que aquilo, sim, ofenderia Ismael.

Por fim, depois de mais de três horas de subida, alcancei o topo da montanha atrás de Vila Santa. A mata ali era igualmente fechada, e tive de subir em uma árvore para ver alguma coisa. Foi um dos horizontes mais impressionantes que eu já vi. Atrás de mim a montanha descia e se espalhava em uma selva verde-escura até a praia. Adiante era interrompida

pelo braço de mar interno que separava a ilha do continente. Já em terras fixas, outra cadeia de montanhas, a serra que levava ao planalto das cidades grandes. A minha antiga vida estava por lá, bem longe, um lugar onde se pode subir às alturas por meio de elevadores, mas que, invariavelmente, por mais alto que se esteja, só serve para ter uma visão privilegiada do inferno.

Voltei a olhar para o caminho que me trouxe até ali. Lá embaixo, bem lá embaixo, a linha da praia seguia o rumo da cidadezinha. A vila era nada além de pontos que só tinham significado para quem os conhecesse. O mar, esse era enorme. Ali de cima parecia manso e acolhedor. Estendia-se como se fosse o gigantesco pedaço de um braço materno a acolher a Terra. E era um abraço de quem liberta, como se o mar estivesse sempre a nos abraçar apenas para nos dizer adeus e permitir a viagem, o movimento, o poder de escolha entre ir e ficar, quando ir, até onde ir e se há desejo em retornar. Não havia linhas divisórias para delimitar espaços, apenas uma grande extensão que começava verde e se azulava rumo ao outro lado do mundo. Era como a liberdade de um cego que, por não enxergar as linhas, pode imaginar o mundo do tamanho que quiser.

Ismael estava certo. Até certo ponto, estávamos quites, com a diferença de que eu não lhe tomara nada. Jamais estaríamos completamente quites, porque o máximo que ele podia fazer era me lembrar do que ele me tomou, ato único. E eu, eu poderia sempre mostrar a ele tudo o que ele tomou de si mesmo, ato contínuo para toda uma vida.

Fiz a foto já sabendo que aquela eu mandaria ampliar em tamanho grande, para ter maior impacto. E consegui meu intento. Prova disso foi a reação de Eurípedes.

— Olha, nasci aqui e nunca vi esse mar assim. O senhor subiu a montanha?

— Subi.

— Só para tirar essa foto?

— Só.

Eurípedes ergueu os olhos por sobre os óculos.

— Sozinho?

Encarei-o.

— Por quê? Algum problema?

— Não. Não. Imagina! Problema algum — ele respondeu, guardando a fotografia no envelope. — É que o senhor podia se perder por lá, não é? E isso é desnecessário. A meninada lá de Vila Santa conhece bem aquela mata, inclusive Mariana. Ela é uma boa companhia para ter dentro da mata, não é?

Debrucei-me no balcão, o mais ameaçador que podia.

— Você entraria na mata com uma menina? — perguntei, demonstrando uma perplexidade cúmplice.

— Mariana é menina só na idade. — E essa resposta veio com o par de cotovelos dele também se debruçando sobre o balcão, o balcão que lhe pertencia, que ele conhecia desde sempre.

Ficamos assim por um instante, olhando um nos olhos do outro, um vendo a si mesmo nos olhos do outro.

— Fique tranquilo, seu Melquíades. O senhor é meu cliente. Não quero lhe causar problemas.

— Pois saiba, seu Eurípedes, que as fotos são a única coisa que me interessa neste lugar.

Joguei o dinheiro sobre o balcão e fui saindo. Atrás de mim vinham as palavras de Eurípedes, que eu tentei ignorar.

— Aquilo é o diabo, seu Melquíades. É uma sereia. Robalo dos bons, carne nobre. E todo mundo gosta de comer carne nobre.

Eurípedes ficou rindo atrás de mim, em sua lojinha. Sua risada era divertida, como se ele achasse engraçada a desgraça que era também a dele, afinal “todo mundo” supunha ele incluído.

Havia uma pessoa na fila do correio. Era uma senhora que aparentava ser a esposa do Sol depois de anos dormindo sob ele. Não sei se pela

proximidade eterna ou se pela falta de necessidade de ir ao correio, Francine e aquela mulher pareciam não se conhecer, fato estranho para uma cidadezinha daquele tamanho. Já eu, que era novo por ali, recebi olhares das duas. Da senhora, com desconfiança. De Francine, com um sorriso.

— Devem ser muito amigos — ela sentenciou tão logo lhe entreguei o envelope.

— Quem?

— Você e este Ismael — ela apontou o nome no envelope.

— Como você pode saber que não somos comparsas de um crime? — brinquei.

— Que sejam. Ainda assim devem ser amigos. Eu nunca recebi uma carta, nem de meus amigos. Hoje isso não se usa mais. É tudo pela internet.

— Você nasceu aqui?

— Sim. Nasci e vivi minha vida inteira aqui — ela respondeu com tom um tanto melancólico.

— Então por que receberia cartas? Suponho que seus amigos estejam todos aqui.

— Sim. Estão. Mas também não são muitos. A gente aqui acaba até se esquecendo de fazer amizades, de tanto ver sempre os mesmos rostos.

Francine colou o selo no envelope.

— Se bem que você é um rosto diferente — ela concluiu.

— Isso quer dizer que em breve você não falará mais comigo?

Francine ficou vermelha.

— Imagine! Pelo que me disse, vou te ver apenas a cada dez dias. Vai demorar para eu enjoar.

Sorri. Não podia negar que ela me fazia bem e me dava esperanças. Eu assumia as palavras de Francine como uma possibilidade em relação a todas as mulheres da ilha, mesmo as que ainda não eram tão mulheres assim. Saí do correio pensando nisso, mas me assustei ao constatar o perigo que aquelas mulheres representavam. Eu não deveria perder o foco.

Enquanto pedalava de volta a Vila Santa, fui levando comigo um ar leve, mas que era suficiente para me desviar de meu objetivo. Enquanto pensava nas mulheres, me esquecia dos resultados que eu esperava obter com a postagem que acabara de fazer. Guardado em uma caixa à espera de ser levado à minha antiga cidade estava o envelope que continha uma fotografia, desta vez em tamanho maior, que mostrava a Ismael todas as terras por onde ele não podia andar. Se seus braços doessem e criassem escaras de tanto ficarem dependurados em barras de aço, que ele, ao ver a foto, se lamentasse por não poder mais usá-los para nadar ou para puxar as cordas, levantar a âncora e deixar o mar levá-lo ao sabor dos ventos que contornam o mundo e trazem todas as memórias passadas e futuras. Mais importante ainda era que ele soubesse que havia quem pudesse fazer isso tudo.

Incrível, Ismael, como o mundo é grande, lindo e delicioso.

Mas apenas para os que estão livres.

Melquíades

Optei por não responder ao que Ismael havia escrito em seu bilhete. Eu estava decidido a mostrar a ele que não se tratava de uma conversa e que pouco me importava o que ele dissesse. Eu estava no poder. A ele restava o que quer que possa haver dentro de uma cadeia. Que ele me ouvisse e se lamentasse.

Já em Vila Santa, fui pescar, agora sem aquele temor infundado de que Ismael pudesse aparecer por ali. Dois meninos vieram com suas linhadas e me acompanharam na pescaria. A mãe de um deles gritou de longe, chamando-o ao vê-lo comigo. O outro ficou ali, pegando mais peixes do que eu, mas ensinando-me o nome e as manhas de cada um deles. Consegui fisgar um bagre. O menino me disse que aquele peixe possuía ferrões que causavam muita dor e poderiam até dar febre, e pediu uns trocados para me ensinar a tirar o peixe do anzol sem levar ferroadas. Tentei imaginar de que

outras maneiras mais aquele pessoal poderia tentar me tirar dinheiro. Propus ao menino que eu lhe daria um trocado pelo ensinamento, e ele me daria um trocado para poder levar o peixe para ele. O menino riu e disse que sabia pescar muito bem. Eu estava bastante enganado em pensar que aquela gente simples era inocente. Que bom, pois Mariana era simples. Que ruim, porque Ismael também era simples. E foi pensando nisso que decidi, antes mesmo de receber qualquer resposta de Ismael, quais seriam os elementos de minhas próximas fotografias. Mas eu ainda teria de esperar alguns meses e dobrar a dureza de um pescador.

Dias depois recebi uma resposta de Ismael.

E para os que estão vivos, pequeno Melquíades.

Ismael

Eu tinha escrito que o mundo é para os livres. “E para os que estão vivos”, provocou Ismael, sem que eu soubesse se ele estava se referindo a Beatriz ou a mim.

Sentado na varanda de minha casa naquela tarde chuvosa, fiquei a me lembrar de minhas próprias palavras e a ler e reler a resposta de Ismael. Pensei nas palavras todas como se fossem ditas por nós dois sentados ali. Uma conversa entre amigos. Ismael sabia manter uma conversa entre amigos, dessas de poucas palavras, mas de significado claro, duro e verdadeiro.

Choveu muito naquele resto de dia e durante toda a noite. Disseram que foi uma das tempestades mais violentas em dez anos. Oito meses depois choveria forte novamente, e a pequena Mariana se aconchegaria em meus braços, com medo dos raios e trovões.

Depois de oito meses de silêncio, era hora de voltar a fotografar para Ismael.

PARTE II

Sacrifícios

A noite de meu casamento estava estranhamente morna para uma noite de inverno. Trouxemos um padre da cidade, e ele me obrigou a dizer um monte de palavras que a mim não serviam de nada, a não ser para agradar Toninho. O pessoal todo estava vestido com o que supunham ser seus trajes de gala, e não posso negar que preferi a forçosa elegância do pessoal da ilha ao jeito desengonçado de aparentar simplicidade daqueles que foram à cerimônia de meu primeiro casamento, com Beatriz.

Mariana estava de branco, e foi por imaginar que ela usaria essa cor que não convidei Eurípedes. De qualquer forma, seria ele quem ampliaria as fotos, e eu teria de aceitar o que quer que estivesse passando pela cabeça pelada dele. O Tranqueira também tinha um olhar de reprovação. Naquela vila, mesmo os que atentavam contra os ensinamentos divinos, aceitando-os como verdadeiros, eram repreensores. Não me incomodei. Pensava em Beatriz e em como ela gostaria de estar presente a uma festa como aquela. Os homens da vila haviam passado uma rede enorme pela praia. A festa da tainha estava próxima, e os peixes estavam lá como se fossem eles os convidados. Sobraram em nossa festa de casamento. No ano seguinte seria a mesma coisa. E no outro ano, e no outro, e no outro. Todos os que decidissem se casar por ali o faziam em julho, mês de fartura.

Eu não precisaria fazer mais agradados especiais ao povo da vila, afinal, agora eu era um deles, o que lhes bastava para me aceitarem. Mesmo assim, comprei um boi inteiro. Matamos dois porcos e dois cabritos criados por ali mesmo e mais uma porção de galinhas. Toninho fez questão de pagar a bebida, o que não lhe custou mais do que uma semana de trabalho. Afinal, quanto mais vontade de beber cachaça, mais cachaça sobra, porque derruba em pequenas doses.

Procurei por Francine. Eu a havia convidado, mas ela não apareceu.

Depois da missa ao som das ondas, surgiu um garotão com um violão e outro com um tambor. Um velho pescador aposentado pegou seu acordeom. As crianças dançaram, os adultos dançaram, os velhos dançaram. Mariana às vezes se afastava de mim e se juntava a outras duas meninas um pouco mais novas que ela. Cochichavam e riam, e Mariana me soprava um beijo. Fotografei-a sob a luz raquítica dos postes e iluminada pela fogueira que assava as carnes. Depois eu regulava a máquina e a entregava nas mãos de Toninho, porque eu sabia que ele tinha interesse em que as coisas saíssem certas. Entre uma fotografia e outra, ele esticava o pescoço pelos arredores e ficava de olho em Marcelino, que andava se esgueirando com o Tranqueira. De vez em quando um cheiro diferente se sobrepunha ao aroma das carnes e dos peixes sendo assados, e Toninho pedia que Isaulina fosse ver o que era aquele cigarro que os rapazes estavam fumando. Isaulina encobria o filho lhe dando goles de cachaça, para justificar os olhos vermelhos. Mais tarde, o próprio Toninho foi verificar. Foi o fim da festa para Marcelino, que teve de ficar trancado em seu quarto, e a mulher que chorava no mar ouviu resignada as palavras rudes do pescador, que depois queria ensiná-la como se deve educar um filho.

Bebi bastante naquela noite. Outros beberam muito mais do que eu, e os que ainda conseguiam equilibrar seus passos e palavras vieram me dar os parabéns e me dizer que agora eu era um verdadeiro morador de Vila Santa. O Tranqueira me deu um aperto de mão obrigatório, foi embora rindo de mim, e sua mãe, que nada mais fez na festa a não ser cuidar da comida, me deu um beijo no rosto e me desejou mares cheios de peixe. Um tanto daquela gente ficou jogada no pé das árvores ou no canto das casas, e, quando a festa acabou, eu, tendo Mariana a segurar meu braço e muito confuso, entreguei-a a seu pai, exatamente como havia feito com Beatriz.

— Agora ela é sua, seu Melquíades — disse Toninho, devolvendo-me a filha. — Hoje o senhor prova sua masculinidade, como sempre quis. E pelo

resto dos dias, prove sua hombridade.

Mariana riu discretamente e escondeu o rosto em meu ombro.

Pensei em algo bonito, mas qualquer coisa que eu dissesse viraria besteira com a embriaguez, por isso apenas fiz um aceno de cabeça. Seguimos eu e Mariana para minha casa, aquela que seria, a partir de agora, também dela.

Ainda bem que eu não amava Mariana. E ainda bem que agora ela era minha esposa, porque eu precisaria de outras noites para fazer o que não consegui fazer naquela.

Dormi quase o dia todo, e quando acordei não encontrei Mariana. Ela não estava em casa nem nos arredores, então fui à casa de Toninho, onde encontrei minha nova esposa e minha nova sogra sentadas à porta, conversando. Até o dia anterior, Mariana me parecia apenas uma menina, mas agora, ali sentada e conversando com a mãe, me parecia que suas palavras e seus gestos davam forma a uma quantidade de experiência que não podia pertencer a uma menina. Eu estava então com quarenta e um anos, e minha nova esposa mal acabara de completar dezoito. Aquilo me assustou, não pela disparidade, mas pela clareza com que se mostrava que, se Mariana era uma mulher, então eu era um velho.

Um homem de dois casamentos, se não é alguém incerto em suas escolhas, é, no mínimo, alguém um pouco mais vivido. Há por aí homens de quatro, cinco, seis casamentos e que, mesmo sendo claramente vividos, ainda não aprenderam a escolher direito. Eu fiz uma escolha correta certa vez, e me tiraram isso. Fiz a escolha certa novamente, mas, olhando para a mulher Mariana, imaginava até quando eu suportaria essa nova escolha. Ela tinha a carne macia, mas ainda cheirava a peixe. Com o tempo, ela não serviria nem mesmo para as fotografias, e então eu teria de pedir perdão a Beatriz. E que ela também me pedisse perdão, porque me transformara em um homem mau.

Disse às duas mulheres que queria apenas me certificar de que estava tudo bem e voltei para casa. Mariana me disse que havia sobrado comida da

festa, e que por isso não faria o jantar. Ela acabou ficando na casa da mãe e jantando por lá mesmo.

Em casa, peguei a foto de Beatriz que eu havia roubado de seu túmulo e a coloquei dentro da maleta onde eu guardava minha máquina fotográfica. As fotos voltariam a acontecer, e eu queria me lembrar da dor que parecia estar indo embora diante da possibilidade de voltar a sentir prazer. Quando Mariana voltou, já à noite, eu estava limpando as lentes da máquina. Ela fechou a porta e se deitou sobre a mesa.

— A cama eu já conheço.

Abriu o sorriso e as pernas, e eu notei o barro escuro do mangue debaixo das unhas de seus pés. Eu não poderia competir em virilidade com o Tranqueira, mas tinha um pouco de dinheiro, que era, eu supunha, parte do que trouxe Mariana para mim e a manteria comigo. Enquanto exercia meu direito e dever de marido com minha esposa, prometi-lhe algo que eu sabia que não cumpriria, mas que eu sabia que também o Tranqueira jamais poderia prometer.

— Um dia, Mariana, nos mudaremos para a cidade grande.

Mariana se enrolou em mim.

— Eu te amo.

Foi a primeira vez que ouvi isso dela, e voltaria a ouvi-la dizer isso apenas mais uma vez.

Não me importei com a suposta veracidade dos sentimentos de Mariana, mas não quis perder aquele momento. Eu desconfiava que ela, pouco antes, havia estado enfiada na beira do mangue com o Tranqueira. Não sei se por isso ou pela minha promessa, Mariana parecia arrematar com ainda mais sensualidade cada curva de seu corpo. Aproveitei-me disso para fazer a primeira fotografia dela. Não entreguei demais, e a posicionei contra a luz, para que apenas a silhueta de seu corpo falasse sobre possibilidades.

Depois, quando a lua já ia alta, fomos dormir, e, enquanto Mariana dormia, me peguei pensando no quanto eu era insignificante para mim

mesmo. Eu havia pensado que Mariana estaria acesa apenas devido ao Tranqueira ou à minha promessa. Em momento nenhum pensei que talvez eu mesmo e nosso sexo pudéssemos ser algo do qual ela estaria gostando. E eu a tivera antes, quando ela não era ainda minha esposa. Eu a roubava no meio da noite e íamos até minha cama. Depois a coisa pareceu ficar perigosa quando o Tranqueira começou a vigiar minha casa. Então a gente empurrava silenciosamente a bicicleta pela vila, depois eu a levava para longe, onde acendíamos uma fogueira na praia e ficávamos entregues por boa parte da noite. Ela gostava disso, e depois de um curto espaço de tempo eu não precisei mais ir atrás dela, porque ela passara a me procurar.

Mariana, nessa época, se virava para explicar seu novo cansaço ao pai, e eu me virava para evitar olhar nos olhos dele. Quando decidi encará-lo, informei ao pescador que eu desejava me casar com sua filha. Ele jamais perguntou se ela também queria isso, e me aceitou como seu genro não sei se para resgatar a honra da filha ou garantir para ela o futuro que ele jamais poderia prometer.

Ela gostava daquelas noites fugidas. Mas elas tinham acabado, e naquela noite eu dormi muito bem. Na manhã seguinte, acordei e fui me espreguiçar na praia. Mariana dormiu até tarde — talvez cansada demais devido a possíveis estripulias pelo manguezal — e acordou quando já era hora de preparar o almoço. Pedi a ela que levantasse o vestido e mostrasse o traseiro enquanto cozinhava. Ela o fez e sorriu seu sorriso natural, que era mais do que suficiente, mas minha máquina fotográfica não ligou, e notei que a maresia havia danificado a bateria. Ainda bem. Eu teria de ir à cidade, e que bom que Mariana não suportaria ficar sentada no cano da bicicleta até lá, caso contrário ela teria querido ir comigo, ambos na bicicleta dela, pois a minha estava tomada pelo desleixo e pela ferrugem.

— Acho que agora você terá de comprar outro carro — ela falou enquanto mexia a panela.

— Um carro aqui não dura muito. A maresia acaba com ele.

— E como eu vou poder passear na cidade com meu marido? — disse ela, vindo até mim. Beijou-me e me deu um abraço, tomando o cuidado de não encostar as mãos sujas de tempero nas minhas costas.

— Bom. Eu sou o dono de um barco. Acho que é hora de eu aprender a pilotá-lo, não é?

Mariana me largou e ficou a me olhar por um instante. Depois olhou pela janela, na direção da casa dos pais.

— Mas, quando formos para a cidade grande, aí você vai comprar um carro, não é?

— Sim. É isso — respondi, seguro de minha capacidade de mentir.

Mariana pulou em meu pescoço.

— Eu vou poder comprar perfumes e maquiagens, e vou ficar linda.

— Você já é linda.

— Mas vou ficar ainda mais linda. E você vai poder usar terno e gravata de novo. A gente vai passear de carro pela cidade. Você vai voltar a trabalhar em uma boa empresa e poderá fazer uma grande fogueira com seu barco.

Empurrei-a mais forte do que eu esperava.

— O que você disse?

Ela estava assustada.

— Calma! Foi só uma brincadeira.

— Escute bem. Me escute muito bem. Eu não boto fogo em nada sem bons motivos. Nunca mais toque nesse assunto, entendeu?

— Eu sou sua esposa, Melquíades. Vou passar minha vida com você sabendo do que você fez no passado. Não te julgo e nunca te julguei, mas, se alguma vez eu precisar tocar a sério nesse assunto com você, eu farei isso. Se quiser evitar que isso aconteça, tente não arrumar problemas, para que você não precise incendiar nenhuma outra coisa para esquecê-los. E pode ficar tranquilo que não brincarei mais com você a respeito disso.

— Eu também conheço um pouco de seu passado, Mariana. E de seu passado bem recente, de ontem mesmo. Devo queimar algo agora? — perguntei e busquei no rosto de Mariana a resposta que eu sabia que ela não daria.

Ela voltou a me abraçar. Beijou minha boca com certo desespero, e, enquanto ela enfiava a mão dentro de minha bermuda, olhei por sobre os ombros dela. Minha máquina fotográfica estava sobre a mesa. Imediatamente lembrei-me de que eu não havia me casado com Mariana para ter ciúmes dela. Que ela fizesse o que bem entendesse, desde que estivesse sempre disponível, tanto para mim quanto para minhas fotografias. Beatriz merecia tal sacrifício. Ismael merecia tal sacrifício.

Água salgada

A bicicleta de Mariana agora era minha bicicleta. Essa foi a observação que Eurípedes fez quando cheguei com as fotografias para ampliar.

— Nessa ninguém mais trepa — disse ele.

Começando a entender de peixes, pensei em mim como uma sardinha-cascuda. Olhos grandes e sempre aturdidos.

— Exato, Eurípedes.

— Estou falando da bicicleta — respondeu ele, calmo.

O homem não tinha medo de nada, e eu, que pensava ser temido devido aos meus atos pirotécnicos, imaginei que a rusticidade leva os homens a uma certa desfaçatez.

— Fiquei sabendo que a festança foi boa — continuou Eurípedes, em tom de cobrança.

— Foi. Foi sim.

— Bem. Pelo menos poderei ver as fotos.

Recostei-me no balcão, para ficar mais próximo de Eurípedes e poder olhá-lo de cima.

— Há fotos aí de coisas muito pessoais. Como poderei confiar em você?

— Casamentos? Sim, já vi um monte de fotos dessas.

— Não é a isso que me refiro. Banquinho de bicicleta.

Eurípedes ficou meio vermelho, meio excitado. Talvez um pouco assustado.

— Ela está aí — prossegui. — Uma única foto. Nada muito perturbador, mas está aí. As próximas serão melhores. Serão mais... — Pensei em uma palavra, mas não quis usá-la. — Como poderei confiar em você?

— A menos que compre o equipamento para a impressão, terá que confiar em alguém.

Um homem entrou na pequena loja de Eurípedes. Espalhafatoso, com duas crianças espalhafatosas. Falavam alto, como todo turista acha que tem o direito de fazer fora de sua cidade. Pediu um cartão de memória para a máquina fotográfica, pagou e foi embora.

— Melquíades, eu trabalho com isso desde que o mar é salgado. Já vi todo tipo de coisa maluca que as pessoas fotografam. E você já me ouviu dizer algo a alguém sobre isso? Eu vivo disso, homem! Acha que eu estragaria meu próprio negócio?

— Acho bom mesmo que não estrague. Em silêncio você poderá continuar vendo as fotos que virão.

— A arte é sua.

Apenas concordei com a cabeça.

— Grande. Faça a cópia dessa foto específica no maior tamanho que você puder.

— E as demais? As do casamento? Quer que eu monte um álbum? Mulheres gostam disso.

— Faça como quiser — respondi enquanto Eurípedes me entregava o canhoto do pedido.

Saí para a rua. O dia claro se pareceria com um dia de verão, mas o mar gelado e o vento frio não permitiam boias coloridas e biquínis. Ao pegar a bicicleta de Mariana, voltei-me para Eurípedes.

— Você viu ou não? — perguntei.

— O quê?

Dei um tapinha no banco da bicicleta.

— Isso é pergunta que se faça? Está falando de sua esposa, ora!

— Viu ou não viu?

Eurípedes desenvervou-se, tentando parecer maior.

— Estava escuro — ele respondeu.

Subi na bicicleta e fui embora sem falar nada. Estava aborrecido, pois queria saber se ele julgava Mariana uma mulher capaz de enlouquecer um

homem, principalmente um homem preso e privado de sexo. Um homem na situação de Ismael. Fui ao atracadouro principal para ver alguns homens que tentavam fisgar pescadas. Surpreendi-me ao perceber que eu estava ensinando um deles como iscar o camarão vivo para obter sucesso. Ele arremessou o anzol, e, antes que este afundasse por completo, o peixe foi fisgado. Não esperei para ver o peixe. Saí de lá meio assustado com o fato de estar tão entregue àquela nova vida. De repente me senti preso, envolvido por meia dúzia de pessoas e com o mesmo horizonte à minha frente, todos os dias. Se Ismael resolvesse me mandar fotografias, talvez ele conseguisse me atingir. O lado bom disso é que assim, sentindo-me preso, eu podia confiar que minhas fotografias causariam em Ismael um grande mal, porque minha prisão era o excesso de liberdade.

— E então? O que achou? — perguntei a Eurípedes depois, quando fui buscar as ampliações.

— Estava escuro — ele respondeu.

— Não. Estou falando da foto.

— Eu também. A foto foi feita contra a luz. Só uma silhueta.

— Provocante, não é?

— É — respondeu Eurípedes, e parecia estar desanimado, como se estivesse se lamentando.

Ele me entregou a fotografia de 30x40.

— Silêncio sobre isso, Eurípedes.

Paguei pelas fotos e pela nova bateria e fui embora. Nem sequer olhei para as do casamento. Estavam em um álbum bonito. Mariana ficaria feliz.

Quando cheguei ao correio e vi Francine, lembrei-me de que ela não havia comparecido ao casamento. Dei-lhe um olá sorridente, mas não fui recebido com a mesma empolgação.

— Por que você não apareceu na cerimônia?

Francine olhou para o envelope, pesou-o e me perguntou se eu queria enviar a correspondência com registro.

— Pode ser.

Fiquei olhando para ela por alguns momentos. Francine carimbava o envelope, colava selos e assinava as etiquetas, tudo de forma automática e sem me dar um olhar sequer. Incomodado, olhei para fora da agência, tentando, mas não muito, entender o que a estaria aborrecendo. Ela me informou o valor da postagem. Paguei-a e agradei. Não estava muito interessado no que a estava entristecendo, mas julguei uma maldade desnecessária demonstrar tanta indiferença.

— Está tudo bem com você? — perguntei, tentando aparentar interesse.

— Sim. Está tudo bem comigo. E com você, está tudo bem? — Ela estava arrumando as cartelas de selos em caixas, e continuou fazendo isso.

— Comigo está tudo bem. E com você?

— Você acabou de me perguntar isso, e eu acabei de responder.

— E o que você respondeu? — Eu estava tentando parecer divertido.

— Ora, senhor Melquíades, eu tenho mais o que fazer. O senhor não tem que ir pescar?

— Senhor? Desde quando virei senhor para você, Francine?

— Não se casou? — Ela deu de ombros. — Então é senhor, ora!

— Pois é. Me casei. E você não foi ao meu casamento.

Francine largou as cartelas de selos com alguma impaciência e me olhou nos olhos.

— Tenha dó, Melquíades. A Mariana é uma menina. Você não tem vergonha na cara, não? Lá entre eles é coisa natural empurrar a filharada para o casamento logo cedo. Mas você... Você vem da cidade. Sabe que essas coisas não deveriam funcionar assim.

— Ah, é? E como deveriam funcionar?

— Da forma certa. Do jeito correto. Deveria procurar alguém que regulasse em idade com você.

— Como você, por exemplo? — perguntei, provocador.

Francine olhou-me fixamente, balançando a cabeça.

— Por favor, vá embora. Está atrapalhando meu trabalho.

— Pensei que fôssemos amigos.

— Por favor, vá embora.

Ela me deu as costas, e percebi que chorava. Pensei em tentar consolá-la e pensei no quanto isso estava distante de qualquer interesse meu. Estiquei o pescoço por cima do guichê e dei uma boa olhada em Francine. Duas mulheres seriam melhor do que uma. Ismael ficaria doido da vida. Mas Francine não era essa segunda mulher. Fotografias suas não teriam o efeito desejado. Não era isso que eu esperava que Ismael pensasse de mim.

— Se precisar de mim, sabe onde moro. Vá me visitar. Ficaremos felizes com isso — eu falei.

Saí para o inverno olhando ao redor. Dia frio, cidade pequena. Ninguém para enviar cartas. Francine ficou só com sua tristeza, e eu fui embora sem receber olhares questionadores. Todos sabiam que agora eu era novamente um homem casado. Todos sabiam de tudo, até do que não existia ou que jamais havia acontecido. Cidade pequena, que nos dias frios encolhe.

Agora era novamente hora de esperar, e deixei que o primeiro dia após o envio da fotografia se passasse na companhia de Mariana. Primeiro ficamos uma hora olhando o álbum de fotografia e fazendo comentários divertidos sobre as pessoas todas que apareciam nas fotos. Depois passeamos pela praia, ela falando sobre como o mar pareceria melhor se pudéssemos visitá-lo apenas de vez em quando. Viríamos nos feriados visitar os pais dela. Eu não precisaria me desfazer do barco, porque Toninho cuidaria de tudo. Mariana se enrolou em meu braço. Entendi o pedido de desculpas pelo que ela havia dito no dia anterior, aquilo sobre atear fogo ao meu barco. Eu sorria e concordava. Lembrava-me de Beatriz e de como era necessário fazer-lhe gracejos para conseguir algumas coisas que eu quisesse. Muitas promessas de mar eterno até mesmo quando eu decidia jogar futebol com os amigos justamente no dia em que ela resolvia visitar a família.

Foi bom mentir, pois agora eu tinha Mariana. E para um homem chegado aos quarenta e com apenas a espera pela aposentaria como futuro possível, uma nova mulher era uma coisa boa. Pensando assim eu quase agradeceria a Ismael.

Mais tarde, depois do passeio pela praia fria, voltamos para casa. Um vizinho nos cumprimentou, o que para mim era uma novidade. O clima frio pedia uma cama e cobertores, e Mariana parecia querer me compensar ainda mais pelas palavras ditas no dia anterior. Enquanto nos enrolávamos um no outro, eu ouvia as vozes de alguns garotos brincando ao longe. As vozes de todos eles, somadas, me pareciam a voz do Tranqueira, e Mariana teve de pedir que eu fosse mais devagar, porque a estava machucando.

Entregue aos afazeres domésticos do dia seguinte, que mal havia raiado, Mariana me lançou um beijo distante quando disse a ela que sairia ao mar com seu pai para pescar.

— Mande lembranças minhas ao pessoal do escritório — ela disse, sorridente.

Apenas acenei com a mão, preocupado com a forma como Mariana tentava cada vez mais se parecer com a minha vida anterior. Sem que jamais tivesse conhecido Beatriz, Mariana parecia começar a ser uma cópia dela, ou do que eu havia imputado a ela, minha esposa morta, em uma vida que eu agora julgava ridícula, assim como julgava toda e qualquer vida, a começar pela dos peixes.

Enquanto atravessava a vila rumo ao píer, fui cumprimentado por muitos dos vizinhos. Alguns iam ao mar, toucas de lã e blusas grossas contra o frio. As mulheres se entregavam a suas cantorias automáticas. Algumas das crianças passavam de bicicleta, pedalando na areia batida pelo mar. Levavam mochilas surradas para aprender a história do mundo na escola da cidade. Outras, menos afortunadas, já eram impelidas ao mar, à pesca, porque isso, segundo seus pais, era o futuro possível, com ou sem estudo.

As janelas todas de todas as casas estavam abertas. O dia daquele pessoal começava exatamente quando surgia o sol. Apenas em uma das casas havia uma janela fechada. A mulher que chorava no mar passou por mim. Em sua casa, a janela do quarto do Tranqueira estava fechada. O rapaz ainda dormia, foi o que pensei. Segui devagar, acompanhando a mulher com os olhos. Ela, a despeito da água fria, ajoelhou-se na arrebentação e ficou lá a chorar. Mais tarde, partindo rumo à pesca, do barco ainda a vi no mesmo lugar. Atrás dela, em sua casa fustigada pelo vento e pela desgraça, o Tranqueira abria a janela do quarto. Olhei para Marcelino, que ia ajeitando as redes de pesca enquanto o pai dava potência ao motor. O rapaz me voltou um olhar enigmático e escondeu os olhos debaixo da aba de seu boné. Havia muito debaixo da aba daquele boné.

— Ele é um cara legal — disse Marcelino, para minha surpresa.

Comecei a ajudá-lo a preparar a rede para quando chegássemos ao ponto de pesca.

— Para você ele deve ser mesmo.

— Mesmo que não fosse, é o único que regula de idade comigo. Não tenho mais com quem conversar nesta droga de lugar.

— Pelo que te conheço, você não é mesmo muito dado a conversa.

— Não ao tipo de conversa que vocês, velhos, têm.

— Velhos. — Eu sorri com certo desgosto. — Você já teve uma namorada?

— Não.

— Mas já saiu com alguma menina, não saiu?

— Claro que já! — Ergueu-se, parecendo ofendido.

— E como você se sentiria se essa menina saísse com outro cara enquanto estava saindo com você?

— Não sei. Que eu saiba, isso nunca aconteceu.

Larguei a rede e sentei-me na amurada do barco. Entrávamos em águas mais profundas, rumo ao mar aberto.

— Ela é sua irmã, Marcelino. Você deveria se preocupar com o que ela faz e com o que podem pensar dela.

— Ela é uma mulher casada agora.

— Exatamente por isso. Há coisas que uma mulher casada não deveria fazer. Desonrar seu marido é uma delas.

Marcelino, para minha surpresa, largou a rede, levantou-se e ergueu a aba do boné, mostrando-me seus olhos arredios. Mais do que isso, pregando-os nos meus.

— Seu Melquíades, que tipo de homem o senhor é? Acabou de se casar e está questionando algo que acontecia antes de se casar com ela. Se há algo errado, o senhor sabia. Se existe algo errado, é porque o senhor permitiu. Ela tem dezoito anos, e o senhor é um...

— Quer dizer que você confirma. Sua irmã trepava com aquele Tranqueira. E ainda trepa, não é?

— Veja lá como o senhor fala da minha irmã!

— Ah! Agora ela é sua irmã? Agora você se preocupa com ela? Ela é minha esposa, moleque! Quando passar na frente de minha casa e as janelas estiverem fechadas, imagine o que estaremos fazendo lá dentro. Se isso te incomodar, tente imaginar o que seu amigo maconheiro faz com ela no meio do mato.

Marcelino ficou me olhando. Pensei que ele diria algo, que julgaria os erros de Mariana e me ajudaria a endireitar isso. Mas o rapaz voltou a se enclausurar em sua aba de boné.

— Não faço ideia do que o senhor está falando.

Fiquei esperando qualquer outra reação, o que não aconteceu.

— Volte ao seu trabalho. É para isso que você existe — falei em tom autoritário enquanto me dirigia à proa do barco.

— Seu Melquíades — gritou Marcelino por sobre o ruído do motor. — Por que o senhor se casou com ela?

Não respondi. Segui para a proa, para sentir o vento gelado, e me peguei tentando responder a mim mesmo alguma verdade sobre a pergunta de Marcelino, e a verdade é que, tirando as fotos de que precisava, ou achava precisar, eu não tinha a mínima ideia. Puxei pela lembrança os tempos não tão remotos da menina Mariana em seu short curto e seios soltos em camisetas finas. Para ter isso tudo, eu não precisaria ter me casado. Puxei pela lembrança, esta mais remota, minha não mais Beatriz. Ela esvoaçava em uma memória etérea, sem tomar mais forma. Apenas um tempo bom, alguém que eu amei e que não existia mais. Puxei pela lembrança Ismael e nossa correspondência, o motivo de minha vida agora. Se as coisas haviam acontecido, não havia como mudá-las, e eu teria de viver o resto de minha vida com algum horizonte e com algum lugar no agora, um agora que me mantivesse desejando permanecer vivo. Ismael ainda era esse agora, que eu deveria manter, porque Mariana, esta eu, definitivamente, não amava. Mariana era as fotografias, fotografias que, esperava eu, manteriam Ismael ao meu lado para sempre.

Mais tarde, quando chegamos ao local onde lançaríamos as redes, Toninho me perguntou se eu faria fotografias do mar. Não, eu não faria. Queria apenas matar alguns peixes. Se viessem tartarugas, eu também as mataria. Se viesse uma sereia, eu a mataria. Pedi que Toninho tomasse cuidado, pois, se ele caísse na água e se enrolasse na rede, eu o traria para bordo e o mataria.

Creio que ele não acreditou em mim, mas evitou falar comigo depois que a primeira rede veio cheia de corvinas e pargos, que eu matei com uma espetada de faca na cabeça de cada um.

Ao cair da noite, quando voltávamos para casa e vi as primeiras janelas da vila a se iluminar, dei-me conta de que aquela havia sido a primeira vez que eu saíra ao mar sem sentir nenhum enjoo. Eu era afinal um homem do mar.

Tríade

Eu andava estudando novas possibilidades para a Mariana que Ismael veria em um futuro breve. O inverno estava acabando. Aqui e ali, em meio à mata, algumas florezinhas começavam a pontilhar um arbusto ou uma árvore.

Enquanto uma resposta de Ismael não chegava, eu analisava os movimentos cotidianos de Mariana, aqueles que primeiro me chamaram a atenção. Quando nosso hemisfério se enfeitasse de flores, eu mandaria para Ismael uma flor próxima, mas inacessível. Algo que lhe parecesse possível, diferente das mulheres que ele provavelmente tinha pelas paredes de sua cela.

Falávamos a mesma língua. Eu e Ismael falávamos das mesmas coisas, pensávamos igual, e isso ficou claro quando recebi sua resposta, o que me deu mais certeza sobre como deveriam ser as próximas fotografias.

*Pequeno Melquíades,
as águas duras que me balançam por aqui são mais reais do que essas
com as quais você sonha.*

Ismael

Essa foi a resposta ao bilhete que eu havia mandado junto com a foto, um bilhete que eu temi que ele não entendesse.

*Ismael,
casei-me novamente. Belo balanço tem o mar aqui. Você nunca mais
poderá navegar por águas como estas.*

Melquíades

Se eu o estava interpretando corretamente, então ele estava quase que se lamentando pelo tipo de sexo que estava tendo na sua vida no cárcere. Imaginei-o sendo estuprado por noites seguidas, e isso me fez feliz. Também me satisfez o fato de ele duvidar que minha vida fosse real, que Mariana fosse real, minha esposa de verdade. Por outro lado, não havia como eu ter certeza de que Ismael estava sendo sincero, ou se estava apenas me provocando para conseguir mais fotografias.

Por um breve momento pensei em não atendê-lo em sua descrença ou em sua solicitação disfarçada. Pensei em não enviar mais fotos. No entanto, como um pescador que eu agora era, imaginei como é bom ver um grande cardume, e como é ruim não estar equipado para capturar tal cardume. Algo desejado, ali, brilhando para atizar nosso desejo, mas indo embora, soberano para qualquer outro. Agora eu tinha certeza. Eu podia sentir o que Ismael sentia. Por isso, tinha certeza.

Ismael e suas sensações de homem. Uma imagem fervendo-lhe o sangue. Ele querendo, querendo, querendo muito. E o papel frio de fotografia. Depois o papel vai se amassando e manchando. Estrias de tempo deformam as linhas traçadas pela luz, a umidade oxida a imagem e a enche de bolor. Se um dia Ismael saísse da cadeia e viesse procurar por Mariana, para me cobrar o sofrimento causado, a encontraria como a foto que ele traria em seu bolso: uma coisa ressequida e apagada, incapaz de fazer o sangue correr fervente pelas veias também enfraquecidas daquele Ismael que já teria pago pelo crime cometido.

Ele teria mais fotos de Mariana enquanto ela fosse merecedora desse tipo de atenção. E se ele precisava de provas de que ela era minha, então ele as teria.

Mariana perguntou o que o carteiro havia me trazido, e só então percebi que eu teria de alugar uma caixa postal, porque é claro que ela não poderia saber a que objetivos as fotos me serviam. Respondi-lhe que era coisa de minha vida antiga, carta de um banco querendo vender um produto

qualquer. E, para dar credibilidade à minha mentira, rasguei o envelope em pedaços pequenos e o joguei no lixo.

— Imagine que chique. Eu com uma conta em um banco — disse ela, sonhadora, enquanto pintava as unhas, coisa que eu ainda não a havia visto fazer.

A mentira veio a calhar. Beatriz havia sido uma mulher cuidadosa com sua aparência. Ismael matou-a. Eu não desejava que ele matasse Mariana, mas se unhas pintadas pudessem ajudar a fazê-lo se lamentar um pouco mais, então, por que não? Assim, dei trela aos sonhos de Mariana. Um ato cristão, creio eu.

— Sim, minha querida. Um cartão de banco só para você. Um talão de cheques. Essas coisas permitem muita coisa. Você vai poder ir ao cabeleireiro fazer penteados, poderá pintar o rosto, fazer maquiagens.

Ela saltou da cadeira e veio com os dedos esticados me abraçar.

— Puxa, puxa! Você bem que poderia me comprar um estojo de maquiagem, né? Eu só tenho estes esmaltes velhos da minha mãe.

Eu não podia esperar um pedido dela que atendesse melhor aos meus intentos.

— Tudo bem, eu compro. Mas com uma condição.

— Qual?

— Vamos fazer umas fotos lindas de você maquiada e penteadada. Te compro até um cordãozinho de ouro para colocar no pescoço.

Mariana saltitou.

— Claro. Assim eu vou poder me ver bonita mesmo quando eu não estiver bonita.

— Sim, sim. Só que quero fotos de você só com a maquiagem e o cordão.

Mariana tinha um pavio fácil de acender, e a despeito do frio, que ainda não permitia roupas leves, ela caminhou para o quarto, se despindo. Imaginei que vídeos seriam ótimos, mas acho que eles não aceitam aparelhos de vídeo na prisão.

Depois Mariana riu de meu rosto borrado de esmalte e se lamentou pelos lençóis nas mesmas condições. Eu falei para ela que iríamos à cidade comprar suas maquiagens e que em alguns dias faríamos as fotografias. Ela ainda me perguntou por que eu gostava tanto de fotografias. Eu respondi que não acreditava em Deus, mas gostava da ideia de não morrer nunca.

— Fotos te darão vida eterna — eu falei.

Mariana entrou no banho. Voltou embrulhada em uma toalha e colocou o rosto para fora da porta.

— Beatriz tem vida eterna?

Olhei-a meio assustado, mas não li na expressão dela nenhum sinal de animosidade.

— Tem — respondi.

— Posso ver?

Fiquei ressabiado. Apesar de Beatriz estar se esvanecendo em minha memória, ela ainda era excessivamente presente na figura de Ismael e do que eu pretendia para ele. Agora, diante do pedido de Mariana, eu me sentia como se estivesse sendo solicitado por uma amante a apresentar-lhe a esposa.

— Posso ver ou não? — Mariana insistiu.

— Se eu responder que não, você ficará magoada?

Tal preocupação com Mariana não existia de verdade. Eu estava apenas cuidando de mim mesmo.

— Magoada, não. Mas preocupada, sim. Se Beatriz tem vida eterna, então você é um homem com duas esposas.

Fitei Mariana e vi em seus olhos uma preocupação que poderia se tornar preocupação para mim.

— Espere um pouco — pedi.

Fui até o quarto e voltei com a única fotografia que eu tinha de Beatriz, aquela que roubei de seu túmulo.

— Aqui está. Beatriz, esta é a Mariana. Mariana, esta é a Beatriz.

Mariana pegou a fotografia e olhou-a sem emoção.

— Ela era bonita.

— Vida eterna — eu falei.

— Ah, sim. Ela “é” bonita — consertou Mariana. — Ela não tem corpo?

— Queimei-o — respondi meio sem graça. — Então eu acho que tenho apenas uma esposa e uma cabeça de esposa.

Mariana levantou as sobrancelhas e repuxou os lábios, respeitosa.

— Por isso eu quero muitas fotos suas. Quero que em sua vida eterna você seja inteira, e não apenas uma cabeça sem corpo — completei.

— Te agradeço por isso — respondeu Mariana, entregando-me a foto e me lançando um sorriso tão sincero que acabou me machucando. Mas ela fechou a porta e foi ao banho, e eu fiquei com Beatriz.

O machucado causado por Mariana cicatrizou. Fiquei sentindo a dor de outro machucado que eu, por puro despeito, não queria que cicatrizasse, para que Ismael sentisse o gosto do meu sangue.

Quando o inverno se foi, Mariana já tinha os traços da mulher que ela pretendia ser. Esbanjou horas estudando penteados e segredos de maquiagem. Comprei-lhe as roupas que ela me disse serem as adequadas, e, enquanto ela se especializava em se tornar uma mulher cheia de subterfúgios visuais, eu treinava fotografando as flores que enfeitavam a ilha. Com os olhos voltados aos meus próximos passos, deixei de ver os de Mariana. No entanto, alguém na vila fazia questão de olhar para ela, e se a culpa era minha, era também de toda a humanidade, que inventou a propriedade privada e incluiu as pessoas nela.

Mariana vinha até mim com novos passos, com cabelos que eu não conhecia, com olhares que a faziam expandir-se para além da ilha. Eu fazia um gracejo qualquer, para manter a aparência de marido interessado. A cama acudia a necessidade urgente, mas Mariana se via só no momento seguinte, com toda sua produção destruída em troca de alguns bons e curtos momentos que serviam apenas a mim. Depois eu ia ao mar. Algumas vezes,

com a chegada do calor, eu ia com Toninho levar alguns pescadores de fim de semana para matar algum peixe. Não raro havia mulheres nesses pequenos grupos, e eu as olhava como havia olhado para Mariana em um tempo não muito distante.

Em uma dessas saídas, quando voltamos à vila, informei Toninho que pretendia sair ao mar com Mariana no dia seguinte, um domingo. Ele me disse que havia acertado de levar outro grupo de turistas para pescar, então eu disse a ele que a segunda-feira era um bom dia para ele descansar depois de trabalhar no fim de semana. Pedi que Marcelino deixasse o barco limpo para meu passeio. O rapaz ergueu a aba do boné e me olhou nos olhos. Não falou nada, mas eu entendi muita coisa.

Toninho me deixou no atracadouro da vila e seguiu rumo à cidade, para deixar os turistas por lá. Sobre o ruído do motor, depois de o barco ter saído, ouvi um repentino alvoroço vindo do barco. Assovios e gracejos partindo dos homens em direção à praia. À frente, seguindo pela praia, Mariana ia andando, levantando o vestido para evitar que a marola molhasse a barra. Alguns metros mais à frente, ela deixou a faixa de praia e adentrou mais a vila. O Tranqueira estava sentado em frente à sua casa, e Mariana passou bem na frente dele. Eu estava longe, mas percebi a interação entre a cabeça dela a virar para ele e o corpo dele a se ajeitar esperançoso. Segui-a com os olhos até ela chegar à nossa casa, e se eu não conhecesse o andar de minha esposa, diria que aquela mulher era alguém que não era dali. Diria que era alguém como havia sido Beatriz.

O Tranqueira seguiu Mariana e a alcançou no meio do caminho. Mariana olhou ao redor, e eu me escondi atrás de um dos barcos atracados. Os dois seguiram conversando, e a cautela nos olhares que vasculhavam os arredores sugeria o que eles falavam.

Fiquei a imaginar se ela pensou em como eu, seu pai e seu irmão estaríamos reagindo ao gracejo dos homens no nosso barco. Ela não sabia

que eu não estava mais no barco. Então, pensando que eu estava seguindo rumo à cidade, ela conversava com o Tranqueira.

Pela primeira vez senti verdadeiramente algo parecido com orgulho ferido, porque minha esposa, que talvez tivesse se enfeitado também para os turistas no barco de sua família, não se preocupava com o fato de haver mulheres e homens, nossos conhecidos, vendo-a seguir rumo à nossa casa com um homem que não era eu. Mariana já vivia o que pretendia viver longe dali. Como as pessoas dos grandes centros urbanos, ela olhava apenas para si, imaginando que todos também tinham olhos eternamente fixos em um espelho. Falo isso tomando-me como exemplo.

Sentei-me no atracadouro decidido a deixar Mariana ser feliz por alguns momentos, mas ela não quis. Fechou a porta de nossa casa na cara do Tranqueira, que por alguns segundos ainda ficou ali, esperando-a, mas por fim foi embora.

Quando entrei em casa, Mariana me recebeu como uma esposa bondosa. Sorriu, me beijou, disse que prepararia o jantar. Eu peguei minha máquina fotográfica, e com uma frieza que pensei não possuir pedi que ela se despisse. Ela pediu que eu esperasse e foi ao nosso quarto, e quando voltou estava com os cabelos presos, sem maquiagem e com a roupa que ela costumava usar quando ainda era a Mariana que não sonhava tão alto com outro mundo que não aquele.

— Vou preparar o jantar — ela disse, passando por mim com indiferença.

Jantamos em silêncio naquela noite, e, quando fomos dormir, havia entre nós um vácuo que eu me arrependi de ter criado.

Deixei o domingo passar procurando apagar a impressão que eu tinha criado no dia anterior. Procurei conversar com Mariana sobre assuntos banais, mas que interessavam a ela. À tarde, quando fui tomar banho, Mariana veio à porta do banheiro e me perguntou o que era aquela barulheira que eu estava fazendo lá dentro. Pedi que ela esperasse um

pouco, e, quando abri a porta, mostrei a ela uma lâmpada que eu havia instalado acima do espelho do banheiro.

— Fica mais fácil para você se maquiar e se pentear.

Mariana entrou no banheiro e se pôs entre mim e o espelho. Acendeu e apagou a luz algumas vezes, baixou o rosto e começou a chorar. Fiquei sem ação, tentando entender pelos soluços se ela chorava de felicidade ou de tristeza. Quando ela levantou o rosto, vi pelo espelho que não havia nenhum indício de alegria nos olhos avermelhados.

Era fácil, para mim, tocar Mariana, colocar as mãos nela, sempre sabendo exatamente o que eu pretendia. Mas naquele momento eu não soube como manter contato físico, como estar com ela sem parecer invasivo. Apenas dei um passo para trás e me sentei no vaso sanitário.

— O que foi, Mariana? Por que está chorando?

Ela voltou-se para mim e recostou-se na pia.

— Eu sou muito mais do que isso. Todo mundo é muito mais do que se vê. Se você fosse cego, me amaria do mesmo jeito?

Senti um frio na barriga daqueles que são sentidos quando se é pego em algum ato proibido. Eu jamais disse a Mariana que a amava. Pelo menos dessa mentira eu não poderia ser acusado.

Sem saber o que responder, e na verdade querendo fugir de qualquer resposta que ela pudesse compreender, apenas fiz um sinal para que ela esperasse e fui ao quarto buscar minha máquina fotográfica. Quando mirei a lente no rosto de Mariana, sua expressão se encheu ainda mais de dor. Dias depois, quando mandaria ampliar aquela foto, me assustaria ao ver o rosto choroso

de Mariana emoldurado pela luz da lâmpada que vinha de trás e de cima dela. Tive de abrir bem o diafragma da câmera para poder capturar a face de Mariana, mas essa exposição criou atrás dela um brilho angelical. Se eu fosse um homem crente em coisas divinas, diria que eu tinha me casado com a própria Virgem Maria, mas não mais virgem.

Depois da fotografia, abracei minha esposa e dei-lhe um beijo no rosto salgado. Ficamos em silêncio, e ela se despiu para tomar banho. A água morna beijou o corpo que eu acariciava com a esponja.

— O que acha de passearmos de barco amanhã? — eu perguntei, beijando-lhe o ombro espumado.

— Amanhã é dia de pescar.

— O barco é meu... O barco é nosso. Fazemos com ele o que a gente quiser — respondi.

Mariana virou-se para mim.

— Quero que você tenha vida eterna, mas só se você quiser — eu falei, esforçando-me para que as palavras e a forma como elas eram criadas tivessem algo de carinhoso.

Mariana sorriu, e eu não me surpreendi ao perceber mais uma vez como as mulheres podem ser doces e sinceras a partir de tão pouco.

— Eu quero — ela respondeu.

— Só a cabeça? — perguntei, agora tentando parecer divertido.

— Não. O corpo todo. Quero poder sentir a brisa que há por cima das nuvens.

Dei um passo para trás e mirei Mariana dos pés à cabeça.

— A eternidade ficará agradecida.

No meio da madrugada eu ainda estava acordado. O mar batia à nossa porta em uma maré estranhamente alta. Eu pensava que tipo de fotografia seria boa para atingir Ismael nesses tempos de muitos pássaros cantando e de muitos urubus virando em círculos sobre a carniça. Ao meu lado Mariana dormia tranquila, e eu esperava que ela sonhasse com seu passado ou que envelhecesse durante o sono, para aprender mais rápido sobre o quanto a vida pode ser dura se a gente espera algo de bom dela. E desejando esse bem para minha adormecida esposa, eu me julguei um homem bom, principalmente se comparado a Ismael.

Tempo feio

Lembro-me de anúncios de qualquer tipo de bugiganga, real ou imaginária. Lembro-me de certa vez ter visto um desses anúncios, um específico, em uma revista. Seguro de vida. Prometiam o que se deve prometer, mas a fotografia falseava. Um iate, o cara fortão ao leme, a mulher esbelta à proa. Mar calmo, céu azul. Imaginei uma porção de coisas que sucederiam àquele momento fotografado, se fosse um momento da vida real, e nenhuma dessas coisas podia ser conseguida com a indenização de um seguro de vida. Esse mesmo tipo de fotografia servia para vender outras coisas, desde o próprio iate até alguma bebida. Houve tempo em que se vendiam cigarros com anúncios desse tipo.

Eu e Mariana éramos um anúncio, um anúncio bem ruim. Eu estava ao leme, pela primeira vez pilotando sem os olhos atentos de Toninho. Ele havia me ensinado a cortar as ondas e a dar a lateral do barco quando necessário. Eu sabia o que deveria saber para levar o barco para longe da costa, para onde os olhos não alcançam. Mariana ia à proa, sentada na amurada. Ela havia colocado uma cadeira de praia ali e se sentado, mas caíra com o solavanco do mar, deixando a cadeira de lado, para quando parássemos.

Mariana não costumava ir muito ao mar. A segurança do concreto é que lhe interessava. Acredito que naquele dia ela estava certa de que o futuro breve lhe reservava muito concreto, porque olhava pensativa para o longe, mas parecia feliz, como seria um turista.

O barco cheirava a peixe, e é uma pena que as fotografias não reproduzam também os odores. Aquele cheiro seria para Ismael como o cheiro da liberdade. Pensei em embeber a foto em água de peixe, mas julguei que chegaria a ele com cheiro de tripas apodrecidas, o que, eu

esperava, era o cheiro que ele sentia todos os dias, portanto, sem efeito. Já o cheiro do mar, esse vinha de todos os lados, e às vezes a brisa trazia um perfume ácido que se sobrepunha também ao cheiro de diesel queimado. Era o perfume de Mariana.

Quando os horizontes se fundiram azuis ao redor do barco, desliguei o motor e fundeei. Mariana espreguiçou-se e se livrou do vestido de veraneio. Ajeitou novamente a cadeira de praia e se deitou. Dei a ela uma lata de cerveja, porque vinho ou champanhe não combinariam com meu barco nem com meu bolso. Ela, de óculos escuros de qualidade duvidosa, se enfeitava de feições que treinava desde que nos casáramos. Forçava para si o que julgava ser o que era Beatriz e todas as mulheres da cidade, que ela observava às vezes quando algumas delas apareciam em Vila Santa.

Esforcei-me para não parecer interessado em algo mais que Mariana, e passamos a manhã toda conversando sobre banalidades. Foi o que eu julguei que fosse nossa conversa, mas para Mariana eram planos para o futuro. Depois comemos, e Mariana dormiu na cama rústica com o cheiro de seu pai. Fiquei observando o horizonte, torcendo para não ver nuvens negras, e pensei bastante no ângulo que eu usaria na fotografia que seria destinada a Ismael. Quando Mariana acordou, eu já tinha esquadrinhado todas as possibilidades. Beijej minha esposa, acariciei-lhe os cabelos e depois fui pegar minha máquina. Quando voltei, Mariana sorriu e pegou seu novo estojo de maquiagem. Gastou meia hora se maquiando e se penteando, e quando voltou estava como eu havia pedido dias antes. Ela havia aprendido bem a se maquiar. No pescoço, uma gargantilha banhada a ouro, presente meu.

Mariana estava linda, e pensei no quanto eu poderia ser feliz se fosse capaz de perdoar ou de simplesmente esquecer. Na verdade, eu seria feliz se simplesmente não me julgasse um homem de honra e que deve honrar a própria honra. Quando Mariana não fosse mais desejável, talvez eu já fosse um homem incapaz de desejar e de querer manter outro tipo de honra.

Fiz muitas fotos. Deixei que Mariana fosse decidindo como queria ser vista na vida eterna. Ao fim, falei que queria uma foto com ela, uma foto que expressasse a minha felicidade. Armei o tripé e regulei o temporizador da máquina, depois arremessei o anzol ao mar e me sentei na cadeira de praia de modo a ficar de perfil. Pedi que Mariana acionasse o disparador da máquina

e viesse se sentar ao meu lado, ainda nua. Ela assim o fez, mas eu havia regulado o temporizador para ser disparado quando ela ainda estivesse andando em minha direção.

— Xi! Não deu tempo — disse Mariana ao ouvir o som da máquina enquanto ela vinha até mim.

— Que droga! A bateria da máquina estava acabando. Acho que não vai dar para fazer outra — respondi, fingindo aborrecimento.

— Podemos fazer outras fotos outro dia.

— É.

— Devo me vestir? — perguntou Mariana, sorrindo.

Não se vestiu. E então eu fiz jus às minhas propriedades. Usei minha esposa em todo o meu barco.

À noite, já em casa, Mariana deitou-se no meu colo e ficou falando sobre mobílias e cores. Falava de nossa casa na cidade grande. Eu dava a ela ideias, e ela foi apagando, as palavras se tornando espaçadas e enroladas, até que adormeceu. Se eu não a entendesse como uma mulher e minha esposa, diria que aquele foi o único momento de minha vida em que tive algum sentimento paternal. Ela me parecia uma filha dormindo sobre minhas pernas. Senti um impulso de dar-lhe um beijo no rosto, um beijo carinhoso, mas apenas levantei sua cabeça com cuidado e a deixei dormindo no sofá.

Em nossa cama, pensei em Beatriz e em Ismael. Queria manter Mariana longe da minha afeição. Não se deve dar nome ao porco que queremos para o jantar.

Quando a luz do dia clareou a casa pela manhã até se tornar insuportável, levantei-me e me preparei para ir à cidade ampliar as fotografias. Depois seria o correio, e depois do depois eu esperaria, como sempre.

— Posso ir com você? — perguntou Mariana, e senti mais saudades de Beatriz, que nada pedia, apenas informava.

— Acho melhor não. Vai estragar a surpresa da fotografia.

— Ué! O que isso tem a ver? A surpresa está na hora que a gente vê a fotografia pela primeira vez, e eu já a vi no visor da máquina — ela falou com um ar professoral. Estava ficando esperta demais.

Segurei o rosto de minha esposa com ambas as mãos, um gesto que poderia preceder tanto uma carícia quanto um assassinato.

— Você sabe por que existe apenas um dia de Natal, Mariana?

— Sim. Porque Jesus nasceu apenas uma vez.

— Não. É porque toda surpresa boa tem que demorar a acontecer. Se acontecer todos os dias, é surpresa chinfrim, é corriqueiro, rotina.

— Que bobagem! — ela respondeu rindo.

Eu concordava plenamente com essa observação de Mariana, mas ela não poderia saber disso.

— Você ainda tem muito que aprender — respondi.

Mariana deixou-me, meio enfezada, meio despeitada. Foi fazer algo ou foi a algum lugar que a mim não importava, e eu fui àquilo que era o motivo de meu mundo existir.

— Não vai falar nada? Fazer comentário nenhum? — perguntei a Eurípedes assim que ele me entregou o envelope com as fotografias.

— Acho melhor não falar nada.

— Ela é gostosa, não é? Pode levar um homem a fazer bobagens, não pode?

— Acho melhor não falar nada — ele insistiu.

— Tudo bem. Mas me faça um favor. Amplie esta foto para mim. Amplie o máximo que você puder. — Estendi sobre o balcão a fotografia que me

interessava.

Eurípedes retorceu os lábios. Foi ao fundo de sua loja e voltou com a ampliação da fotografia. Ele já a havia feito.

Olhei-o com olhos compreensivos e não pude resistir a liberar um sorriso satisfeito.

— Bem, isso responde à minha pergunta. Você realmente não precisa falar nada, Eurípedes.

Aquela era a última fotografia que eu havia feito no barco. O sol estava se deitando e iluminou bem o corpo nu de Mariana andando em minha direção sentado à proa, na cadeira de praia. A vara e o molinete descansavam no encaixe, a linha estava esticada na água, e eu estava com os pés sobre a amurada do barco. Quando a máquina disparou, o barco estava descendo uma depressão entre duas grandes ondulações, de maneira que a linha do horizonte estendia-se acima da minha cabeça. O vento vinha de lado, entrando a bombordo e levando os cabelos de Mariana, permitindo que um raio de sol fizesse brilhar o ouro ao redor do pescoço dela, perto da nuca. Entre as coxas, apenas uma sombra delatando um pequeno volume promissor.

— Você é doente — comentou Eurípedes.

Deixei o dinheiro sobre o balcão e guardei as fotografias.

— Você é casado, Eurípedes. E está fazendo cópias de fotos da mulher de um cliente. Pergunte à sua mulher quem ela acha que é doente.

Eurípedes se endireitou, sobressaltado.

— Temos um segredo, Eurípedes. Você guarda ele da cidade, eu guardo ele de sua mulher — falei, levantando o envelope de fotos.

Enquanto pedalava até o correio, lembrei-me do último encontro com Francine e da reação dela ao meu casamento. Entrei na agência, e ela inventou algo para fazer longe de minha presença. Mas afinal veio me atender.

— Carta para a cadeia de novo? — perguntou com desprezo.

— Sim, o de sempre. Amigos de verdade são para a vida toda.

— É. Deve ser mesmo.

Deixei Francine trabalhar e, quando fui pagar pela remessa, inventei uma história que talvez interessasse a ela.

— Talvez eu tenha errado em me casar com Mariana.

— Ah, é? E o que você vai fazer agora? Largar a pobrezinha? Numa cidade pequena como esta ela jamais vai conseguir se casar de novo. Ninguém aqui quer roer espinha de peixe.

— Não, não. Não vou largá-la. Mas sabe o que é? Ela não é uma mulher, não sabe das coisas ainda, entende?

— Ora, Melquíades! Pelo amor de Deus! Eu não tenho nada a ver com isso. Me poupe de sua vida privada. — Francine parecia bastante furiosa.

— Tudo bem. Só queria que você soubesse disso porque te julgo minha amiga. Mas, tudo bem, não falo mais nada.

— Precisa de mais alguma coisa, senhor?

— Não. Na verdade, preciso sim. Preciso alugar uma caixa postal.

Com a seriedade de um funcionário exemplar, Francine me explicou o que não há para explicar sobre o funcionamento do aluguel de uma caixa postal. Assinei os papéis que ela me entregou. Depois ela me deu as chaves e foi atender outro cliente que havia chegado.

Fui embora sem saber o que Francine estaria pensando. Pelo menos nenhum grampeador voou na minha cabeça. Talvez porque havia o tal cliente por perto, ou porque eu não valesse nem mesmo um grampeador quebrado.

Ao sair da agência dos correios, notei que a luz do dia caíra bastante desde que eu havia chegado. Estávamos no meio da primavera, e as tempestades não eram algo comum na estação. Mesmo assim, ao longe não muito distante as suaves nuvens cinzentas davam lugar a um gigantesco emaranhado de grossas e pesadas nuvens negras e chispavam raios sobre o

oceano. O vento leste, soprando areia nos olhos das pessoas, trazia o cheiro adocicado da água doce que ameaçava despencar.

Enquanto pedalava pela rua à beira-mar, tentei calcular o tempo que a tempestade levaria para chegar e quanto tempo eu levaria para chegar a Vila Santa. Pelas ruas as pessoas iam fechando as janelas e as portas das casas. Algumas casas de comércio faziam o mesmo. O mar e o paredão do calçadão pareciam estar brigados. Os beijos de outrora agora eram tapas violentos que jogavam água salgada para o alto em grandes erupções. Mais à frente, no canal, os barcos coloridos sacolejavam com violência enquanto alguns homens jogavam âncoras adicionais.

Cheguei ao fim da cidade, início da parte de praia que levava à minha casa. Algumas gotas de chuva caíam esparsas, mas com violência. O vento contrário me fazia vencer com dificuldade a areia e decidi me derrubar, talvez para tentar me convencer de que não era seguro seguir em frente. Resolvi acreditar no vento, porque ao longe a praia havia desaparecido, engolida pelo horizonte agora bem mais próximo do que o normal. A tempestade estava bem em cima de Vila Santa. Temi por meu barco, por Toninho e Marcelino. Estavam todos no mar.

Sem outra opção, pedalei de volta para a cidade, que parecia deserta. Aquilo me assustou bastante, pois aquela gente conhecia as manhas do clima. Segui em direção ao correio, esperando poder me proteger por lá até que a tempestade passasse, mas a agência já estava fechada. Por baixo da porta eu vi as luzes acesas. Na rua já havia uma noite forçada. Bati na porta e chamei por Francine, mas, se ela me ouviu, fez que não ouviu.

As gotas começaram a cair mais pesadas, e, já sem tempo, fui depressa até a loja de Eurípedes. Também estava fechada, mas bati em sua casa, nos fundos, onde ele me permitiu esperar até que a tempestade passasse.

— Nunca vi uma tempestade dessas — eu disse enquanto enxugava os cabelos com uma toalha dada por Conceição, a esposa de Eurípedes.

— Você ainda não viu nada. A tempestade está só avisando que está chegando. Daqui a pouco é que vai ficar bom — disse ele.

O vento assobiava, e parecia que estávamos em uma enorme floresta, tamanho o barulho causado pelas árvores e coqueiros.

Conceição, enquanto passava um café, acendeu uma vela em um canto da cozinha.

— De qual santo a senhora é devota? — perguntei.

— Iemanjá.

— Iemanjá é santa?

— É mais do que isso. Espero que uma vela seja suficiente — ela respondeu.

— Mas as oferendas para Iemanjá não devem ser postas no mar?

Eu nada sabia sobre santos, divindades, entidades ou pessoas do além ou do Divino.

Conceição foi até a janela da cozinha, abriu a cortina e deu uma olhada para fora, para o mundo escurecido iluminado aqui e ali pelos postes acesos pela emergência.

— Hoje o mar trará Iemanjá e todas as almas dos mortos até a porta de nossas casas. Que ela tenha piedade de todos nós.

Aquilo me assustou um bocado.

— Não dê atenção a ela, seu Melquíades. É só uma tempestade.

— Mas não deve ser uma tempestade comum. Desde que estou aqui, não vi uma assim.

— É bom o senhor conhecer uma dessas antes de dizer que é um marinheiro e de achar que pode sair sozinho ao mar. Ainda mais se for levar uma mulher.

Olhei para Eurípedes com um olhar pesado, mas ele me devolveu um olhar cúmplice.

— É um aviso de amigo, seu Melquíades. Com o mar não se brinca.

Como se ouvisse essa afirmação, do mar soprou uma lufada de vento ainda mais violenta. As luzes da casa se apagaram, assim como as da rua.

— Aí vamos nós — disse Eurípedes. — Terminou o café, Conceição?

Conceição estava acendendo mais velas pela casa, e agora elas serviriam a Iemanjá e a nós.

E então o céu despencou. Era como se as águas do Atlântico estivessem sendo sugadas e depois cuspidas sobre o mundo. De vez em quando a ladainha de Conceição se sobrepunha à voz do temporal enquanto o café já passado esfriava no bule.

— Será que lá em Vila Santa também está assim? — perguntei.

— Está preocupado com alguém? — foi a resposta que obtive de Eurípedes.

Olhei-o com gravidade sob a luz da vela. Parecia a mim que ele tentava me expor a Conceição, como se duas pessoas cometendo o mesmo pecado tornassem esse pecado menos grave.

— O senhor não devia ter deixado sua esposa sozinha lá, seu Melquíades — disse Conceição.

— A senhora conhece a minha esposa? — perguntei tentando parecer displicente.

— Mariana? Todos a conhecem. Mas agora ela é uma mulher de Deus.

— E antes não era?

— Conceição, para de falar do que não te interessa e traz logo o café para a gente. Iemanjá não está entendendo nada do que você está resmungando aí — exasperou-se Eurípedes. — Não dê atenção, seu Melquíades. Mulher velha e cidade pequena são sempre iguais.

— Eu entendo. Mas o senhor acha que o pessoal lá está seguro?

— Vamos torcer para que sim.

Foram quase quarenta minutos de tempestade, tempo suficiente para bastante café, que eu tomava por falta de álcool para me acalmar. Percebi que dava algum valor àquela gente da vila, a gente que agora era a minha

gente. Não sei se era algum valor verdadeiro ou se era apenas o sentimento de humanidade que julgo existir até mesmo no maior dos crápulas. O fato é que durante a tempestade nada mais me preocupou a não ser o bem-estar daquelas pessoas e, principalmente, de Mariana. Talvez eu a amasse sem saber.

Mais um sorriso

Ao longo da praia, enquanto eu pedalava até Vila Santa, notei os postes esparsos caídos no chão. Em um determinado ponto a fiação chiava e faiscava. A partir daquele ponto a rede elétrica estava morta.

Toninho, sábio homem das águas que era, entendeu os lampejos ainda em alto-mar. Estando a tempestade ainda distante, voltou a tempo de salvar a si, ao seu filho e ao meu barco. Embrenhara pelo rio Robalo quando a tempestade já começava a despencar e conseguira enfiar a embarcação na vegetação do mangue. Ele e Marcelino tiveram de ficar no barco até o fim do temporal, vendo o rio se avolumar e temendo pela vila.

A maioria das casas tinha telhados e cercas danificadas. A mata estava toda retorcida, e havia muito peixe morto pela praia. Percebi alguma movimentação lá para o extremo da vila, mas corri primeiro para minha casa.

Chamei por Mariana e não a encontrei. A porta escancarada indicava que ela, em algum momento, havia saído, e apenas vivos podem sair, o que me tranquilizou. Voltei ao quintal e vi que nas demais casas as portas também estavam abertas. Voltei minha atenção à movimentação lá para os lados da casa de Toninho.

Assustador. Assustador ver um homem como Toninho chorar. O que restava de sua casa amontoava-se no Robalo. Sentados sobre uma nova margem, sobre um novo contorno do rio, Toninho, Mariana e Marcelino choravam abraçados. Não havia o mínimo resquício da casa que antes existia ali.

— Eu passei... eu passei quando a tempestade estava começando. Isaulina estava fechando as janelas e ainda me fez um aceno. Ai, ai, ai, Isaulina! Por

que você não correu? Eu deveria ter largado o barco para a tempestade e salvado minha Isaulina.

Fora-se a casa de Toninho, fora-se a esposa de Toninho. A mãe de Mariana e de Marcelino agora fazia companhia ao filho da mulher que chorava no mar, todos oferenda a Iemanjá.

Nada sobrara. Nem casa, nem atracadouro, nem chão. Agora o rio Robalo ali na foz tinha vinte metros a mais de largura.

Dias tristes e duros se seguiram. Na alta primavera, mais quente do que deveria ser, a tempestade parecia ter sido uma coisa impossível sob o céu azul e o sol escaldante que pelos dias seguintes acompanharam os moradores que tinham de reconstruir as partes destruídas de suas casas.

Toninho e Marcelino ficaram conosco por quase três meses, até que construíssemos uma nova casa para eles. O velho pescador ia todos os dias até onde antes havia sua casa e ficava lá durante horas esperando que o mar devolvesse o corpo de sua Isaulina. Nesses dias ele viu as crianças começarem a pegar gosto por nadar naquela parte do rio, onde agora havia uma reentrância de águas calmas que não condizia com a fúria da barra.

Em um desses dias, sentei-me com Toninho por ali. Ele olhava para o mar como eu havia olhado para Ismael. A diferença entre nós é que, no caso do velho pescador, era certo que o último riso seria do mar.

Fixei os olhos nas águas que se misturavam. Eu estava feliz ali, tomando para mim um altruísmo que era real em Toninho. Olhei e olhei e olhei, sempre atento a qualquer coisa que passasse boiando. Cheguei a me levantar entusiasmado quando um boto botou sua cabeça para fora lá no meio da barra. E, de tanto olhar para a água, não percebi que os olhos de Toninho estavam mais perto, estavam nos meninos que nadavam e se divertiam.

— O inferno está onde a gente quer que ele esteja — disse Toninho.

— Pois eu acho que é como dizem: o inferno de um é o paraíso de outros — retruquei.

— Dá no mesmo.

Não questionei por julgar não interessar a Toninho nenhuma observação minha. E como que entendendo o que poderia estar passando em minha cabeça, Toninho sorriu olhando para os meninos e chamou um deles. O garoto, de uns dez anos de idade, veio até nós com os olhos vermelhos e salgados.

— Você prefere este lugar, aqui onde vocês estão nadando, como é agora ou como era antes? — perguntou Toninho ao menino.

O menino fechou a cara e abaixou a cabeça. Virou as costas, foi até os outros dois meninos que nadavam e falou algo para eles. Em seguida, os três saíram da água.

— Desculpa, seu Toninho — disse um deles.

E os meninos foram embora.

— Viu? — disse Toninho. — Paraíso, inferno. É tudo a mesma coisa. A gente é que escolhe o que quer ver.

Dias depois, um dos meninos veio correndo até minha casa, gritando por Toninho. O pequeno trazia nas mãos um crânio.

— Achei na praia.

Toninho pegou o crânio e sorriu.

— É Isaulina. Agora eu posso dar a ela um enterro de gente de Deus.

— Toninho, como... como você pode ter certeza de que é a Isaulina? — perguntei com cuidado.

O pescador me olhou ofendido.

— Dei muita felicidade e alegria para minha mulher, seu Melquíades. É o que um homem tem que fazer. Um homem só conhece verdadeiramente o sorriso de uma mulher se é ele quem a faz sorrir. Conheço muito bem o sorriso de minha mulher, seu Melquíades. Conheço muito bem. Este aqui é o sorriso de minha mulher — falou apontando para os dentes que restavam no crânio.

Pensei na tristeza de Mariana, que havia meses não tinha motivo para sorrir, e pensei que se me dessem o crânio de Beatriz nas mãos, eu o jogaria no chão, enojado.

No dia seguinte houve um funeral no cemitério em Berço Grande, o funeral mais incômodo do qual já participei, porque, enquanto baixavam o caixão ao buraco, todos podiam ouvir o som do crânio rolando e batendo contra a madeira medíocre. E nada me tira da cabeça que aquele som só conseguia se sobrepor à reza incessante porque era o som de quem pede que bocas se calem.

Quando a tempestade já era apenas uma história a ser contada, Toninho e Marcelino se mudaram para a nova casa que construímos para eles. Havíamos tentado convencer Toninho de que a nova casa seria mais segura se fosse erguida no extremo oposto da vila, mas ele era um homem teimoso e insistiu em morar ainda perto do rio, apenas um pouco acima de onde estava sua antiga casa. Construímos também um novo atracadouro, e a vila pareceu menor, o que era fato.

Em nossa primeira noite novamente como um casal solitário em uma casa, Mariana deitou-se de costas para mim. Saudoso que estava dos prazeres de minha esposa, tentei abraçá-la, mas ela não permitiu.

— Não se esqueça de que meu pai permitiu que minha mãe morresse para poder salvar seu barco — disse ela.

— E você não se esqueça de que tanto a vida de seu pai quanto a de sua mãe dependiam do meu barco. E a do seu pai ainda depende.

— Seu barco é só mais um barco.

Entendi-me como um invasor que deseja um reino, e, pensando em como Ismael havia acabado com meu reinado anterior, percebi o quanto eu poderia me tornar indesejável.

Dias depois, Mariana estava sentada à varanda de nossa casa quando voltei da cidade.

— A gente nunca vai sair daqui, não é? Você não vai querer mais sair daqui.

Na mochila que eu trazia nas costas estava o motivo de eu estar em Vila Santa. Ismael havia respondido, já fazia algum tempo, à minha última foto enviada a ele, e eu não conseguia tirar da cabeça as palavras do bilhete-resposta.

Pequeno Melquíades,
quanto amor há em você? Você está vazio, e isso é uma prisão maior do que a minha.

Ismael

Sentei-me ao lado de Mariana e dei-lhe um beijo nos cabelos.

— No tempo certo, Mariana. No tempo certo.

Ela recostou-se em meu ombro, e eu entendi o tamanho do amor que Mariana me devotava. Apenas algo assim poderia ver possibilidades em uma resposta tão evasiva quanto aquela minha.

Eu havia esquecido meus objetivos enquanto trabalhava na reconstrução da vila. Por mais de três meses mantive Ismael longe de meus dias, preocupando-me apenas em fazer com que Vila Santa continuasse a ser o que era antes da tempestade. Agora aquele tempo de reconstrução havia acabado, e o mundo voltava a girar lentamente. As ondas, a areia, os peixes e Mariana, tudo voltava a ser apenas um cenário.

Comprei para Mariana uma mesa de vidro grosso com cadeiras estofadas. Disse-lhe que era o primeiro passo rumo ao mundo que ela queria. Com isso, dei a ela motivos para conversas com as mulheres da vila, e dei a mim mais tempo, o tempo necessário para concluir meu projeto. Voltei a fotografar a liberdade. Às vezes eram apenas lugares. Outras vezes era a ação. Homens fazendo uma rede, crianças correndo pela praia, mulheres cozinhando em fogões a lenha. Além dessas, mandei para Ismael muitas fotos de Mariana. Eu comprava para ela alguma coisa a mais para a casa e

aproveitava o momento de felicidade dela para eternizar os sorrisos e os gracejos, garantindo que a Ismael chegasse a imagem de uma esposa feliz. Depois de três anos, fora das fotos e dos presentes, Mariana era uma mulher que passava os dias a limpar a mobília que ela julgava ser chique, esperando pelo momento em que finalmente seria levada para longe dali com todos os móveis.

Na vida que se arrastava, algumas coisas não mudavam. Minha esposa continuava a ser uma mulher jovem com suas necessidades. Enquanto eu me ocupava em passar os dias no mar e em fotografar, Mariana engravidou, e não precisei fazer muitas contas para saber que o filho não era meu. Foi por esse tempo que ela voltou para a casa do pai. Deixei-a levar tudo aquilo que dei a ela e de que ela tanto gostava. Na porta da casa quase vazia, saindo com uma sacola com suas últimas miudezas, Mariana voltou-se para mim com os olhos marejados.

— Eu te amo — ela disse.

E essa foi a segunda e última vez que ouvi isso de Mariana.

Depois disso, nunca mais fiz o caminho até a casa de Toninho. Ele me julgou um covarde por abandonar Mariana e a criança que estava por vir. Nem mesmo quando a criança nasceu com os traços do Tranqueira, nem mesmo assim Toninho me perdoou, e eu passei a ser o único pescador que saía no meu barco.

Siga para o norte

A mulher que chorava no mar parou de chorar depois que, estando com pouco mais de um ano de idade, o filho de Mariana disse sua primeira palavra, “vovó” ou algo que o valha. É claro que eu não estava presente à cena, e nem ouvi tal relato da boca de alguém dali, porque havia quase dois anos eu voltara a ser alguém que não merecia sequer um bom-dia de nenhum habitante de Vila Santa. Mariana, por outro lado, não se cansava de contar ao povo como eu havia tentado comprá-la com todas aquelas quinquilharias, que ela ainda mantinha em sua nova casa, a casa do Tranqueira e da mulher que não mais chorava no mar. Tendo Mariana a simpatia de todos, recaiu sobre mim toda e qualquer culpa pela traição que ela cometera comigo.

Eu estava feliz assim, porque em nada essa negação à minha existência havia interferido em minha correspondência com Ismael. Mariana havia sido um momento bom para mim e para meus intuítos. Agora que eu vagava sozinho com meu barco, entendia a libertação final, avassaladora, e imaginava que Ismael sentia o mesmo. Então recebi uma nova carta de Ismael, que não tinha nenhuma relação com a última fotografia que eu havia enviado a ele dias antes.

*Pequeno Melquíades,
não tem me contado nada de novo sobre sua bela esposa. Alguém a matou? Ou será que ela percebeu o engano?
Ismael*

Até que a morte nos separasse, na alegria e na tristeza, na saúde ou na doença.

Mariana, quando disse “sim” ao padre, não havia me perguntado qual seria minha doença ou minha tristeza. Ela disse “sim” e traiu sua própria certeza. Essa traição a si mesma levou-a a trair também a mim, e isso agora estava perigosamente ao alcance de uma possível compreensão por parte de Ismael. O que me importava era não permitir que ele virasse o jogo, coisa que parecia pretender.

Acredito que, desde que botei fogo na minha antiga casa, esse dia em que recebi o novo bilhete de Ismael foi o primeiro em que tive uma atitude impensada e impulsiva. Fui até Berço Grande e pedi a Eurípedes que fizesse cópias de todas as fotografias que eu tinha de Mariana em nossos momentos íntimos. Com o envelope debaixo do braço, fui até um boteco onde alguns vagabundos bebiam e lhes fiz companhia em vários copos de cachaça. Quanto mais embriagado eu ficava, mais crescia o desejo de vingança. Em meus olhos formava-se a imagem de Ismael ofendendo a carne de Beatriz. Depois essa imagem se fundia a outra em que o Tranqueira vasculhava o corpo de Mariana até ele próprio transformar-se no garotinho que trazia nova alegria à vida da mulher que não mais chorava no mar. Então eu via o garotinho sugar os seios de Mariana, e eu já não entendia se todos os homens do mundo queriam roubar minhas mulheres ou se eram as mulheres que queriam me ver transformado naquilo que eu era.

Saí do bar cambaleante e pedalei desengonçado até o correio. Não posso afirmar nada sobre como fui recebido por Francine nem sobre o que exatamente eu disse a ela, porque o álcool me apagou essa memória. Lembro-me apenas de ter sentado em um canto da agência dos correios e de ter chorado um bocado. Lembro-me também de ter xingado algumas pessoas que estavam por lá e, sem ter certeza, lembro-me de Francine me acompanhando com um olhar triste enquanto eu tentava me equilibrar em minha bicicleta rumo a Vila Santa.

Em minha casa, dormi até o meio da madrugada, quando acordei com dor de cabeça e preocupado com o envelope, que eu não me lembrava de ter ou não trazido comigo. Achei-o jogado no chão da sala quase sem mobília. Revendo as fotografias de Mariana em todo seu esplendor, senti-me culpado por tê-la perdido, o que não a eximia da culpa de ter se deixado perder, e menos ainda eximia o Tranqueira de ter mostrado a ela o caminho para a perdição.

Pela manhã, depois de ter dormido um sono incômodo, fui andar pela vila para fazer um levantamento. Queria um momento em que o lugar se mostrasse vulnerável pela distância de quem ia ao mar e pela preguiça de quem ficasse em terra. E antes que me julguem um homem previsível, digo que não, eu não pretendia incendiar a vila.

Os homens já haviam ido ao mar, mas percebi que o novo barco em que Toninho trabalhava ainda estava atracado. Notei alguma movimentação lá pelo novo atracadouro que o velho pescador havia construído no remanso criado quando, anos antes, sua antiga casa havia sido engolida. Havia movimentação, havia um barco, mas não havia mais o atracadouro.

Segui pela praia até chegar à barra e pude ver o que havia acontecido. O canal interno e o rio Robalo haviam juntado forças e foram levando embora as areias que criavam o remanso. A barragem de areia foi levada pelas águas, e estas arrastaram junto o pequeno atracadouro. O barco com o qual Toninho pescava estava meio emborcado, quase sendo também arrastado, e o homem e seu filho tentavam salvá-lo. Conseguiram amarrá-lo à casa, e algumas vezes, durante a dura tarefa, Toninho olhava para mim, como se dentro de seu orgulho houvesse espaço para um pedido de ajuda.

Não posso negar que senti pena dele, mas a pena não me levaria a lugar nenhum.

Quando finalmente conseguiram salvar o barco, Toninho e Marcelino ficaram algum tempo olhando para as águas da barra que agora corriam pesadas às margens de sua casa. A nova margem ia se alargando

lentamente. Suponho que os dois homens buscavam uma solução para aquele problema, e julgo que, se havia alguma solução que pudesse acudir à mente de Toninho, esta foi ofuscada pela minha presença ali por perto, porque o pescador de repente voltou-se para mim.

— Está olhando o quê?

Eu nada respondi, apenas voltei-me para a praia e fiquei tentando ver quanto da faixa de areia havia sido invadida por aquele novo arremesso do rio. Depois fui até minha casa. Quando voltei, tinha nas mãos o envelope com as fotos de Mariana. Em algumas delas Mariana estava nua. Em outras eu estava com Mariana. E o que estava retratado nessas fotos ia além da intimidade de um beijo quente entre amantes. Foi uma dessas que deixei na casa de Toninho. E me esgueirando pela vila, presenteei todas as poucas casas com uma fotografia da agora esposa do Tranqueira.

Passei o dia no mar, para fugir da ira que eu certamente havia levantado em toda a vila. Senti-me ridículo. Senti-me maldoso. Senti-me infantil, e este último sentimento me causou algum agrado. Pensei em voltar para casa à noite, mas pensei nos pescadores que só veriam as fotos, ou receberiam a notícia sobre elas, também à noite. Então dormi no barco um sono que havia muito eu não dormia, porque durante todo aquele dia e aquela noite Ismael desapareceu completamente de minha mente.

Quando decidi voltar à vila, no dia seguinte, o sol já ia alto, e essa decisão foi um ato de covardia. Eu sabia que os homens, a despeito de sua ira contra mim, teriam de sair para pescar. No entanto, quando meu barco corria com as ondas em direção à barra, notei de longe todos os barcos ainda atracados no píer da praia. Um pouco mais ao sul um novo espaço vazio havia voltado a acontecer. Notei nas águas bravias da barra pedaços de tábuas, roupas, bacias de plástico.

Havia muita movimentação, falatório e choro ali por aquele canto. O que não havia mais era a casa de Toninho, que, a exemplo do atracadouro no dia anterior, havia novamente sido devorada pela água.

Enquanto eu passava ao largo, o falatório e o choro cessaram. De repente o mundo se congelou em olhares, todos dirigidos a mim. No meio daqueles olhares, procurei o de Toninho ou o de Marcelino, mas não os encontrei. Esquecido de tudo de antes e de tudo o que poderia estar por vir, atraquei meu barco por ali e desembarquei à procura dos dois homens que um dia foram, por pouco tempo, minha família. Fui empurrando as pessoas sem me preocupar com o resultado de minha molecagem do dia anterior, até que vi que o mar havia dragado mais um pedaço da vila. Algumas poucas partes do que um dia havia sido a casa de Toninho estendiam braços para fora da água, mas eram braços mortos.

— Onde estão Toninho e Marcelino? — perguntei a um dos pescadores.

Ele apenas indicou a água com a cabeça.

— O quê! Como assim? Ninguém... ninguém ajudou os dois?

— Quando ouvimos o barulho, ainda antes de raiar o dia, corremos para cá, mas não deu tempo de fazer nada. O barranco caiu levando a casa para a água, e foi tudo embora.

Aturdido, deixei-me cair na areia.

— A última noite dos dois não deve ter sido boa. Entraram em casa chorando a desonra da filha e irmã, e o mar veio apagar esse sofrimento da vida deles — disse outro pescador, olhando-me do alto com olhos vazios.

Ergui-me e procurei Mariana. Passando os olhos pelas pessoas, me pareceu que todos estavam ali, com exceção daqueles que moravam na casa da mulher que não mais chorava no mar, incluindo Mariana.

— Onde está Mariana?

Ameacei sair correndo até a casa dela, mas fui impedido pelos pescadores.

— Deixe ela em paz. Fique na sua casa e no seu barco e esqueça que conhece a gente. E tranque a porta, porque tem por aqui um marido

ofendido querendo limpar a honra da esposa dele — disse um dos pescadores, segurando-me pelo braço.

A mulher que já não chorava no mar chegou com passos arrastados. Ela trazia duas flores nas mãos. Passou por nós, desceu a pequena encosta de areia que sobrou do terreno onde havia a casa de Toninho e se ajoelhou à beira da água. Jogou as flores na água e começou a chorar.

Fui embora para minha casa e, durante o curto trajeto, falei com os mortos pela primeira vez na vida. Que Toninho e Marcelino me perdoassem. Estendi o pedido de perdão a Beatriz, coisa que devia ter feito antes, e isso só me fez perceber o quanto eu havia me tornado seco. Quis chorar, mas nenhuma lágrima atendeu a esse meu desejo.

Encontrei minha casa depredada. Havia quebrado as janelas, derrubado as portas e destruído o pouco que me restava desde que Mariana levara tudo. No meio da bagunça levantei uma velha poltrona e me sentei, decidido a não decidir nada por enquanto, porque tudo andava se mostrando melhor quando eu não fazia nada. E foi sentado em meio à desordem que ouvi um som familiar, mas que eu jamais ouvira em Vila Santa. Saí até a varanda, pensando que seria preso, mas a viatura policial passou com outro destino. O carro parou em frente à casa de Mariana, e dois policiais entraram com estardalhaço. Minutos depois saíram trazendo o Tranqueira algemado. Antes de entrar na viatura, lá de longe, ele olhou para mim e gritou:

— Quando eu sair você morre, desgraçado!

A viatura passou em frente à minha casa, e vi nos olhos do Tranqueira o que suponho que existia em meus olhos quando me sentei na frente de Ismael.

Mariana ficou chorando com o filho no colo. A mulher que voltou a chorar no mar juntou-se à nora e ao neto, e ambas as mulheres não sabiam se deveriam chorar no mar ou na cidade, porque eu havia espalhado a desgraça por todos os cantos para os quais elas olhassem.

Mais tarde, quando a polícia voltou com a defesa civil devido ao caso da morte de Toninho e Marcelino, ofereci alguns trocados para Ana Clara apenas para que ela me contasse o que havia levado o Tranqueira a ser preso. Fiquei sabendo que, assim que ele viu a fotografia que deixei na casa dele, saiu à minha procura dizendo que iria me matar. Não me encontrou, é claro, mas encontrou toda a Vila Santa reunida nas areias, muitos com fotografias de Mariana nas mãos. O Tranqueira tomou as fotos todas e as queimou ali mesmo. À noite ele juntou fumaça e álcool ao seu ódio, foi até Berço Grande e esfaqueou Eurípedes até a morte.

— Se me pagar bem, deixo tirar fotos de mim — disse Ana Clara depois de contar isso tudo.

Antes que eu pudesse responder-lhe ou ignorá-la, um policial veio até mim.

— Estão acusando o senhor de divulgar fotografias de sua ex-esposa. Dizem que foi por causa dessas fotos que Eurípedes foi morto.

Eu nada respondi.

— Mas não há provas para as acusações. Para sua sorte, o suposto assassino queimou todas as fotos. De qualquer forma, aguarde para ser chamado para depor — completou o policial.

Com boa vontade, a polícia poderia ter ido à cata de muita coisa que talvez me incriminasse. Em minha casa bagunçada havia mais fotos, mas me parece que ninguém julgava aquela gente como sendo merecedora de muita atenção.

Acharam os corpos de Toninho e de Marcelino, e no dia do funeral fui o único morador de Vila Santa a ficar na vila. Passei pela vila, passei na frente de todas as casas e todos os barcos. Fui à barra e fiquei horas olhando a ação das águas do rio Robalo, do canal de dentro e do Atlântico, todos eles juntando forças e levando a areia, os limites da vila. Voltei angustiado para casa no fim de tarde, e de minha varanda fiz a fotografia seguinte que eu enviaria a Ismael. Enquadrei algumas casas fechadas, algumas roupas

esquecidas em varais havia dois ou três dias. Partes de um barco e uma onda veemente, tudo iluminado pela vermelhidão bucólica e triste do fim do dia. Julguei que a máquina fotográfica fosse capaz de enxergar o que há por trás de todos os lugares do mundo. Se assim fosse, aquela fotografia se revelaria em branco e preto.

Que eu encontrasse um novo Eurípedes, porque aquele que fazia as cópias de minhas fotografias havia morrido por minha causa.

Sentado nas tábuas gastas da varanda de minha casa, muni-me de papel e caneta e comecei a escrever à única pessoa que ainda me devotava alguma atenção neste mundo.

Meu caro Ismael,

como vão as coisas com você? Espero que bem.

Por aqui a vida se arrasta, mas há momentos que merecem ser fotografados.

Tenho pensado muito em você ultimamente, e...

PARTE IV

Bernardo-eremita

O menino passou correndo por mim, puxando no ar a pipa colorida. Cliquei meio que automaticamente e voltei a deixar a máquina descansar sobre a mesa feita de tábuas trazidas pelo mar. Mais tarde, depois que eu abrisse minha nova correspondência, talvez fosse à cidade postar mais notícias para Ismael.

Alguém gritou ao longe, chamando pelo menino. O pequeno enrolou a linha e trouxe a pipa de volta. Os passos curtos pareciam-se com passos de caranguejo.

— Já vai embora, menino? — perguntei a ele quando passou na frente da minha varanda.

— Já.

Ficou olhando para mim, esperando algum motivo para a minha pergunta. Percebendo que a conversa havia terminado, mandou-me um “tchau” e voltou a andar seus passos de caranguejo.

— Lá na cidade há muitos fios elétricos. Não suba sua pipa perto deles.

O Tranqueira havia sido morto por companheiros de cela oito anos antes, e me senti na obrigação de transferir ao menino algum ensinamento. Eu gostaria de tê-lo ensinado a fazer uma pipa mais bonita, mas Mariana nunca me permitiu aproximação.

Se nossa vida fosse mais longa, tenho certeza de que veríamos o fim de toda a ilha. O rio e a barra foram aumentando durante aqueles últimos anos e acabaram por transformar aquele extremo sul da ilha em mais um pedaço de mar. Dia após dia a faixa de areia ia diminuindo, as águas iam tomando mais espaço e, quando chegavam ao sopé de alguma das casas, os moradores iam embora. Bastaria reerguer a casa mais à frente, acima das duas outras que ficavam além da minha, e quando o mar chegasse ali, que

as casas fossem empurradas mais para a frente novamente. Ao cabo de muitos anos a vila teria chegado à cidade, e depois essa cidade maior sumiria junto com toda a ilha.

Eu vi o menino da pipa crescer no meio do êxodo parcelado. Uma família ia embora da vila e depois a casa abandonada era tomada pelo mar. Finalmente havia chegado a hora de o menino partir. Com ele iam a mãe e a avó, e Mariana estava tão desgastada pelo sal, pelo sol e pela tristeza, que eu teria de chegar muito perto para distingui-la da mulher que agora choraria em outro mar.

Um caminhão-baú todo enferrujado levou a velha mobília que um dia encantara Mariana. Observando o caminhão desaparecer, pensei que Mariana estava finalmente indo para onde sempre desejou. Que fosse ali em Berço Grande mesmo, pois mesmo ali havia o asfalto e as paredes geminadas com que ela tanto sonhou. Não dei a Beatriz o mar, não dei a Mariana a cidade. Agora o mar que jamais conheceu Beatriz empurrava Mariana para a cidade. Em breve ele também me empurraria.

O caminhão desapareceu, e a vila ficou com o que lhe restava. Ao sul de minha casa permaneciam apenas outras três casas, uma delas a abandonada por Mariana. Ao norte restavam as duas casas que sempre estiveram ali e que seriam as últimas a serem tragadas. Durante dias e noites seguidas essas casas permaneciam fechadas, e não era raro ver, em noites solitárias, apenas as luzes que me iluminavam iluminando algo de Vila Santa. Nessas noites às vezes eu ouvia uma casa desabando nas águas, e depois ficava só com aquele murmúrio das ondas chegando mais perto de mim. Quando algum antigo morador voltava para a vila, eu tentava uma conversa, alguma aproximação. Mas eu era um fantasma inútil, um fantasma aposentado cujo último ato de assombração acontecera naquele tempo remoto em que toda a vila me virou as costas.

Naquela tarde de verão, abri a correspondência de Ismael.

Melquíades,

o que a maré tem trazido de bom por estes tempos?

Ismael

Fazia muito tempo eu havia deixado de ser pequeno para Ismael.

Às vezes eu tentava me lembrar de Ismael e sentir por ele o ódio que me impulsionara àquilo em que me transformei. Mas o mar e a solidão haviam me agarrado e me enchido de desejos ao encontro dos quais eu jamais dei um passo. Então eu me lembrava da grandeza de Ismael quando se decidiu a dar uma volta, matar uma mulher e depois estuprá-la. Eu, quando me decidi a dar uma volta, o fiz por ter sido empurrado a isso, e cometi pequenos atos que serviram apenas para afugentar pessoas. Sem mulheres, homens, crianças ou um simples cachorro de quem me aproximar, tomei como um agrado do mundo aquelas ondas a me levar e a me trazer. O mar era meu único amante, e Ismael se tornou meu único amigo.

Ismael, meu bom velho,

veja só o tamanho da garoupa que matei semana passada. Levei metade de um dia para tirá-la da água. Queria que você estivesse aqui para me ajudar.

Um grande abraço,

Melquíades

Envelopei o bilhete e a fotografia que mostrava o peixe e saí em direção à cidade. Fui seguindo o rastro recente do caminhão que levava Mariana. Levei comigo uma garrafa de cachaça. Desde que minha bicicleta se desmantelara de vez, eu havia me decidido a ir à cidade sempre a pé, porque de barco era rápido demais para uma garrafa de cachaça.

Como sempre, fui pensando em algo bom para dizer a Francine. Muitas coisas boas vinham à minha mente, mas o álcool as apagava ou transformava em outra coisa. E então Francine, sempre solícita, selava minha carta e me levava ao pronto-socorro, onde eu passava algumas horas

me recuperando antes de voltar para Vila Santa. Daquela vez ela fez a mesma coisa, e, se eu fosse uma pessoa justa, teria visto em Francine uma fiel e verdadeira amiga.

Voltei para casa guiado pela lua cheia, andando pelas rasuras da arrebentação, brincando com a ardentia. No dia seguinte eu iria pescar alguma coisa apenas para ter dinheiro para ampliar mais fotos, comprar envelopes, pagar postagens e alguma comida e cachaça. Essa era a minha vida.

Alguns dias depois, a velha casa de Mariana ruiu, e o mar cuspiu partes dela em frente à minha casa. Aproveitei algum madeiramento para arremates, uma tentativa de estar, de alguma forma, perto de alguém.

Poucas semanas se passaram até que a casa seguinte fosse abandonada. O rio Robalo por ali já havia se fundido ao canal de dentro. Tornaram-se um gigante forte que conseguia arrastar mais areia, mais lama, mais vegetação do mangue.

Eu ia todos os dias ver a aproximação da água em relação àquela última casa abandonada, e, quando a casa perdeu um pedaço de chão, fiz campana para poder fotografar o exato momento em que ela despencaria. Deitei-me na areia e foquei a casa. Fiquei ali durante horas, e, quando a construção finalmente foi à água, cliquei. Foi-se a casa, foi-se a parte da ilha que a mantinha, foi-se a areia que me sustentava. A erosão comeu uma vastidão de areia, incluindo aquela em que eu estava. Quando mergulhei, temi primeiro ser atingido pela casa sendo arrastada, mas logo em seguida lamentei pela fotografia perdida. Consegui ir à tona e arremessar a máquina para fora da água, e depois, quando venci as manhas da barra e da arrebentação, voltei para averiguar se havia sido possível salvá-la. A máquina estava perdida. O sal embrenhou-se pelos mecanismos, e eu não tinha intenção de pescar mais do que eu desejava apenas para poder consertar a máquina. Joguei-a ao mar. Ela não tinha mais nada para ver neste mundo. Talvez eu também não.

Quando o que existia entre minha casa e a água eram uns dez metros de areia, passei a estragar meus ossos carregando areia da praia até o rio, tentando construir uma barragem. Era mais uma forma de matar o tempo do que uma tentativa de salvação. Eu não tinha mais a máquina fotográfica e não tinha mais paciência com os peixes, por isso eu construía aquela barragem com o pretexto de proteger minha casa, que agora se assemelhava mais a um barraco remendado. E então a maré subia e levava todo o trabalho de um dia. Nessa toada, deixando para dormir apenas enquanto a maré estava cheia, para poder trabalhar com a maré baixa, consegui manter uma parte do rio lá onde eu queria que ele estivesse. Eu me embriagava e gritava com o rio, rindo dele e de mim por nosso trabalho inútil.

Durante uma dessas nossas brigas, a última família de pescadores, que vivia na última casa do lado norte da vila, foi embora. Juntaram suas tralhas em um barco de pesca e sumiram. Sobramos eu, minha casa e mais duas casas abandonadas.

Ismael me escreveu. Contou sobre como alguns dias de glória o estavam mantendo longe da perdição carcerária. Fiquei a imaginar a que ele se referia, e, mesmo sem ter nenhuma ideia sobre o que poderia ser glorioso para Ismael, senti-me feliz por ele, e também senti inveja.

*Meu querido amigo Ismael,
fiz uma última fotografia para te mandar, mas perdi a máquina. Tudo o que me resta é passado. Conte-me mais sobre a glória de que falou. E receba aí o meu abraço.*

Melquíades

No correio, Francine me perguntou se eu estava precisando de alguma ajuda.

— Estou sem nenhum trocado. O que eu tinha foi embora nesse selo. Pode me arrumar algum? — perguntei.

— Você precisa pagar pela caixa postal. Está atrasado há meses.

— Então ficarei ainda mais agradecido se você tiver mais do que algum trocado.

— Não tenho mais como segurar isso para você. O gerente está no meu pé. Ou você paga ou não poderá mais ter a caixa postal.

— Nesse caso, o carteiro sabe onde moro.

Francine estreitou os lábios.

— Por favor, traga a chave da próxima vez que vier aqui — ela falou baixo, como se não quisesse que eu ouvisse.

— Tudo bem — respondi. — E... E você pode me emprestar algum trocado agora?

Francine me deu algumas notas pequenas, e eu comprei um litro de cachaça, o combustível necessário para vencer o caminho de volta para casa.

Voltei à batalha com o rio, e lentamente eu a ia perdendo. Até que um dia, ao levantar do que eu chamava de cama, senti meus pés se molharem. Ainda não era o rio, mas uma maré excepcionalmente alta. Sem ter muito o que pensar, peguei uma velha tarrafa e fui à varanda de minha casa, onde havia água chegando às minhas canelas.

— Pensa que isso é ruim para mim, é? — perguntei ao Atlântico. — Você está é me facilitando as coisas, seu linguarudo.

Arremessei a tarrafa ali mesmo e tive um ataque de riso quando vi que nela eu pegara duas betaras e meia dúzia de pequenos carapicus.

Mais tarde, quando a maré baixou, o rio já estava se esfregando em minha casa. Então me mudei para a casa de meu vizinho, aquela última a ter sido abandonada, e foi lá que recebi o carteiro, que me trouxe uma nova correspondência de Ismael e me disse que não havia mais ali uma vila e que, assim sendo, ele não poderia mais me trazer as cartas. Pedi que eu as fosse buscar na agência de correios, desde que não usasse mais a caixa postal.

Melquíades,

mande-me seu passado, as fotos que ainda tem aí. Quase sempre o passado é melhor do que o presente, e podemos dar boas risadas lembrando dele. É nele que está a glória.

Ismael

Não entendi o que Ismael quis dizer sobre a glória. Talvez fosse uma lamentação por tudo aquilo que ele teve no passado e que não tinha mais. Essa era a lamentação que eu tanto havia desejado saber existir em Ismael, mas que agora era um objetivo esquecido por mim havia um bom tempo.

Saí para pescar, para poder vender os peixes e ter dinheiro para alguma comida e para enviar a Ismael um grande pacote. Quando voltei não havia energia elétrica em minha casa, que não era minha casa. E nunca mais houve. Sem vila, sem energia. Um pessoal do departamento de não sei quê foi até lá para estudar aquele fenômeno do sumiço de parte do lado sul da ilha. Geólogos, oceanógrafos, meteorologistas e biólogos. Disseram-me que eu tinha de sair de lá, pois minha casa corria risco, e eu perguntei se eles haviam trazido alguma bebida.

Com um pouco de dinheiro no bolso, juntei todas as fotos que eu tinha tirado naqueles anos, as fotos que não me serviram para nada. Havia fotos minhas, de Mariana, de nós dois juntos, dos moradores da vila e também fotografias dos arredores. Vasculhei alguma que pudesse ter algum valor afetivo. Não encontrei. Então eu as empacotei em uma grande caixa.

Aí está tudo o que fui desde que nos conhecemos, meu caro Ismael. Daqui em diante só haverá palavras.

O abraço de sempre.

De seu amigo,

Melquíades

O mar e o rio finalmente levaram minha antiga casa. Restaram apenas aquela em que eu morava agora e mais uma, a próxima na linha de tiro das águas.

Eu já não me importava com o calendário. Para mim, todos os dias eram apenas algo mais a ser vencido sem muita preocupação. Uma eterna espera. No entanto, devia ser um sábado ou domingo, porque nesses dias o correio não funcionava, e apenas isso explicaria Francine chegando ali à minha casa.

— Jesus Cristo! É aqui que você mora? — perguntou antes mesmo de entrar.

— É o que sobrou. Seja bem-vinda.

Francine pediu licença, e por um breve instante senti-me humano. Ofereci a ela um engradado no qual se sentar, o que ela recusou.

— Vim apenas trazer sua correspondência.

— Pedalou até aqui só para isso?

— Me parece que a única coisa que importa em sua vida são essas cartas. Gostaria de saber afinal quem é esse seu amigo.

— Te agradeço pela preocupação.

Francine entregou-me a carta e ficou ali, em pé, olhando ao redor.

— Tenho água da mina e vou cozinhar alguns caranguejos. Almoça comigo? — perguntei sem graça.

— Eu tenho que ir embora — disse ela, escondendo o rosto. — Fico feliz por saber que você está sóbrio hoje.

Francine virou-se e saiu apressada. Fui até a porta e fiquei observando-a enquanto ela começava a pedalar. Ela parou, largou a bicicleta e voltou correndo. Parou na minha frente e me deu um puxão dolorido na barba.

— Isto é você? Isto é você, Melquíades?

Eu nem sequer me lembrava de que tinha uma longa barba.

— Você já se olhou no espelho? Viu no que você se transformou? Por quê? Olha como você vive... este lixo, este lugar. Este lugar não existe mais.

Você quase não existe mais. — Ela falava alto, gesticulando e se perdendo nas palavras.

Não respondi nada. Fiquei apenas tentando localizar Francine em minha vida.

— Me diga alguma coisa! Peça socorro! — ela exasperou-se.

— Em que momento você entrou em minha vida, Francine? — perguntei.

— Você nunca me permitiu isso — ela respondeu, e parecia sentida.

— Acho que você fica muito bem atrás do balcão do correio.

Minha grosseria era uma tentativa de não causar nenhum mal a Francine, uma pessoa que jamais conheci, para sorte dela.

— Por favor, me devolva as chaves da caixa postal — ela exigiu, reprimindo o choro.

Aquela foi a última vez que vi Francine.

Vendo a envelhecida Francine pedalar, percebi o quanto eu mesmo devia estar envelhecido e acabado. Fui até o minúsculo espelho que eu ainda possuía no banheiro. Estava empoeirado e engordurado, impossibilitado de realizar seu trabalho. Quando olhei para ele, pensei ser aquela imundície toda a minha imagem verdadeira, um simples borrão. Depois o esfreguei com a mão e vi surgir algo pior, minha verdadeira imagem.

Lembrei-me de Ismael, mas em minha memória ele não tinha mais rosto. Então fui a tudo o que me era possível em relação a Ismael, e abri a carta.

Melquíades,

palavras não me servem. Venha me visitar.

Ismael

Imaginei se Ismael tinha olhos espalhados pelo mundo, porque ele parecia saber que o fim de tudo estava próximo. Se eu me esforçasse um pouco mais, perceberia que era eu mesmo quem estava desenhando o fim de tudo e mostrando esse fim a qualquer um que me aparecesse na frente.

Sorri feliz ao imaginar que talvez Ismael quisesse me dar um abraço, e com esse espírito esperançoso fui à pesca, porque eu precisava de dinheiro para ir visitar meu velho amigo. E pesquei muito, como fazia na época em que isso me interessava. Depois do dinheiro, tomei um banho, fiz a barba e coloquei algumas roupas um pouco mais dignas. Na velha bolsa da máquina fotográfica, peguei a fotografia de Beatriz, o olhar triste em um túmulo, e guardei-a no bolso da calça. Aquela fotografia, a exemplo de todas as outras, já não tinha nenhum valor sentimental, e ela era tudo o que eu poderia oferecer a Ismael.

Na noite anterior à minha viagem à capital, a penúltima casa da vila ruiu com as águas. Pelo menos as coisas todas que tinham de ser resolvidas estavam sendo resolvidas no tempo certo, o tempo dos finais, uns arrastando os outros.

Dia de visita

Dia de visita Um homem mais velho do que eu dormiu e roncou no banco a meu lado, e esse incômodo não deixou de ter um lado agradável.

Na monotonia da rodovia eu, sem ter mais o que olhar, percebi pela janela do ônibus que os carros não eram mais os mesmos. No banco da frente um rapazola ouvia uma música que vazava pelos seus fones de ouvido. Pensei se as músicas também tinham mudado. Eu me lembrava apenas de algumas delas, que eu colocava para tocar durante o primeiro ano de casamento com Beatriz. E a gente abria espaço na sala e rodopiava. O vinho a deixava tonta, e ela cantava alto até não aguentar mais e se jogar ao chão, esperando por mim ali embaixo enquanto eu trocava de cd. Depois os cds se tornaram ornamento no armário da sala, e eu me tornei ornamento na vida de Beatriz. E um ornamento de mau gosto, Ismael estava certo quanto a isso.

Quando cheguei à rodoviária da capital, ouvi a música da vida. Lá em Vila Santa a música era essa mesma, mas com um andamento mais cadenciado, música de qualidade. Na capital eu não distinguia as notas. A melodia entupia meus ouvidos. Manter Beatriz por ali foi o maior ato de maldade que pude cometer, com ela e com outras pessoas, porque há quem, a exemplo de Mariana, goste desse barulho de poluição sonora absoluta, moderna, o que é muito justo.

Perdi-me em outras conduções antes de conseguir chegar à penitenciária, a casa de Ismael. Olhando para os grandes portões e os muros excludentes, senti uma ponta de culpa. Eu me mantivera preso a um pedaço de areia e de mar. Ismael, com a liberdade que o fizera se decidir a ir dar uma volta, fora obrigado a não poder sequer ver os horizontes possíveis. O sentimento de culpa desapareceu tão rapidamente quanto chegou, porque me lembrei que estar ali era escolha dele, um homem impossível de se prender.

A um dos guardas que cuidavam da entrada, informei que estava ali para visitar Ismael.

— Hoje não é dia de visita — ele me informou.

— E quando é?

— Às sextas.

— Mas hoje ainda é terça.

— É por isso que hoje não é dia de visita.

Percebi que entre as pessoas, se não há muros, sempre há outras pessoas.

— Se eu escrever um bilhete, você entrega para ele? — perguntei.

— Talvez.

— Entrega ou não entrega?

O guarda me olhou fixamente, depois olhou ao redor. Voltou a me olhar enfasiado.

— Tá. Tá. Tudo bem. Mas terei que ler o bilhete antes. Como é mesmo o nome do detento?

— Ismael.

— Ismael de quê?

— Ismael. Só Ismael — respondi meio perplexo.

— Olha, senhor. Temos quase três mil detentos aqui. Achar um Ismael no meio de todos eles não é coisa fácil.

— Mas...? Há anos mantenho correspondência com ele, e minhas cartas sempre chegaram.

— Não sei como funciona o trabalho do pessoal do correio interno. Eles lá se conhecem. Não trabalho aqui para mandar beijos e abraços a esse bando de vagabundos.

Calculei comigo que, se eu enviasse uma carta para Ismael ainda naquele dia, talvez ele a recebesse antes de sexta e me respondesse marcando um encontro lá dentro. Dei as costas ao guarda sem agradecer-lhe e fui saindo. Mas o guarda me chamou de volta.

— Espere aí. Você disse que se corresponde com ele há muito tempo?

— Sim.

— Há quanto tempo?

— Desde que ele está aí.

O guarda sorriu.

— É você que manda as fotos para ele?

— Sim, sou eu — respondi surpreso.

— Então eu sei de que Ismael você está falando. Não precisa de bilhete nenhum. Vou mandar o pessoal avisar a ele que você estará aqui na sexta-feira.

Enquanto procurava um canto de calçada onde me sentar, fiquei a pensar na fama que minhas fotografias talvez tivessem alcançado dentro da penitenciária. Eu jamais havia pensado na possibilidade óbvia de todas aquelas imagens que tinham como objetivo causar dor em Ismael chegarem também a todos os outros homens encarcerados. Senti medo, mas não deixei de me sentir um herói, alguma espécie de vingador de todos aqueles que haviam sofrido com roubos, assassinatos, estupros, sequestros e todo tipo de crime.

Dormi pelas ruas durante os dias que me separavam de Ismael, e nessas poucas noites um sonho recorrente me acompanhou. Eu entrava na prisão e estavam todos a me esperar, abrindo um corredor para que eu pudesse passar. Eu encontrava Ismael e ele me enfiava uma faca, que não feria minha carne, mas trazia para fora de meu corpo um pedaço da minha alma. Depois a corja de encarcerados saltava sobre mim, cada um deles retirando para si um pedaço de minha alma, para poder repor o naco de espírito que eu retirara de cada um deles com minhas fotografias. E eu, sentindo-me esvaziar, sorria aliviado, porque sabia que nada sobraria ao diabo.

A sexta-feira chegou. Antes de o sol nascer, fui a um hotel sujo e paguei por um banho. Fiz a barba, troquei de roupa e durante alguns segundos ensaiei um sorriso. Não fiquei satisfeito com o que consegui. De qualquer

modo, eu ansiava por um abraço, desses que escondem tudo o que está a escapar.

Depois de uma longa e barulhenta fila e de ser revistado com certa truculência, o guarda que me recebera em minha chegada na terça me conduziu para dentro dos muros. Nos pátios externos aconteciam os encontros semanais. Esposas, mães, pais, filhos, netos, amigos. Conversas e comida, muitos sorrisos e alguns olhares de espera. Enquanto eu era conduzido, procurava Ismael, mas a obstinação dos passos do guarda me informava que havia algum lugar específico onde Ismael queria me receber, e depois de subir alguns lances de escada e de caminhar por um longo corredor que cheirava a água sanitária, o guarda parou em frente à porta de uma cela. A porta estava aberta, e apenas uma cortina separava a cela e o corredor. O guarda enfiou a cara lá dentro.

— Ismael, ele está aqui.

Suponho que Ismael fez algum gesto ou sinal, pois o guarda apenas se voltou para mim.

— Consegue sair daqui depois? — perguntou.

— Sem problemas.

Fiquei ali, à porta, esperando que Ismael viesse me receber. Em outro tempo eu estaria a tremer. Mas agora eu era um homem do mar, tinha água salgada correndo nas veias.

A cortina se moveu. Um homem apareceu. Com um sorriso amistoso, dei passagem, pensando ser algum companheiro de cela de Ismael.

— Melquíades, não me conhece mais?

Fixei os olhos no homem. Ele arreganhou os dentes e bateu com a ponta do dedo em um deles.

— Agora tenho o dente, mas continuo sendo o Grande Ismael.

Talvez por ver em mim mesmo o estrago que os últimos anos haviam causado, eu esperava um Ismael que precisasse de mim para poder se manter de pé. Mas ele era outro, refeito. Os poucos cabelos desgrehados

não haviam voltado a ocupar a parte rala da cabeça, mas agora estavam cortados curtos. A pele continuava sulcada, talvez um pouco mais do que quando o vi pela primeira vez, mas aquelas marcas todas, agora não mais queimadas, falavam sobre alguma experiência dessas que os anos costumam trazer. O dente havia sido colocado, e, apesar das unhas e das mãos calejadas e coloridas artificialmente, Ismael parecia ter rejuvenescido.

Abri um sorriso e os braços. Eu estava verdadeiramente feliz. Estava de frente a alguém que eu desejava abraçar. Ismael permaneceu imóvel. Sem graça e sem reação, baixei meus braços.

— Você está muito bem — falei.

— Sempre estive — ele respondeu, e ficou me olhando fixamente.

Como da primeira vez que o vi, o silêncio mais uma vez entrou na conversa, e comecei a perceber que meus últimos anos haviam sido dedicados a um amigo que eu jamais tive.

— Eu... Eu ia trazer um peixe, uma tainha, mas eu não sabia se eles deixam trazer isso aqui — menti.

— Eu não preciso mais de peixes. Vem, entra.

Ele entrou em sua cela. Eu quase pedi licença, mas algo de anos antes voltou, de maneira que apenas o segui, como se estivéssemos a entrar em um lugar que não pertencia a nenhum de nós, o que de fato era verdade.

Quando entrei na cela, eu estava em Vila Santa.

Pelas paredes, sobre cavaletes, amontoados pelos cantos. Eles estavam por todos os lados. Dezenas e dezenas de quadros retratando tudo o que eu já havia retratado em fotografias anteriormente. E eram belos quadros, tão verdadeiros que reconheci nas tintas o cheiro do mar, da areia, de árvores e de nuvens. Um dos quadros, ainda inacabado, me retratava segurando uma grande garoupa. Junto desse quadro, apoiada no cavalete, estava a última fotografia que eu enviara a Ismael.

— O que você acha? — perguntou-me Ismael.

Eu estava sentindo minhas pernas fraquejarem. Recostei-me na parede e deixei meu corpo seguir até o chão. No caminho, fui arrastando uma tela.

— Essa na qual você está sentado deve valer uns... uns... Bom, você teria que pescar durante uns cinco anos para pagar por ela — disse Ismael.

— Você não assobia mais quando fala — comentei sem erguer os olhos.

— Era ruim quando eu tinha que dar alguma entrevista, e também ficava feio quando eu sorria para alguma fotografia.

Ergui meus olhos e fixei Ismael.

— Sim, sim — ele continuou. — Eu disse que sabia pintar. Você não acreditou. Eu tinha pensado em vir para cá para pintar o que eu visse por aqui. Lá fora há mais o que ver, claro, mas eu não tinha tempo. Você sabe como é a vida no mar. E lá o sal comia tudo. Aqui tenho tempo para pintar muito. Falta tempo é para gastar o dinheiro que ganho.

Levantei-me com dificuldade. Senti-me como se estivesse morrendo.

— Por quê? Por que fazer isso tudo comigo, Ismael? — perguntei atônito.

— A vida não precisa de um motivo, Melquíades. A vida apenas acontece. Não tenho nada contra você. Nunca tive. Nem nunca tive nada contra sua esposa. Eu apenas queria pintar. Fiz o que eu podia para ter tempo, e você me ajudou com o que esperava de sua vida. Isso me veio a calhar, mas não me culpe pelos seus erros.

Dei alguns passos em direção a Ismael e fiquei bem na frente dele. Eu não tinha nada em mente, esperava apenas que algo acontecesse.

— Se não se incomoda, tenho clientes a receber daqui a pouco.

Apenas concordei com a cabeça.

Sem abraços, sem apertos de mãos, sem um “até logo”, dei as costas a Ismael, mas ele me chamou de volta.

— Não pense que sou um homem ingrato, Melquíades. Fiz algo especial para você.

Ismael pegou uma tela embrulhada em papel pardo. A poeira que cobria o embrulho me informava sobre o longo tempo que ele esteve ali, guardado.

Rasguei o papel e deparei com Beatriz a sorrir um sorriso que eu nunca vi, o sorriso mais bonito que ela poderia ter trazido à luz em vida.

— Eu nunca te dei nenhuma foto de Beatriz.

— Não precisei. Lembro-me do rosto dela perfeitamente. O sorriso eu apenas consegui imaginar. Perceber o melhor nas pessoas é uma arte. Eu ia pintar você, Melquíades, mas você, em seus bilhetes idiotas, já havia feito essa pintura. Eu não teria por que tirar o melhor de alguém como você.

Já fora da cela, encostei o quadro na parede do corredor. Dei uma última olhada para o interior da cela. Nem no mais claro dia lá em Vila Santa minha casa esteve tão iluminada quanto a casa de Ismael.

Enquanto eu andava para longe de Ismael, ainda tive um lampejo de esperança. Fiquei a pensar se ele, vendo-me sair pelo corredor, conseguiria ver em mim esse melhor que ele dizia ver nas pessoas. Olhei para trás, mas ele já havia voltado à sua cela, ao seu ateliê.

Na saída, o guarda veio falar comigo.

— Eu devia ter comprado um quadro dele antes de ele ficar famoso. Agora eles valem uma fortuna. Daqui pouco mais de um ano ele será solto, e aí eu acho que os quadros vão valer ainda mais. Vai entender, não é? O cara teve de estragar a vida para poder consertá-la. Mas será que suas fotos valem tanto quanto os quadros dele? Afinal, você que o inspirou. Veja bem: eu te dei uma ajudinha para se encontrar com ele. Se quiser me fazer um agrado e me enviar algumas fotografias, eu vou ficar bastante agradecido.

O guarda me parecia boa gente. Mesmo eu achando ser toda a gente algo desprezível, ainda assim julguei serem todos melhores do que eu, incluindo aquele guarda, incluindo Beatriz, porque em algum lugar deles estava o melhor, aquele melhor que eu jamais consegui ver.

Enfiei a mão no bolso e retirei de lá a fotografia que eu havia roubado do túmulo de Beatriz. Disse-lhe um adeus silencioso e a entreguei ao guarda.

— Puxa! Muito obrigado. Muito obrigado mesmo. Quando vier visitar o Ismael novamente, pode me procurar.

A volta a Vila Santa só me foi possível porque havia em mim uma nova meta, um novo motivo para viver. Para viver apenas um pouquinho mais, é verdade, mas se até caixões tentam alguma beleza, isso deve significar que mesmo um último passo deve ser bem dado.

Sol noturno

Independente do rumo que eu tivesse tomado depois da morte de Beatriz, Ismael teria se tornado um grande pintor. Independente do rumo que eu tivesse tomado depois do assassinato de Beatriz, Vila Santa viria abaixo. O que eu fiz foi amarrar tudo bem amarradinho, incluindo a mim mesmo, de modo que fiz de tudo o que me cercou — lugares e pessoas, em imposição e em escolha — uma coisa só. Como em todo ciclo, voltei à solidão em que me mantive durante e depois de Beatriz, e Vila Santa voltou a ser o que ela tinha sido em algum tempo remoto: um pedaço de mundo invisível. E eu, que só voltara para ver a minha casa pegar fogo, fui ludibriado mais uma vez. Não havia mais casa. Não havia mais vila. O mundo justo havia se assentado por ali.

Na paisagem natural em tons de areia, azul e verde, apenas uma memória remota e sem importância cutucava a saudade que poderia existir. Essa memória subia e descia, sendo ninada pelo mar, para que dormisse e não se decidisse a ir embora. Essa memória era meu barco, que permanecia ancorado para além da arrebentação, emprestando um pouco de amarelo, vermelho e branco a um quadro que jamais seria pintado. Era para garantir isso que eu estava ali.

Fui nadando até lá, e em minhas braçadas eu pedia que o mar me engolisse, que Iemanjá me levasse. Sem ser atendido, subi a bordo e conversei com meu barco, mas ele não me deu uma só palavra. Então abracei minha solidão até que a noite chegasse, e, se marinheiros passassem ao largo, veriam uma bola de fogo a flutuar. Antes de essa pira náutica naufragar, eles ouviriam um grito assustador e veriam um homem flamejante extinguir-se no mar.

Não me extingui, porque eu ainda tinha minha história para contar.

Epílogo

A senhora sentou-se em frente ao aparelho de tv. O gato saltou sobre seu colo e recebeu uma carícia. O apresentador do telejornal dava uma notícia que a senhora não conseguia ouvir devido ao som da panela de pressão apitando na cozinha. Ela aumentou o som e ouviu. A notícia era sobre o comportamento da bolsa de valores naquele dia. Na tela agora apareciam gráficos. A senhora não entendia os gráficos e não entendia a bolsa de valores. O apresentador voltou à tela.

“Foi encontrado hoje, desacordado em uma praia do litoral sul, Melquíades Oliveira. Ele tinha queimaduras de terceiro grau em 70% do corpo. Há onze anos Melquíades protagonizou uma história que chocou o país quando ateou fogo à própria casa depois que sua esposa foi morta por um estuprador.”

Na tela, cenas de arquivo em que Melquíades, vestindo apenas short, observava a fumaça negra subindo aos céus.

“Melquíades está internado no hospital municipal. Os boletins informam que ele está fora de perigo. Os médicos dizem que Melquíades, quando está acordado, pede apenas papel e caneta. A polícia está investigando o caso para descobrir o que houve.”

O gato se levantou e saltou sobre uma mariposa que entrou na sala.

Após uma pequena pausa, o apresentador passou à notícia seguinte.

“Ismael Grande, o pintor encarcerado, saiu da penitenciária estadual hoje durante seis horas. Com forte escolta policial, Grande foi à inauguração de sua nova mostra...”

A senhora sorria olhando o gato brincar com a mariposa, e voltou a atenção à tv quando o telejornal deu lugar à propaganda.

“Envelhecer é coisa do passado. Ligue agora para o telefone que aparece em seu vídeo e peça a nova linha de cremes rejuvenescedores da...”

A senhora se levantou e foi ao telefone.

Créditos

© Alessandro Thomé, 2012
Todos os direitos reservados.

Diretor editorial: Thales Guaracy
Gerente editorial: Luís Colombini
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Paula Carvalho e Richard Sanches
Edição de arte: Carlos Renato
Serviços editoriais: Luciana Oliveira
Produção gráfica: Liliane Cristina Gomes

Preparação: Maria Fernanda Alvares
Revisão: Tulio Kawata e Raul Drewnick
Diagramação: Nobuca Rachi
Capa: Vanderlei Lopes
Imagem de capa: Brooke Lydecker / Getty Images

1a edição, 2012

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S.A. Livreiros Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Benvirá, um selo da Editora Saraiva.
Rua Henrique Schaumann, 270 | 8o andar
cep 05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP
www.benvira.com.br